Psicologia dos Santos

Henri Joly

Valdemar Teodoro Editor
Niterói - Rio de Janeiro - Brasil
2023

Henri Joly

Psicologia dos Santos

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

Psicologia dos santos

Henri Joly

Prefácio

Depois de ter estudado a psicologia dos seres inferiores, a psicologia das grandes personalidades e a psicologia dos criminosos, resolvi abordar a psicologia dos santos.

São elas psicologias diferentes umas nas outras? O instinto é uma qualidade oculta? O crime é um fenômeno à parte, o produto de um desvio ou de uma regressão espontânea da espécie? A grande personalidade é um dom misterioso do inconsciente ou é como a encarnação inesperada de uma inspiração rebelde a toda análise? O santo é um ser em quem a natureza desapareceu para dar um lugar nítido a uma ação totalmente milagrosa?

Foram tantas as respostas que eu combati!

Mas há uma que rejeito especialmente e é aquela que quer colocar todas as manifestações das faculdades humanas, mesmo as mais elevadas, sob a dependência de forças inferiores que se agitam sem objetivo e sem liberdade; que, depois de ter feito do ser humano um animal um pouco mais complicado do que os outros, vê no crime apenas uma doença, na genialidade e na santidade, formas proeminentes, mas geralmente

bizarras de tudo o que a nossa organização possui de ambição, de orgulho, de ilusão e de inquietude.

Não! Grandes e pequenas, todas as pessoas são feitas do mesmo barro e animadas pelo mesmo sopro. Todos somos colocados em diversos graus de uma mesma escala que parte de uma mesma natureza e tende a se elevar rumo a um mesmo Deus. Se nossa humanidade agrava sua fraqueza nativa se abandonando a ela ou se, cooperando com a ajuda que ela recebe, ela desenvolve tudo o que ela tem de força e de bondade possíveis, jamais se apaga completamente nela nenhum dos traços de nossa complexa natureza. Jamais, por mais degenerados ou aperfeiçoados que eles possam ser, seus representantes não deixam de nos dar advertências ou encorajamentos, em que a semelhança que nos une a eles nos dá o meio e nos impõe o dever de tirar partido. Este é o espírito no qual foi composto este novo ensaio[1].

[1] As matérias que tratei no presente livro geralmente eram bem delicadas. Fico feliz em agradecer aqui o Sr. Monier, Superior da Escola de Altos Estudos Eclesiásticos, que se propôs a rever minhas provas e me beneficiar com seu grande saber teológico, tanto quanto de sua grande experiência como estudioso.

I – A ideia de santidade nas diferentes religiões.

Uma devoção ignorante muitas vezes alterou a fisionomia dos santos. O diletantismo de mais de um neocristão de hoje em dia não arrisca menos desfigurá-los. Eles foram colocados tão acima da humanidade que pareceram fora dela. Como diz com tanta energia Mons. Dupanloup, era de se perguntar realmente "se eles eram seres humanos, filhos de Adão, de carne e osso como nós".

Agora se deseja explicar tudo neles através de influências naturais e através de influências sociais às quais pode ser submetido cada um de nós. Faz-se mesmo, de muitos deles, doentes, histéricos, sugestionados ou sugestionantes, telepatas, gente que a delicadeza inata ou adquirida de seu sistema nervoso dotou de uma segunda visão, como célebres sonâmbulos reabilitados pelas maravilhas doravante autênticas do hipnotismo.

Ou então, vai-se até certos santos ou santas quando se quer estudar ou compreender melhor certas partes da história da arte ou da literatura popular. Logo são feitas descobertas inesperadas... por aquele que se felicita com elas. Acreditava-se estar lidando com um santo e se encontra um homem, se en-

contra uma mulher. Fica-se encantado, sem dúvida, mas surpreso.

Considera-se pitoresco explicar isto perante os leitores habituais e isto é feito em um tom de alguém que não está seguro de não passar por um amante de paradoxos, mas, como pessoa de espírito que se é, não se assusta muito com isto.

É verdade que, se for percebido em seu personagem o culto do espírito mais do que da letra, uma grande liberdade, muita iniciativa, ternura, respeito pela consciência, amor ao belo e mesmo o cuidado pela propriedade, acredita-se ter feito a descoberta de um caso raro. Assinala-se como um exemplo de regressão ou atavismo essa revanche súbita da natureza ultrajada. Ou então se dá à heresia outro precursor ou discípulo inconsciente.

Não se deve, no entanto, se queixar dessas diversas fantasias. Primeiro, algumas são muito lindas. Depois, elas tiveram o mérito de mostrar que, não apenas a literatura, mas a psicologia, mas a ciência, podiam encontrar nos santos um interessante tema de estudo.

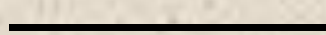
Este estudo, seguramente, não é fácil e esta é uma razão a mais para empreendê-lo.

Um sacerdote, membro de instituto, diretor da Escola Francesa de Roma, perturbou mais de uma alma ingênua ou

comum ao tocar __ com respeito, é preciso dizer? __ nas lendas dos santos. Mas isto foi preciso ser feito, no entanto, como se toca nas nossas belas catedrais para livrá-las das quinquilharias que se acumulam nelas e devolvê-las à pureza de seu estilo primitivo.

O que se faz na arquitetura e na história é possível e desejável na psicologia? Eu creio que sim. Evitemos, no entanto, essas “restaurações” ou reconstituições em que a fantasia arbitrária de um artista moderno colabora indiscretamente com os antigos e lhes impõe ideias que eles jamais tiveram.

Mas, para mais de uma dessas figuras uma “restituição” é necessária e ela é tanto um ato de piedade quanto de gosto. Se há pessoas a propósito dos quais é preciso contar com a confiança ou, para melhor dizer, com fé, sobre o valor e sobre o benefício da pura verdade, estas são seguramente os santos.



Mas, antes de abordar os santos mais de perto, convém se perguntar o que as línguas humanas entendem por santo.

Este é um estudo que tem seu preço. A ideia de santidade não é nova e ela nem sempre foi entendida, longe disto, da mesma maneira. Ao resumir a história, procurar saber como ela é compreendida nesta ou naquela civilização, isto é então

tomar, de certa maneira, a medida de uma das aspirações mais sublimes __ ou das mais orgulhosas __da espécie humana.

Que nos perdoem recuar um tanto quanto. O cristianismo "reformou" a natureza e acreditamos que, ao reformá-la, ele a fortificou e a liberou. Mas o mesmo Deus que a resgatou a tinha primeiro criado e criado "admiravelmente", segundo a palavra da liturgia. No intervalo, essa natureza muitas vezes fez grandes esforços, com sucessos desiguais, para se elevar a grandes virtudes.

Ela se elevou à santidade? Ela ao menos teve este desejo, esta pretensão, se quiserem e ela sentiu assim, nela, alguma coisa que era como que o pressentimento disto.

Foi preciso, no entanto, para isto, que ela saísse da selvageria dos povos ditos primitivos. Quando a pobre humanidade se acreditava, sobretudo, parente dos seres inferiores, com os animais, com as plantas, com a chuva, o vento e o sol; quando a coragem ou a virtude de uma pessoa dependiam da maneira como ela se apropriava da natureza do boi, do urso ou do tubarão, seja comendo-os, seja tomando o nome de um ou de outro; quando os fazedores da chuva, os feiticeiros e os chefes atribuíam seus poderes a tão estranhas alianças com os elementos inanimados ou com os animais, certas pessoas tinham

mais o desejo de se materializar do que a ambição de se tornarem mais espirituais ou mais puras.

A aparência de religião que havia nos relatos tradicionais da tribo não poderia mudar isto, já que, em sua mitologia, apesar de todas as variedades que ela nos oferece, os "espíritos" são geralmente malfazejos ou malignos.

Para que a ideia de santidade começasse a apontar, foi preciso que a inteligência humana chegasse a desejar, a esperar, a buscar o meio de se libertar dessas misérias. Foi preciso que a ideia de uma existência melhor a atraísse e a impulsionasse. No mínimo, ela teve que sentir piedade pelos prazeres grosseiros e os terrores deprimentes nos quais a maior parte dos seus iguais se agita ou se afunda.

O povo chinês é considerado, não sem razão, como um povo pouco idealista, que não compreende um reino que não seja deste mundo. Mas, na natureza humana, seus filósofos logo distinguiram mais de um grau. Acima da pessoa comum, eles colocam o sábio, que respeita sua própria razão, a cultiva, faz esforços incessantes para aplicar os princípios já conhecidos da natureza virtuosa para aplicar os princípios já conhecidos da natureza virtuosa e, se for possível, descobrir novos. Depois, acima do sábio, eles colocam o santo, ou a pessoa perfeita, que vive "como os espíritos", praticando verdadeiramen-

te, agora sem esforço, com calma e tranquilidade, a lei do céu, ou seja, a perfeição e a verdade livres de qualquer mistura[2].

Qual é para eles a origem dessa lei ou, como diz um de seus livros sagrados[3], desse mandato celeste? De que fonte sai a virtude daqueles que a praticam?

Assim que o problema metafísico ameaça surgir, o estudioso chinês se cala. Aqueles que se vangloriam de terem penetrado o fundo do seu pensamento nos dizem que para ele a santidade humana é o produto da herança, o que é recuar a dificuldade.

Mas, não peçamos a esta nação que nos revele o que ela mesma não se preocupou em descobrir. É suficiente constatar que, as olhos dela, a santidade é o estado mais perfeito da natureza, que atingi-la é uma lei humana e que, enfim, essa lei consagra uma oposição fundamental entre a terra e o que, sem explicar e nem definir, seus escritores chamam de céu.

Se a ideia da ação divina permanece vaga na noção que a China faz da santidade, isto não é, de forma alguma, o que acontece na Grécia. É memorável que os gregos viram muitas vezes na virtude o resultado de uma ação puramente humana,

---

[2] Um ex missionário, o Sr. Abade Coldre, que passou quinze anos na China, me disse que o que lhe parecia dominar nesta concepção é a ideia da retidão absoluta.
[3] Cf. Lanessan. *A moral dos filósofos chineses*, 1896.

mas que, quando eles falavam de santidade, eles a associavam à ideia de uma aproximação mais íntima com a divindade.

Temos um diálogo de Platão intitulado **Eutífron** ou A santidade. Ele se desenrola inteiramente sobre esta questão: “A santidade é santidade porque é agradável aos deuses ou ela é agradável aos deuses porque ela é santidade?”

Esta segunda solução é, naturalmente, a de Platão. Ele quer provar que toda virtude é o que é por sua essência imutável e eterna e que, se essa essência se confunde, finalmente, com o Bem Supremo, que é Deus, ela não depende da vontade arbitrária de divindades caprichosas.

Platão, no entanto, não define a santidade. Ele o fará, como diz, “outra hora”. Este é um artifício que ele adota, de bom grado, para todas as questões delicadas.

Mas, enfim, a ideia de santidade e a ideia do que é particularmente agradável à divindade lhe pareceram como que ligadas uma à outra.

A palavra santidade era tão familiar às mentes de elite que ela é encontrada até mesmo em Epicuro. Foi Cícero que nos mostrou isto: “Epicuro escreveu livros sobre a santidade, sobre a devoção para com os deuses”[4].

---

[4] Cícero. *De la nature des dieux*, II, 41.

É verdade que Cícero acrescenta: “Aqui, o ser humano zomba de nós (*ludimur ab homine*)”. Cícero quer dizer que é impossível falar seriamente de santidade e de devoção aos deuses quando se acredita que tudo é formado pelo encontro fortuito de alguns átomos e que, no ser humano, verdade, felicidade e virtude, tudo vem dos sentidos. Mas, também esta vez, esta aproximação da ideia de santidade da ideia de devoção para com os deuses é digna de nota.

De todas as religiões, exceto a nossa, nenhuma insistiu tanto na santidade quanto o budismo. Mas lá, a ideia de que o santo é um ser que agrada a Deus ou que serve a Deus melhor do que o resto das pessoas, esta ideia desapareceu completamente.

O santo budista acredita mesmo ser santo porque extinguiu ou aniquilou a natureza nele. Mas ele para por aí e não julga conveniente buscar um Deus que lhe comunique uma parte de sua virtude. Os próprios deuses ele vê como seres produzidos por metamorfoses indefinidas de uma natureza eterna e eternamente má.

Esses deuses, bem como os céus onde habitam, fazem parte deste mundo detestado. Tanto é assim que um ser que já foi deus pode voltar a ser humano ou animal.

Sem dúvida que há entre eles uma hierarquia, com uns superiores aos outros. Mas a classe superior ainda sofre com um resto de impurezas terrenas que a separa do termo tão desejado por ela e pelas pessoas.

E qual é este termo? O Nirvana!

Para chegar a ele, os deuses não são de nenhuma utilidade para o ser humano. Cabe a ele encontrar o meio de escapar para sempre das alternâncias sem fim de nascimentos e mortes, da qual os deuses também, já que existem, não se livraram.

Cabe ao ser humano salvar a si mesmo, libertar a si mesmo, santificar a si mesmo. Estas três expressões são sinônimas para o budismo. Aos seus olhos, a santidade é a libertação e a libertação é a extinção do mal. Isto é, então, o fim do mal, já que tudo é mal. Isto é o Nirvana.

Mais de um filósofo, admirado com esta religião sem Deus e essa aspiração pelo nada, acreditou poder afirmar que esse nada não passaria do repouso na plenitude de uma vida, dali por diante, imutável. Mas isto, nenhum texto diz.

Tudo o que se pode alegar sobre isto é que nenhum texto hindu diz algo contrário a isto e o que parece ainda mais certo

é que esta é uma questão que Buda não quis responder[5] e sobre a qual não quis tomar uma posição.

Escapar do perpétuo recomeço das existências lhe pareceu de uma importância tal que este cuidado deveria prevalecer sobre todos os outros. Nada de mais nítido sobre isto do que este curioso texto: "O perfeito vive ou não vive depois da morte? O sublime Buda não ensinou nada sobre isto. Ele não revelou nada sobre isto, porque isto não serve de nada ao santo, porque isto não serve de nada à vida de devoção, ao desapego pelas coisas terrenas, à cessação, ao repouso, ao conhecimento, à iluminação, ao Nirvana. Por esta razão, o Sublime não revelou nada sobre isto".

O que ele revelou a todos os seus em todas as ocasiões é que é preciso aniquilar em si mesmo todo desejo e renunciar a toda espécie de ação, pois ação e desejo são, no fundo, uma única e mesma coisa.

"Do desejo depende a natureza humana. Tal é seu desejo, tal é sua vontade, tais são suas ações, tal é a existência que lhe cabe". Ora, já que toda existência é dor, só há caminho de salvação na suspensão de todo desejo. Esta suspensão não matará

---

[5] Ver o recente volume, cheio de autoridade, de Oldenderg: *Bouddha, sa vie, sa doctrine, sa communauté*. É deste trabalho que retiro as citações seguintes. Quanto àqueles que persistem em duvidar da existência individual do personagem chamado Buda, eles tiveram que substitui-lo por um grupo de mentes que teve que se formar e propagar esta doutrina. A comparação que gostaria de esboçar sobreviverá inteiramente.

imediatamente a vida presente, mas ela fará muito melhor: ela matará, em seu germe, as vidas futuras e este é o objetivo por excelência.

Os fiéis tiveram então o cuidado de reter e meditar sobre estas palavras de Buda: “Enquanto eu me dedicava a estas contemplações, minha alma foi libertada do pecado da cobiça, do pecado do apego às coisas terrenas, do pecado do erro, do pecado da ignorância. No libertado desperta a consciência da libertação, a necessidade de renascer é abolida, a santidade atingida, o dever cumprido. Eu não retornarei a este mundo”. E este mundo é aquele onde estão os deuses, tanto quanto estão os seres humanos, já que Buda foi um deus.

Vê-se como as mentes superficiais ou desejosas de desacreditar o cristianismo tiveram aqui uma oportunidade de se iludir. Compararam muitas vezes o monge budista e o “santo” budista ao monge e ao santo do cristianismo. Por quê? Porque o budista, dizem, se quer ser santo, deve primeiro ser monge e que o monge da Índia deve renunciar à vida doméstica, à família, à propriedade, fazer voto de pobreza e de continência absolutos, mendigar por sua comida, praticar a contemplação passiva e mergulhar, se possível, no êxtase.

Mas, de onde vem o desprezo pela carne e por tudo o que interessa à carne? É porque ela está sujeita à corrupção e à morte?

De forma alguma! É porque ela está sujeita à existência indefinida.

É por isto que não se trata de reformar o mundo ou de propagar uma vida nova, empregando esta ou aquela forma de atividade. Trata-se de se desapegar inteiramente do mundo, presente e futuro.

O santo budista renuncia assim a toda ação, bem como a todo desejo, para se libertar da necessidade de renascer. Esta libertação é, mais uma vez, aos seus olhos, a própria santidade e a santidade não é outra coisa.

É difícil encontrar um contraste mais fragrante do que o que existe entre o fundo da concepção budista e o da concepção maometana. Eu digo o fundo porque, se nos apegarmos às aparências, podemos achar que um monge budista e um marabuto muçulmano se parecem muito.

Assim como o primeiro, o segundo renuncia ao mundo. Ele busca o retiro e a solidão. Ele pratica a vigília prolongada, o jejum e a abstinência. Como o primeiro, ele aspira pelas visões e o êxtase e faz com que acreditemos que ele chega a eles.

Mas, enquanto o primeiro busca a supressão das existências, o segundo deseja um renascimento perpétuo das suas faculdades corpóreas e se ele renuncia, nesta vida, a certo número de prazeres, é para encontrar muitos outros em outra vida. Enquanto o primeiro vive sem deuses, o segundo aspira se comunicar com o deus que ele invoca.

Assim, enquanto na Índia santo quer dizer "liberto", no Islã a palavra "marabuto", que designa a pessoa já iniciada ou preparada para a santidade, quer dizer, pelo contrário, "atado" ou "acorrentado". Atado ou acorrentado a quem? A Deus.

O santo propriamente dito é o *ouali*, o amigo de Deus. "O marabuto que atinge este grau de perfeição (o êxtase) é chamado de *ouali*, amigo de Deus e ele é venerado pelos fiéis, que, após sua morte, se dizem seus servidores religiosos. Nestas condições, é ortodoxo implorar sua intercessão através da prece junto a Deus e do seu profeta"[6].

Por que sinais essa intercessão, que é fruto e recompensa da santidade, se manifesta? Através de numerosos milagres, diz o muçulmano e é muito fácil para ele contar inúmeros deles, já que, por um lado, ele considera milagroso todo fenômeno natural que não é habitual e cotidiano, previsto e esperado e, por outro lado, como nenhum clérigo jamais verificou para

[6] Colonel Corneille Trumelet. *Les Saints de l'Islam*, introd.

ele as lendas dos “santos”, ele aceita todas as histórias, como a de montanhas que entram terra adentro ou da lua partida em duas.

Apesar das abstinências e apesar de todas as maravilhas, o santo do Islã não se esquece também de que seu profeta não se esqueceu da dispensação das alegrias do seu paraíso.

“Devemos reconhecer, diz um comentador, nessa singular hagiografia, que para os muçulmanos, o objetivo ou a causa determinante dos milagres se ressentem muito sensivelmente da materialidade do maometismo e que o interesse particular do santo nele prima muito frequentemente o da divindade que lhe delega uma parte do seu poder. Resumindo: o santo do Islã opera muito frequentemente por sua própria conta e em proveito de suas paixões”[7].

O que concluir destas primeiras comparações? Que acima da retidão e da honestidade, acima da sabedoria e do talento, acima da grandeza intelectual, o ser humano logo concebeu a ideia de um modo de existência mais perfeito ainda.

Nem todos os povos compreenderam que essa perfeição só podia ser devida a um tipo de associação estabelecida com uma divindade. Alguns até mesmo negaram isto deliberadamente, mas a maior parte sentiu que era impossível se elevar

[7] Idem, ibidem, LVIII.

tão alto a natureza sem ceder a um atrativo, sem ser reconfortado por um socorro verdadeiramente divino. É mesmo à inteligência desse "mandato celeste" que tendem, mesmo entre os chineses, aqueles que querem explicar a ideia de santidade.

É sobretudo no povo hebreu e na Bíblia que a ideia de santidade vai se mostrar a nós plenamente, por assim dizer, como relacionada a Deus. No Êxodo, no Levítico, no Deuteronômio, só Deus é santo e, se uma parte dessa santidade é comunicada a uma sua criatura, essa comunicação é por causa de um decreto especial, sinal de um favor particular, assegurado por uma consagração visível. Ela é também um dom gratuito e que não supõe, em princípio, nenhum mérito humano, podendo ser conferida a coisas inanimadas. É por isto que há lugares santos, dias santos, unção santa, roupas santas, hóstias santas e carnes santas.

É dito no Êxodo: *Farás uma lâmina de ouro puro na qual gravarás, como num sinete, "Consagrado a Javé". Prendê-la-ás com uma fita de púrpura violeta na frente do turbante. Estará na fronte de Aarão. Estará continuamente na sua fronte, para que os israelitas sejam aceitos por Javé*[8].

[8] Êxodo 28: 36-38.

Os sacerdotes são santos e isto quer dizer que eles são consagrados como a vítima que eles devem imolar.

Os sacerdotes não rasparão a cabeça, nem os lados de sua barba e não farão incisões em sua carne. Serão santos para o seu Deus e não profanarão o seu nome, porque oferecem a Javé os sacrifícios consumidos pelo fogo, o pão de seu Deus. Serão santos[9].

Tomado em seu conjunto, o próprio povo de Israel é santo. Não certamente pela elevação de suas virtudes e nem pela grandeza de seus méritos, mas porque Deus o escolheu e o consagrou para seu serviço.

Está escrito em Levítico: *Sereis para mim santos, porque eu, Javé, sou santo e vos separei dos outros povos para que sejais meus*[10]. E em Deuteronômio: *És um povo consagrado a Javé, teu Deus, o qual te escolheu para seres o seu povo, sua propriedade exclusiva, entre todas as outras nações da terra*[11].

No Antigo Testamento, no entanto, as ideias não permanecem imóveis e infecundas. A tradição começou pelo cerimonial, pela necessidade da fidelidade literal a um rito material e

---

[9] Levítico 21: 5 e 6.
[10] Levítico 20: 26.
[11] Deuteronômio 7: 6.

carnal. Mas era impossível que a ação divina não tendesse a se voltar de fora para dentro.

Já nos livros que citei, os seres purificados e consagrados são convidados a se assemelhar, o quanto puderem, ao Deus que os elegeu. *Terás o sacerdote por santo, porque ele oferece o pão de teu Deus. Ele será santo para ti, porque eu, Javé que vos santifico, sou santo*[12], diz o Levítico. E no primeiro livro de Samuel: *Javé dirige os passos dos seus santos, enquanto os ímpios perecem nas trevas*[13].

Em Samuel, a ideia puramente moral se destaca cada vez mais, mesmo mantendo com a ideia de Deus e o serviço a Deus a mais estreita relação. Ela se precisa sobretudo pela oposição de ideias cujas fórmulas são novas: *Com os santos sereis santo; com os fortes sereis perfeito; puro, com quem é puro; prudente, com quem é astuto. Aos humildes salvais; os semblantes soberbos humilhais*[14].

Assim se expressa Davi em um de seus cânticos. Ele, por sua vez, será qualificado como "servo de Deus"; expressão consagrada pelo próprio Deus, que disse: *O meu servo Jó*[15], enquanto esperava que, no Livro de Tobias, fosse usada a expres-

[12] Levítico 21: 8.
[13] 1 Samuel 2: 9.
[14] 2 Samuel 22: 26-28.
[15] Jó 1: 8.

são: *o santo Jó*[16]. Pouco depois, Elias é proclamado *homem de Deus*[17] e de Eliseu é dito: *Eu sei que esse homem é um santo homem de Deus*[18].

Ora, no que, dali por diante, o *santo* ou o *homem de Deus* se distingue do ímpio ou mesmo do profano? É unicamente pela fidelidade aos sacrifícios e às formas cerimoniais?

Não é o que mostram os exemplos de Jó e nem das pessoas que, na sequência dos livros santos, recordam as virtudes dos "santos Patriarcas". Não é, enfim, o que dizem as palavras dos Profetas, já que Isaías e Jeremias se dedicam, com a energia que tão bem inspirou Racine, em fazer a pureza do coração antes da purificação passar pelo sangue das cabras ou das novilhas.

Então, se nos reportarmos por um momento às comparações que acabamos de resumir, é a religião sem Deus que tem a ideia mais austera de santidade e, pode-se dizer, até a mais assustadora. Será isto um paradoxo para algumas mentes preconceituosas?

É que, de fato, suprimido Deus, a natureza não é libertada. Ela cai, pelo contrário, sob a impiedosa escravidão de uma

---

[16] Tobias 2: 12.
[17] 1 Reis 17:18
[18] 2 Reis 4: 9.

fatalidade em que nada permite compreender o sentido e nem prever o fim.

Em suma, é, portanto, um espetáculo comovente e um crédito à natureza degenerada, o esforço desesperado de tantos milhões de pessoas para se libertar dos laços de uma carne cujo vazio e todos os tormentos elas sentiram ao mesmo tempo.

O muçulmano acredita e tem esperança em Deus, mas, realmente, ele espera de Deus coisas que tornam a santidade bem atraente para aqueles que só renunciaram na aparência às alegrias do orgulho e da concupiscência.

Por fim, o crente do Antigo Testamento começou por se sentir completamente nas mãos de um Deus que guarda para ele a santidade, que só exige obediência pontual e promete, em troca, a felicidade terrena. Foi pouco a pouco que o ser humano, “percorrendo os caminhos de Deus”, se sentiu ser mais que seu servo, formou em seu próprio coração um impulso mais livre e mais sustentado e pensou que o amor devia responder ao amor, em toda parte, em todas as pessoas e além da vida.

A verdadeira crença estava então mais do que esboçada, quando o autor do Livro de Tobias disse de seus dois jovens esposos: *Perseveraram numa vida íntegra e santo procedi-*

mento, de modo que foram amados tanto por Deus como pelas pessoas e por todos os seus compatriotas[19].

Chegamos assim ao Novo Testamento.

É verdade que seus herdeiros se dividiram, mas é sobretudo sobre a intercessão e sobre o culto dos santos que eles travaram entre eles disputas bem vivas, pois todos acreditam na santidade. Entre os santos que figuram no calendário, desde São Paulo até São Francisco de Assis e até próximo à Reforma, há muitos que os protestantes de hoje em dia qualificam como católicos, mas que recomendam muito ardentemente a busca da comunhão espiritual, com vistas à imitação deles.

Há um ponto sobre o qual o acordo foi ainda mais precioso entre os católicos e os protestantes na crença em algo positivo. Deus é a santidade por excelência, assim como a Bíblia proclamou, mas essa santidade foi oferecida a nós sob uma forma menos inacessível, quando ela foi proposta como um modelo e como um socorro na pessoa de Jesus.

Se eu tomo as grandes publicações dos últimos vinte anos, eu vejo que o protestantismo acredita que "a santidade foi realizada pela primeira vez na terra por Jesus Cristo. Desde sua vinda ao mundo, não apenas sabemos, mas também con-

[19] Tobias 14: 17.

templamos o que é a santidade verdadeira nas condições da vida humana" [20].

Os mesmos teólogos protestantes[21] precisam sua opinião pela distinção que estabelecem entre a pessoa justa e a pessoa santa. O justo foi justificado, eles dizem, pela obediência ao preceito de Jesus Cristo que diz "Venham a mim". Mas o santo ou o santificado não se contentou em ir até Jesus e deu um passo a mais: ele obedeceu ao apelo que lhe disse: *Permanecei em mim e eu permanecerei em vós*[22].

Por fim, mesmo recordando a variedade indefinida das fórmulas próprias às seitas protestantes, é permitido salientar esta: "A santificação reclama boas obras procedentes da regeneração do coração através da fé". Ora, a fé, não há necessidade de ser sutil, é a fé na divindade de Cristo, é a fé na possibilidade de participar da divindade daquele que, do seu lado, quis participar da nossa humanidade.

Que nos baste termos remontado assim à fonte comum. Sob todo ponto de vista, compreender-se-á que quisemos sobretudo considerar os santos na Igreja Católica.

---

[20] *Encyclopédie des sciences religieuses*, Tome XI, Article « sainteté ». Paris, 1881.
[21] É preciso reconhecer que estas ideias diferem muito sensivelmente das de Lutero ou ao menos elas atenuam, com o silêncio, o espírito sectário e exclusivo das dele. Para Lutero, a santidade, nos cristãos, não passava de uma santidade imputativa, não mudando no fundo de nosso eu e jogando simplesmente sobre nossas perversidades nativas o manto dos méritos de Cristo. E, quanto a estes méritos, eles nos foram imputados somente pela fé, sem que fosse necessário acrescentar a ele as boas obras.
[22] João 15: 4.

Aqueles que, fora de qualquer controvérsia sobre o dogma, só quiseram estudar a santidade sob o ponto de vista da psicologia e para conhecer os recursos profundos da alma humana dirão imediatamente que, quando se fala dos santos, trata-se de santos verificados, proclamados, honrados, contados e cantados pela Igreja Católica.

Para o historiador, para o literato, para o psicólogo, bem como para o povo, estes verdadeiramente são os santos, esta é a família de seres extraordinários, a propósito dos quais é bom se perguntar como, de que maneira, a que preço e com que fruto eles ultrapassam o alcance da humanidade.

Esse parentesco dos santos com Jesus nos foi explicado por aquele que talvez tenha sido, intelectualmente, o mais aproximado dele, já que foi o Apóstolo por excelência. Se, como reconhecem os protestantes, foi necessário que a santidade de Deus se mostrasse mais perto de nós, em Jesus, não foi salvífico que, por sua vez, a santidade de Jesus se mostrasse mais humana ainda em seus discípulos imediatos e, particularmente, naquele sobre o qual foi dito que seu coração era o próprio coração de Cristo: *Cor Pauli cor Christi erat*)[23]?

---

[23] São João Crisóstomo. *Homilia XXXII: Epistola ad Romanos*. Estas palavras servem de epígrafo a um dos capítulos do livro tão interessante do Sr. Abade Fouard sobre São Paulo: *São Paulo: suas missões*, Prefácio.

Nossa humanidade já estava em seu Mestre, mas quem poderia evitar a ideia de que uma humanidade ligada tão estreitamente à essência divina ainda estava muito acima de nós? Com a santidade do Apóstolo, reencontramos então o coração de Cristo, mas essa fé com as fraquezas morais e não somente corporais da humanidade, com a natureza se iniciando em toda a dureza do pecado e, mesmo após a conversão mais espetacular, conservando em tentações repetidas os traços mal apagados das misérias de nossa espécie.

Não se pode fazer diferente do que se deter aqui diante de uma figura assim. Muitos cristãos só conhecem o Apóstolo através da leitura dos grandes textos lidos nos ofícios da Igreja. Destacados assim e inseridos nas manifestações mais augustas do culto, eles possuem uma grandeza sobrenatural. Trata-se da própria voz da Igreja universal juntando o Novo Testamento ao Antigo e fixando a interpretação dos mistérios.

Mas, o que os consagra assim no pio respeito do fiel não retira, do leitor distraído de um momento, uma parte do seu valor histórico? Este valor reaparece quando se lê em sequência as próprias Epístolas. Sente-se então o tom emocionado de um homem que recolheu a tradição viva de Jesus e que o viu na nuvem. Os acontecimentos tão autênticos dos quais ele tomou parte estabelecem um laço visível entre sua pregação e a

de Cristo. Ao serem intercalados, os textos decisivos assumem um sentido humano e pessoal, sem nada perder da grandeza que devem à revelação que nos trazem.

Se, enfim, colocarmos essas Epístolas exatamente nos meios sociais, geográficos, históricos onde elas foram compostas, elas apresentam um tom mais individual ainda. Sente-se que elas custaram dores, esforços, angústias, combates, alternados com as iluminações da graça. Fica-se surpreso em ver os dogmas mais sublimes expressos em um dado momento, diante de um perigo conhecido, com todas as nuances familiares de uma linguagem emocionada e, às vezes, com as precauções obrigatórias da prudência humana.

O célebre *foris pugnœ intus timores*[24] é percebido em toda parte e parece mesmo que isto possa ser, dali por diante, a divisa dos santos, só mostrando aos inimigos uma coragem feita para o martírio, não se escondendo para os amigos, confessando totalmente aos superiores e aos iguais as dores interiores, as tentações, as horas de dúvidas, se deixando, enfim, ver ao resto dos discípulos com uma nuance intermediária, feita de pouco ardor para o combate, mas também pouca tristeza, para não desencorajar as almas fracas ou incertas.

---

[24] 2 Coríntios 7: 5. *Combates por fora, temores por dentro*.

Então, o grande Apóstolo não nos explica somente o dogma; ele nos explica também o que é a santidade da vida nova. Penetrado pela ideia de que, ao morrer por toda a humanidade, Nosso Senhor convidou a viverem nele e a viverem assim a vida santa, ele chama muitas vezes de santos os fiéis que conheceram Jesus Cristo e depois, aqueles que, no meio da sociedade pagã, separados das suas supertições, viviam uns perto dos outros, para melhor conservarem o depósito da fé.

O sentido desta palavra permaneceu ainda no tempo de São Jerônimo. A vida cristã e a vida santa pareciam formar uma única e mesma coisa e, afinal, no dogma católico, jamais deixamos de sermos todos convidados a nos tornarmos santos.

Isto quer dizer que, aos olhos de São Paulo, basta ter renunciado ao paganismo e ter se entregado a Jesus Cristo para chegar, ao mesmo tempo, à santidade perfeita?

Seguramente que não, já que ele reconhece, na Igreja de Deus, não apenas muitos ministérios, ofícios, dons espirituais diversos e graças diferentes, mas também graus na caridade, cuja virtude é superior à da profecia, do apostolado e dos milagres.

Que ele reservou então, à parte, uma elite que levou ao limite sua separação do mundo, isto não há dúvida. A essa elite também, mais que à massa dos eleitos, à *turba magna* (a

grande massa), ele aplicaria estas palavras: *Os que ele distinguiu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito em uma multidão de irmãos*[25].

Esses irmãos se contentam então em habitar e repousar na família santa? Eles não têm que se conservarem puros e não se tornarem indignos da escolha que foi feita deles? Sendo servos de Deus, eles não passam de servos?

Não. O grande Apóstolo, o *irmão* que veio tão rápido depois do *primogênito* descreveu da santidade uma característica muito mais elevada, quando escreveu estas palavras impressionantes: *O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne*[26].

Quando Bossuet se deparou com estas palavras inesperadas, ele a interpretou dizendo que Jesus só tinha sofrido em Jerusalém e que era preciso que a cruz fosse levada a Grécia, a Roma e, de lá, para o resto do mundo[27].

---

[25] Romanos 8: 29.

[26] Colossenses 1: 24.

[27] Cf. *Panégyrique de saint Paul*. "… ele irá por toda a terra. Cristãos, por que razão? Ele mesmo nos diz: 'Foi para levar para toda parte a morte e a cruz de Jesus impressas em seu próprio corpo". *Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus* (2 Coríntios 4: 10). Talvez seja por isto que ele disse estas belas palavras, ao escrever aos Colossenses: *O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne* (Colossenses 1: 24). O que você nos diz, ó grande Paulo? Então pode faltar ainda alguma coisa ao preço pago e ao valor infinito dos sofrimentos do seu Mestre? Não, não é este seu pensamento. Esse grande homem não ignora que nada falta à sua dignidade, mas o que falta, ele diz, é que Jesus sofreu somente em Jerusalém e como sua força está toda em sua cruz, é preciso que ele sofra por todo o mundo, para atrair todo mundo. Isto foi o que o Apóstolo quis realizar. Os judeus viram a

Encontro uma interpretação mais profunda em um de seus contemporâneos, um escritor menor, seguramente, mas certamente também mais aproximado da santidade, já que se busca sua canonização neste exato momento. Eu quero me referir a Jean-Jacques Olier de Verneuil (1608-1657) , o fundador da Compagnie des Prêtres de Saint-Sulpice.

"A festa de todos os santos me parece maior, de certa maneira, do que a de Páscoa ou a da Ascensão, pois é este mistério que torna Nosso Senhor perfeito, pois Jesus, como Cabeça, não é perfeito nem completo se não estiver unido a todos os seus membros, que são seus santos"[28], ele diz.

"Essa festa é gloriosa porque manifesta exteriormente a vida oculta do interior de Jesus Cristo, pois toda a excelência e a perfeição dos santos é apenas uma emanação compartilhada do seu espírito derramado em nós todos", ele diz também.

Na vida cristã, mais uma vez, essa participação deveria ser a partilha de todos os fiéis. De fato, só a vemos bem realizada em um pequeno número e é a este pequeno número que a Igreja, em sua linguagem corrente, reservou o título de santos.

---

cruz do seu Mestre, mas ele quer mostrá-la aos gentios, dos quais ele é o pregador. Ele vai então, com este pensamento, do nascente ao poente, de Jerusalém até Roma, carregando por toda parte, com ele mesmo, a cruz de Jesus e completando seus sofrimentos, encontando em toda parte novos suplícios, fazendo em toda parte novos fiéis e enchendo tantas nações com seu sangue e com seu Evangelho'". Bossuet, *Œuvres complètes*. Tome 2.

[28] *Lettres II*, Lettre CCCLXXXVI.

Então, se compreendemos bem este belo texto do Pe. Olier, os santos são destinados a manifestar exteriormente a vida "oculta" do Salvador. Eles puderam, eles tiveram primeiro que começar por "ocultar" a eles mesmos em seu coração.

Isto foi o que disseram, de São Francisco de Assis, os famosos "três companheiros" que contaram sua vida e que lhe aplicaram estas outras palavras de São Paulo: "Ele se dedicou a ocultar Jesus em seu ser interior"[29].

Mas estes dois pensamentos, como teremos que analisar mais amplamente, não são contraditórios. Desse interior, uma vez cheio, jorra, como de sua verdadeira fonte, a ação exterior que, por um caminho ou outro, fecunda o campo onde são realizados os trabalhos úteis à humanidade.

Há algo aqui que provoca o ceticismo das mentes para as quais o santo é necessariamente um ser que despreza a natureza e a sociedade. Mas não há nada que provoca a admiração daqueles que estão habituados a ver a mão e a marca dos santos em todas as evoluções e revoluções da nossa espécie.

O santo, que é uma pessoa de Deus, é, primeiramente, uma pessoa e é uma pessoa que não apenas cresceu, que não apenas se engrandeceu sob a ação da graça, no sentido do so-

---

[29] *Legenda Trium Sociorum*, 8. "*Studebat in interiorem hominem recondere Jesum Christum*".

brenatural e da eternidade. Bossuet chama os santos de "as grandes personalidades que plantaram a Igreja de Deus e que a plantaram com seu sangue"[30].

É bom nos perguntarmos no que eles se assemelham àquelas grandes personalidades que são consideradas assim no sentido puramente humano e profano e no que eles se diferenciam delas.

Eu descarto, evidentemente, a comparação muito fácil entre as virtudes que, em uns, conseguem fazer crescer os mais humildes e as fraquezas que não impedem outros de serem grandes na arte e na ciência. Destas duas grandezas, qual é a que está mais afastada do nosso alcance e que parece que deve permanecer a mais inacessível à imensa maioria de nós?

Muitos dirão que nada é mais difícil do que a santidade e, certamente, olhando os obstáculos que nós mesmos erguemos diante de nós, somos tentados a acreditar nisto. Talvez seja mesmo preciso dizer que acreditamos nisto porque queremos acreditar nisto e que nosso apego à vida sensorial nos faz buscar nisto mais do que uma desculpa: uma justificativa para nossas fraquezas. No entanto, acabamos de ver que uma das

[30] Ver Segundo Sermão para a Festa de Todos os Santos, (3º. Ponto).

verdades do cristianismo é que somos chamados para a santidade.

O gênio precisou de preparação, de oportunidade, de materiais excepcionais. Ele precisou de precursores, um lugar de ação favorável, um extenso conhecimento das necessidades do tempo, um teatro que o esperasse, uma multidão que o reclamasse e que o levasse ao poder exterior, ao ruído, à glória mundana.

Eu não digo que não haja nada de semelhante nos grandes santos, naqueles que, pelo governo ou a defesa da Igreja, foram misturados aos combates e às vitórias da civilização. Mas, ao lado destes, quantos outros que se contentaram em ser o sal da terra, destacando como fizeram, o gosto pelos deveres obscuros e as missões aparentemente as mais sacrificadas!

Seria impossível e contraditório mesmo sustentar que se possa ser uma grande personalidade em alguma condição que seja, mas santos, a Igreja nos oferece em todos os estados possíveis.

Se prestarmos atenção à profissão, abandonada sem dúvida, no momento da conversão, mas praticada por longos anos, encontramos, nas listas dos santos, atores e muitas ex-cortesãs. Se nos detivermos nas próprias profissões que o homem ou a mulher santificados puderam continuar a exercer,

veremos que a Igreja canonizou não apenas monges, ao lado de duques e duquesas, reis e rainhas, imperadores e imperatrizes, mas comerciantes, professores, jardineiros, lavradores, pastores e pastoras, advogados e médicos, um estalajadeiro, um ex-carrasco, ex-carcereiros, agentes do fisco e magistrados, mendigos e empregados domésticos, artesãos, sapateiros, carpinteiros e ferreiros, sem esquecer os pecadores!

"Para canonizar um servo de Deus, basta que se tenha a prova de que ele praticou em um grau eminente e heroico as virtudes que a oportunidade lhe ofereceu, segundo sua condição, segundo sua posição e segundo o estado de sua pessoa"[31], diz Bento XIV.

A Igreja pede somente que este heroísmo não tenha sido a inspiração de um momento, mas que ele tenha se manifestado por toda a vida, através de atos múltiplos e variados. Se, para um grande número de mártires, ela se contentou com o testemunho que a morte deu sobre eles, é que o sacrifício que eles fizeram de suas vidas à fé deles é considerado como um resumo, neste ato marcante e neste heroísmo, do que deve ter

---

[31] Bento XIV. *Sobre a beatificação e a canonização dos santos*. Prospero Lorenzo Lambertini ; Benedicti Papæ XIV, *De servorum Dei beatificatione et de beatorum canonizatione*, III, 21.
Já que cito isto pela primeira vez, é o momento de dizer que o que caracteriza sua grande obra não é tanto um tipo de regra imposta pela autoridade à santidade dos fiéis, mas um resumo, por assim dizer, experimental do que a vida secular do cristianismo e o desenvolvimento espontâneo da santidade revelaram sucessivamente a todos os doutores e a todos os pastores da Igreja. Este é o interesse não apenas doutrinário, mas histórico e psicológico deste tratado.

sido preparado por suas vidas já vividas e que não deixaria de santificar o resto de suas existências, se eles tivessem sido chamados para continuar na terra.

Esta também é a explicação que dá Bento XIV.

Isto é o que faz com que a vida interior dos santos tenha uma importância muito mais considerável do que nas grandes personalidades do mundo. Um simples momento de reflexão nos adverte sobre isto e toda a história dos santos nos demonstra isto. Não há santos sem preces extraordinárias, sem impulsos interiores e contínuos para Deus, sem meditações e sem amor pelo retiro.

A grande personalidade propriamente dita é mais ávida de sucesso exterior e esses sucessos podem muito bem ser de uma ordem mais elevada do que os sucessos passageiros da moda, mas não deixam de ser atraídos para polêmicas, para disputas acadêmicas e, sobretudo, para os conflitos da política. Ela quer se assegurar sobre as criaturas que consentem em executar para ela uma grande parte dos seus propósitos e quer ser amada pelo público e forçar a admiração dele. E por isto que ela comanda os acontecimentos, muda as convicções ou modifica os gostos de todo um povo, mas é raro que ela consiga isto sem ter bajulado muitas paixões, sem ter propiciado satisfações que começaram por perturbar violentamente as almas,

para colocar em perigo a paz dos espíritos ou mesmo a paz das nações.

O santo, quando ele age mais poderosamente, só busca se retirar do mundo, viver ignorado e desprezado, satisfeito em espalhar ao redor dele, pela oração e o sacrifício, a paz que ele tanto desejou para ele mesmo!

A grande personalidade __ tão grande para as massas e para todos aqueles que só veem os resultados exteriores de suas ações __ é muitas vezes pequena para aqueles que se aproximam dele e que conhecem todas as fraquezas do seu caráter. Não é este o único sentido do provérbio que diz que não há uma grande personalidade para seu criado de quarto?

Contrariamente, é para aqueles que mais se aproximaram dele que o santo é mais santo. São eles que __ testemunhas de suas virtudes ocultas, de sua ternura ignorada, do seu crédito junto a Deus e de sua invisível ação sobre as almas __ terão que esclarecer, na maioria das vezes, a ignorância e dissipar os preconceitos que o desconhecem.

Desta diferença resulta outra. A alma do santo é mais livre do que a da grande personalidade.

__ Oras! Mais livre, com o amor pela Letra e pela disciplina? Com a submissão à graça que o transformou e subjugou?

__ Sim. E para responder à objeção, nem mesmo é necessário recorrer à teologia. A filosofia mais elementar, a dos pagãos, não nos diz, com Sêneca, que obedecer a Deus é a liberdade[32]? Ela não mostra que a regra livremente escolhida não destrói, mas consagra e fortifica a liberdade que apenas se havia pressentido e que não se tarda em desfrutar plenamente de todos seus benefícios?

Eu não sou daqueles que acreditam que a genialidade é um produto do inconsciente e que o destino das grandes personalidades está escrito pela fatalidade de seu temperamento ou das circunstâncias e do meio[33]. Mas, seja qual for o heroísmo refletido que eles tenham que empregar para tirar desses dados a brilhante vantagem que eles obtêm deles, de quantas maneiras eles sofrem com sua tirania! Tirania dos sentidos, tirania da paixão e da ambição, tirania dos fatos que eles criaram e que tão frequentemente se voltam contra eles, tirania das falsas admirações, tirania mais imperiosa e mais desastrosa ainda dos falsos amigos, cujas cobiças eles irritaram!

Qual é a grande personalidade que não se sentiu humilhada, atormentada, infeliz, com esses múltiplos assaltos?

[32] *Parere Deo libertas est, in De Vita Beata*.
[33] Sobre estas diversas questões, eu me permito enviar ao meu livro *Psychologie des grands hommes*.

Eu não creio também na insanidade necessária ou inevitável das grandes personalidades, assim como não creio na fatalidade de seus destinos. Mas, se nenhuma genialidade começou como uma doença mental, não é raro encontrar aquelas que acabaram com ela.

Mas não se conhecem casos semelhantes entre os santos.

A doença física, os obstáculos, as provações, a resistência dos amigos, assim como a dos inimigos, o conhecimento humilhado de si mesmo, o santo experimentou tudo isto. Mas nada disto o domina ou o prende, pois nisto ele encontra, precisamente, o alimento cotidiano de sua santidade.

Como diz Santa Tereza d'Ávila, este é o pão com o qual é preciso que ele coma seu mais sublime e seu mais requintado alimento. Ele se proíbe desfrutar de um sem o outro e é mesmo esse pão grosseiro que, em seu próprio testemunho, forma e sustenta a parte mais sólida do seu temperamento espiritual.

Dessa liberdade inatacável resulta, na vida dos santos, uma unidade que não é encontrada no mesmo grau na vida das grandes personalidades. Nesta, seguramente, há uma que vem da ideia dominante e do grande propósito para cuja realização o personagem trabalha em três quartos de sua vida.

Toda personalidade genial traz para a humanidade __ ou ao menos aos seus concidadãos __ um estilo novo, um método

novo, soluções novas, uma tática nova e é esta novidade militante e triunfante que faz a unidade do seu destino histórico. Mas, em toda a esfera da sua existência que não está diretamente interessada no sucesso da concepção dominante... quantas partes doentias, quantas desordens e incoerências! Quantas vezes não acontece de essa região inferior chegar a corromper a outra e a arrastá-la a uma decadência prematura! Que eclipses! Que sacrifícios inúteis e lamentáveis! Que lágrimas sangrentas e dolorosas!

Assim, uma última característica distingue o santo da pessoa genial: trata-se do progresso constante e indefinido.

Aqui também, não é que eu admita todas as fantasias que foram traçadas sobre a precocidade inverossímil das grandes personalidades, no caráter súbito da vocação delas, na perfeição imediata de suas ações, o que permite, dizem, compreender a queda rápida de um grande número deles, como se obedecessem a um instinto misterioso que, no dia em que seu trabalho está cumprido, se retira, os deixando desarmados.

Todas estas afirmações são de uma exatidão muito relativa, pois há grandes personalidades que são muito precoces, mas há outras que o são menos ou que até mesmo não o são inteiramente. Em suma, há poucos cujas vidas não oferecem

um exemplo de progresso adquirido com o trabalho e com a luta.

Mas, por outro lado, esse progresso não parece ser neles uma lei necessária e nem uma lei sem exceções. Há aqueles que acabam em uma derrota provocada pelo abuso que fizeram de seu sistema ou de seu poder.

Alexandre se mata com a embriaguez. Luis XIV e Napoleão deixam a França esgotada e mutilada. Corneille terminou em tragédias, como Pertharite e Suréna. A mão do grande escultor ou do grande pintor sempre acaba por não poder mais sustentar o cinzel ou o pincel. O cérebro de Newton cedeu após uma tensão desmesurada e ele cedeu a uma apatia senil.

Mas o santo __ quem não sabe? __ cresce em santidade até o último dos seus dias. Que seus milagres sejam explicados como se quiser, pois eu não trato aqui desta questão, mas é também em seu leito de morte que ele mais os realiza. É este dia que, mais também do que todos os outros dias de sua vida, o consagra, pois é ele que parece ser o mais pleno de virtude e de eficácia.

Estas diferenças, no entanto, não suprimem os pontos de contato. A santidade e a genialidade foram muitas vezes reunidas na mesma pessoa, o que bastaria para provar que uma não é, necessariamente, inimiga da outra. Em Santo Agostinho, em

São Tomás, em São Luís, em São Gregório Magno, em São Gregório VIII, em nenhuma destas personalidades, uma prejudicou a outra, sua associada.

Dir-se-á que este encontro é, em suma, um acontecimento pouco comum. Isto é verdade, pois o santo foge, mais do que busca, das oportunidades para agir exteriormente sobre os acontecimentos nacionais e mesmo sobre as inteligências. Mas, em seu modo de desenvolvimento e de ação, ele tem também com a grande personalidade alguns pontos de semelhança que merecem ser notados.

Nem um nem outro permanecem realmente isolados no meio, aqui literário, artístico, político e lá, moral, devoto, caridoso, onde eles aparecem, no entanto, como uma elite rara e imprevista. A santidade tem, em certo sentido, centros de criação que, em muitos aspectos, são humanos e históricos. São os grupos que, em certa época, aspiram ao deserto para fugir do paganismo dos costumes ainda mais do que das instituições e das ideias; são as comunidades; são as falanges de monges desbravadores e conversores; são os lugares onde mais de um crente quer enfrentar o martírio; são ainda os lugares onde muitas mentes sinceras sentem a necessidade de uma profunda reforma.

Em tempos de sensualidade pagã, é preciso recordar a independência da mulher através da prática voluntária e respeitada da castidade. São Jerônimo e Santo Ambrósio multiplicam então seus apelos ao celibato monástico, da mesma forma como, mais tarde, em momentos em que o clero corrompido estará repleto de concubinários, um rei e uma rainha o reformarão através do solene exemplo que darão da mais difícil das continências[34].

Sempre haverá santos para fazer com que seja amado o desinteresse e a pobreza diante de uma barbárie espoliadora e usurária, para abrir conventos de trabalhadores da terra diante de uma barbárie combativa e conventos de eruditos diante de uma barbárie destrutiva e ignorante. Eles serão encontrados mais tarde para agrupar religiosos que se obrigam a uma obediência absoluta diante do espírito de revolta, de dissidência e de abandono ao seu sentido pessoal. Eles serão encontrados para abrir sementeiras livres de sacerdotes seculares, diante de um regime em que o nascimento fornece tudo, até as mais altas dignidades episcopais e assim por diante. A enumeração completa seria longa.

Isto quer dizer que essas criações sucessivas da santidade sejam expedientes momentâneos contra o perigo de um dia?

[34] Ver *La nouvelle vie de sainte Hedwige*. Paris, Blond et Barrai.

Não, pois os inimigos que elas combatem raramente são inimigos de um dia e dessas grandes fundações poucas são vistas que não se mantenham restaurando __ quando é preciso __ e interpretando exatamente o puro e fecundo espírito do seu primeiro autor.

Mas, quando uma dessas necessidades permanentes da humanidade se faz sentir com uma intensidade mais imperiosa e em condições mais difíceis do que nunca, então surge um personagem que, sem destruir nada, acrescenta uma força nova a todas aquelas que já estavam à disposição da cristandade. Assim, na ordem puramente humana, fazem os gênios que servem, ao mesmo tempo, seu tempo e a posteridade.

Por fim, se nenhum país possui o privilégio de fornecer santos, há aqueles que possuem o privilégio de consagrar os mais ilustres deles e de conferir, à ação deles, uma amplitude universal.

Muitas vezes se observou que, se a literatura francesa era menos espontânea, menos nacional e menos popular do que muitas outras, ela tinha, em troca, um caráter de razão soberana que atraía para sua órbita um número maior de iniciações, de vocações, de adesões, de orientações vindas das literaturas mais diversas. Pois bem! Algo semelhante foi observado com relação aos santos.

“Coisa memorável, dizem, é que quase todas as ordens religiosas só se desenvolveram, só invadiram o mundo após terem tocado o solo francês! São Bento viveu e morreu na Itália, mas seu primeiro e mais ilustre discípulo, São Mauro, se apressou em se estabelecer na França. São Columba para aqui veio da Irlanda; São Bruno, das bordas do Reno; São Norberto, dos cafundós da Alemanha; São Domingos de Castela e, depois dele, São Tomás de Aquino, da Itália; Santo Inácio, de Pampeluna. Todos eram estrangeiros e todos foram conduzidos misteriosamente à França, seja porque Deus, ao predestinar esta nação para ser a filha mais velha da Igreja, quis lhe reservar a honra de colocar a mão em todas as grandes obras católicas, seja porque a genialidade francesa, com suas belas qualidades de luz e de calor, era mais adequada do que qualquer outra para comunicar às obras, o caráter de simplicidade, de clareza, de grandeza e de graça que triunfa de todas as mentes e que seduz todos os corações”[35].

Depois dos lugares vêm os tempos. A relação do personagem com seu meio, é preciso reconhecer, se faz sentir ainda mais na ação emanada dele do que naquela que preparou sua vinda.

---

[35] Mgr. Bougaud. *Histoire de sainte Chantal*, I, 519.

Mas este também é o caso do grande personagem. Este luta algumas vezes para fazer com que sejam aceitas sua obra, sua descoberta, sua estratégia. Uma vez que ele tenha conseguido isto, a distância que o separava de seus concidadãos ou do resto da humanidade é, em parte, superada. Este é mesmo o sinal com que muitas vezes se reconhece que a obra era realmente criativa e que aquele que a realizou merece ser colocado entre as grandes personalidades.

Não acontece algo de semelhante com os santos?

Qual foi então o apóstolo, o fundador de uma ordem, o revelador ou o iniciador de uma devoção destinada a se tornar universal, o reformador da Igreja que não teve que sofrer, eu não digo de seus inimigos, mas de seus amigos, de seus irmãos e de suas irmãs de fé?

É que todo aquele que é grande, seja pela genialidade ou seja pela santidade, começa por causar admiração, por assustar, por escandalizar todos que vivem na mediocridade e na rotina. Contra aquele que demanda esforços e sacrifícios aos quais não se está preparado se levantam inevitavelmente as objeções, as dúvidas, as suspeitas e as acusações, de boa ou de má fé.

Mas, quando a prova foi feita, uma nova força é colocada à disposição das almas. Os olhos que buscavam uma luz mais

pura ficam felizes em seguir aquela que brilha diante deles. Os corações que sofriam com um inexplicável desgosto atendem ao novo chamado e se torna, dali por diante, se não fácil, ao menos possível para os mais fracos percorrerem uma estrada já traçada.

Então, por maior que seja a distância entre a natureza e a graça, entre a vida religiosa e a vida social, não há uma separação radical, não há uma impossibilidade de aproximação, de uma aproximação íntima e muito menos há hostilidade. Se muitas vezes se acredita no contrário, é porque se confunde completamente a santidade com a mística e, sobretudo, porque se faz da mística uma ideia não muito justa.

O que é a mística?

Ela é primeiro definida pelos filósofos e, particularmente, por Victor Cousin, que nos diz: "é o contrapeso do racionalismo, é o desespero da inteligência que, duvidando da eficácia da razão, sonha com uma comunicação direta com Deus, é uma fé cega e levada até ao esquecimento de todas as condições impostas à natureza humana, não querendo reconhecer entre Deus e o ser humano nenhum intermediário, nem do universo sensível, nem da razão, pretendendo assim, não apenas perceber Deus face a face, mas se unir a ele, às vezes pelo sentimento, às vezes por algum outro processo oculto, suprimindo a

reflexão, atacando até a liberdade, substituindo o esforço por uma contemplação sem pensamento e quase sem consciência".

É necessário dizer que esta mística não é a dos católicos e muito menos a dos santos? Certamente que estes não depositam na razão humana uma confiança ilimitada. Eles acreditam que ela tem que receber de Deus a revelação de certas verdades que ela não pôde encontrar por ela mesma. Mas, se eles veem os limites da razão, eles estão muito longe de atacá-la com uma suspeita radical e de desencorajar o esforço.

Por outro lado, insinuar que eles recusam qualquer intermediário[36] __ eu digo mesmo qualquer intermediário natural __ entre Deus e o ser humano não seria verdadeiramente sério. A mística dos santos não tem então nenhuma relação com a mística alexandrina[37] e com aquela que se encontra aqui e ali na história dos sistemas filosóficos.

---

[36] *É preciso compreender bem que tudo que nos ata de maneira a nos retirar o hábito da oração deve nos ser suspeito e que jamais com isto se chegará à liberdade de espírito, pois uma das consequência dessa liberdade é encontrar Deus em todas as coisas e elevar seu pensamento e seu coração até ele. O resto é uma sujeição do espírito que, além do mal que faz ao corpo, é um obstáculo à alma para avançar. É como se fosse encontrado em seu caminho um pântano ou um atoleiro que impede seguir em frente, enquanto que se precisa, para fazer um grande progresso na devoção, não apenas caminhar, mas voar* . Santa Tereza d'Ávila. *O livro das fundações*, cap. VI.

[37] *Já que a escola de Alexandria é uma escola mística, o que nela desempenha o principal papel é a teodiceia. A filosofia de Alexandria não faz uma teodiceia para sua psicologia, mas faz sua psicologia para sua teodiceia. Seu objetivo era um objetivo religioso. O coração de sua filosofia devia ser e é de fato um efeito da teodiceia.* ***Cours de l'histoire de la philosophie moderne***. Histoire de la philosophie au XVIIIe siècle. Esquisse d'une histoire générale de la philosophie jusqu'au XVIIIe siècle. Victor Cousin. Ed. Didier, 1847.

Depois dos metafísicos vêm os sociólogos ou os moralistas, que escrevem: "trata-se do contrapé do naturalismo, é o descrédito jogado na vida terrena do ser humano, é o desprezo pela sociedade e pela natureza, julgadas igualmente más".

"Típico deste estado de espírito é o monge. Tendo se livrado de todo egoísmo, mas também de toda personalidade, é cheio de amor para com as misérias, mas ele mesmo é uma presa totalmente pronta e totalmente dócil para com o despotismo e para com a supertição"[38]. E se acredita ter acabado de dar uma explicação satisfatória ao dizer: "A mística é bem anterior ao cristianismo. Ela é o próprio fundamento do budismo".

O que foi lido acima sobre a ideia de santidade no budismo já mostra o quanto esta comparação é artificial e o que vai se seguir acabará por demonstrar isto.

O místico católico não despreza a natureza, assim como não despreza a razão. Ele acredita simplesmente que nem uma e nem outra pode se bastar e que, ao pretenderem isto, ambas se enfraquecem e desgastam.

É então arbitrariamente tendencioso lhe imputar um descaso e um desdém que ele jamais professou. Sem chegar a isto,

---

[38] Ver a série filosófica do **Journal des Débats**, da noite de quinta-feira, 8 de agosto de 1895. "Naturalismo e Misticismo", pelo Sr. J. Bourdeau. O autor previne ter resumido algumas lições inéditas de Hippolyte Taine, o que dá mais importância às suas citações.

há também cristãos e mesmo católicos que pensam que a mística é algo reservado para os contemplativos puros, que é exclusiva de qualquer interesse pelas coisas terrenas, que é exclusiva da ação propriamente dita e da cultura intelectual. De bom grado então, eles subscreveriam esta dupla proposição: nem todos os santos são místicos e nem todos os místicos são santos.

Isto é inteiramente correto?

Sim, se o misticismo é tal como eles o definem ou o representam, pois é bem evidente que nem todos os santos viveram nos claustros, que muitos deles colocaram a mão nos assuntos humanos, que muitos construíram sistemas de filosofia, que muitos foram casados, que eles conheceram as emoções mais delicadas e as mais vivas do amor humano e que eles as conheceram no momento mesmo em que o assentimento da Igreja lhes atribui a santidade.

Mas, eu me dirijo a uma pessoa que, sobre este tema, tem uma autoridade obtida de mais de uma fonte. Ele me responde muito deliberadamente: “Não! Nem todos os místicos são santos!” Quanto à primeira parte da proposição, “nem todos os santos são místicos”, ele me mostra bem rapidamente que não poderia aceitá-la, pois ele me dá, da mística, esta definição, a

mais simples e a mais clara de todas: “A mística é o amor a Deus!”.

Ele me permitirá identificá-lo. Trata-se do Abade Huvelin, de quem tive a honra de ser colega na École Normal.

Não tenho a pretensão de afirmar que esta definição não precisa ser completada ou desenvolvida, pois o amor que se confessa a Deus não pode se assemelhar inteiramente àquele que se tem para com uma pessoa. Ele precisa então ser esclarecido e guiado.

Pode-se, sem dúvida, dizer que, de acordo com o belo mito de Platão, o amor será sempre filho da riqueza e da pobreza[39], pois ele dá e ele recebe. Sim, mas em proporções bem desiguais.

A criancinha que ama sua mãe espera tudo dela e, de fato, recebe tudo dela. O deus paternal que ama sua criatura dá, igualmente, tudo a ela.

Nos amores terrenos, todos nós damos mais ou menos, segundo a riqueza e a generosidade de sua natureza. Mas quando, invés de amar um de seus semelhantes, o místico ama

---

[39] Diótimo responde à pergunta de Sócrates sobre a origem de Eros com a história do seu nascimento. Ele é filho da pobreza e da riqueza. Eros oscila então entre os dois. Cf. “O banquete”, 204-b. *A sabedoria é uma das mais belas coisas do mundo. Ora, o Amor ama o que é belo. Conclui-se então que o Amor ama a sabedoria, ou seja, a filosofia e que, como tal, ele está entre o sábio e o ignorante de tudo isto, por ter nascido de um pai sábio e que vive na abundância e de uma mãe que não é nem uma coisa e nem outra. Esta é, meu caro Sócrates, a natureza deste demônio*. “Discurso de Sócrates”, 204-c.

seu Deus, não é evidente que, por mais desejoso que ele seja de carregar sua cruz e partilhar seu sacrifício, ele deve, no entanto, lhe pedir, ou seja, lhe rogar e esperar, assim, dele, infinitamente mais do que ele pretende poder lhe oferecer?

Teremos que retornar a estas delicadas questões. Mas, que o amor a Deus esteja bem no fundo e na essência primeira da mística católica, isto parece indiscutível.

São Francisco de Salles diz bem explicitamente: “A teologia especulativa tende ao conhecimento de Deus e a mística ao amor a Deus. A oração e a teologia mística não passam de uma única e mesma coisa... A oração e a teologia mística não são outra coisa além de um diálogo em que a alma conversa amorosamente com Deus sobre sua amabilíssima bondade, para se unir e se juntar a ela”[40].

Ao lado destas definições, há também as dos linguistas, que merecem que nos detenhamos um instante. O **Dictionnaire de l'Académie** diz: “místico: o que se apura nos temas da devoção, da espiritualidade”. Ou seja e de acordo com outra definição do mesmo dicionário: “o que diz respeito à vida interior”.

Seguramente, o místico é um devoto, é um amigo da vida interior e da espiritualidade. Mas a definição não deixa de ser

---

[40] *Traité de l'amour de Dieu*. IV, I. Ed. d'Annecy, p. 303.

bem vaga, na medida em que “o que se apura” é uma expressão levemente desaprovadora, não muito franca e que se refere a uma tendência em que todos podem avançar ou recuar, à vontade, os limites permitidos.

Litré remete a mística à espiritualidade e a define assim: “O que tem relação com os exercícios interiores de uma alma livre dos sentidos e que só busca se aperfeiçoar aos olhos de Deus”.

A frase é interessante e não é inexata. Mas, todos que frequentaram os livros dos místicos sentem imediatamente que, se ela pretende definir indiretamente a mística, ela é incompleta.

Pode-se dizer o mesmo para a definição da **Encyclopédie des sciences religieuses**, para a qual, as coisas místicas são simplesmente coisas escondidas à nossa mente nas condições da vida atual, mas que sentimos, no entanto, existir e às quais nos leva a aspiração espontânea de nossa alma. Para o autor então, “a mística é apenas a religião completando, no foro individual, o ensino sólido, mas limitado, da filosofia”.

Todas estas explicações omitem o amor a Deus, ou seja, o que, para os místicos cuja autoridade é a menos recusável, constitui a própria alma da mística. Se há um conhecimento

místico, um conhecimento experimental e inefável, ele só pode provir do amor. Assim o entendeu Gerson, nesta definição justamente alardeada: “O objeto da teologia mística é um conhecimento experimental de Deus, produzido no abraço do amor unitivo”[41].

A mística verdadeira __ em outras palavras, o amor a Deus __ é então o primeiro passo para a santidade e é um passo evidentemente necessário. Mas ele não passa de um primeiro passo em uma caminhada longa e espinhosa, onde a vida espiritual e o que chamamos de vida ativa estão tão convidadas quanto a vida do coração a empregar seus esforços e a multiplicar suas criações.

Todo cristão em estado de graça ama Deus e, em uma medida maior ou menor, é um místico. Mas o “místico” por excelência, bem como aquele que chamamos antes de “santo”, é uma pessoa cuja vida inteira está envolvida e penetrada pelo amor a Deus.

Longe de mim a pretensão, que seria ridícula, de querer escrever um tratado dogmático sobre a santidade ou dar conselhos àqueles que tivessem a ambição de se tornarem santos. Trata-se aqui __ e esta tarefa já é bem delicada __ de pesquisar, em certo sentido, experimentalmente, como se desenvolve

---

[41] Consider. 28

e vive a alma do santo no que ela conservou de semelhante à nossa.

Sabemos que o santo propriamente dito é um servo heroico de Deus e, por consequência, uma pessoa amada por Deus e que ama Deus, retirando desta reciprocidade de amor uma força extraordinária. Sabemos que essa santidade não deve ser o aniquilamento, mas a completude de nossa natureza, pois, como escreveu Spinoza: "a perfeição do ser humano cresce em razão da perfeição do objeto que ele ama acima de todos os outros e reciprocamente"[42].

Não é proibido pesquisar como essa santidade transforma, nos seres privilegiados que a receberam, as faculdades que lhes eram e que permaneceram comuns com aqueles pelas misérias dos quais eles passaram, na expressão de Bossuet.

II – A natureza no santo.

Antes de pesquisar o que a santidade faz dos dons naturais que ela encontrou nas almas, é útil se perguntar se ela exige alguns desses dons e quais.

Eu sei que aqui a palavra "exige" arrisca parecer imprudente. Pode-se pensar que, em tal tema, convém reservar sem-

[42] *Traité théologico-politique*, ch. IV.

pre a parte dos golpes misteriosos da graça e as agitações produzidas pelo *Espírito* que *sopra onde quer*[43]. Eu vejo, no entanto, que todos aqueles que realmente estudaram os santos e tiveram a missão de falar deles não negligenciaram jamais o fundo primitivo que a santidade transfigura sem suprimir.

Nenhuma autoridade permitirá o acesso à vida sacerdotal ou da vida religiosa a mentes mal servidas por uma organização insuficiente[44]. O belo tratado sobre o sacerdócio de São João Crisóstomo demonstrou há muito tempo que, para exercer o ministério, "não basta ser puro, mas é preciso também muito saber e experiência".

Sabe-se também tudo o que a solidão reserva de sonhos perigosos às almas muito fracas ou muito ardentes ou muito difíceis de equilibrar.

Um sacerdote levou, à Santa Tereza d'Ávila, uma de suas penitentes, cuja angélica devoção ele glorificava. A grande santa não hesitou em lhe abrir as portas do seu monastério e lhe disse: "Veja, meu Padre! Nosso Senhor deu devoção a esta jovem aqui e lhe ensinaram a maneira de rezar. Mas, se ela não

[43] João 3: 8.
[44] Insuficiente sobretudo para o objetivo ao qual tende a vida religiosa. Não se pode abusar das palavras célebres de Fontenelle que disse que, com sua fraca constituição, Malebranche estava destinado, pela natureza e pela graça, ao estado eclesiástico. Confessa-se sem dificuldades que Malebranche tinha ao menos uma organização intelectual que lhe permitia fazer em qualquer parte uma boa figura como filósofo e como escritor.

tiver discernimento, não terá jamais e, invés de servir à comunidade, ela lhe será sempre um peso. Um bom espírito é simples e submisso. Ele reconhece seus erros e se deixa conduzir. Um espírito estreito, limitado não enxerga suas faltas, mesmo quando elas lhe são mostradas e, sempre contente com ele, caminha sempre atravessado"[45].

Certamente que não hesitarei em sustentar aqui uma proposição análoga àquela que examinei ao falar dos místicos e em dizer: nem todos os monges são santos e nem todos os santos são monges. Mas, se a vida santa difere da vida simplesmente religiosa ou monástica, concordarão comigo que é principalmente porque ela a ultrapassa.

Coloquemo-nos sob um ponto de vista puramente humano. Ninguém negará que a Igreja fez grandes coisas na ordem científica e na ordem social. Que elas sejam consideradas discutíveis, mas elas não o são mais do que as ações dos políticos ou do que os sistemas dos metafísicos.

Se então a Igreja deixou profundamente sua marca na história temporal dos povos, se ela desbravou, instruiu, civilizou, conquistou, organizou tantos países e tantas nações, seria muito estranho que os santos que caminharam à sua frente não

[45] *Histoire de sainte Thérèse, d'après les Bollandistes*. Paris, Retaux, 1888. Este livro, escrito por uma carmelita, é um dos mais encantadores e mais sólidos que já foram escritos por uma mulher e sobre uma mulher.

tivessem sido os artesãos por excelência do que ela realizou de mais benéfico. Ora, sustentar que nesse desenvolvimento extraordinário tudo é dom gratuito e dom milagroso seria excessivo.

Desde que se começou a trazer à luz a santidade de Joana d'Arc, diminuiu nela a jovem ou a guerreira? Longe disto. Estes elementos cresceram e foram glorificados em todos os campos. Nada foi sacrificado dos elogios que Quicherat, Michelet, Sainte-Beuve fizeram de sua beleza, de sua graça simples, do seu espírito, da vivacidade de suas palavras, da prontidão em já apreender certas nuances finas da língua francesa.

De acordo com a obra mais recente de um de nossos oficiais, ela não estava menos pronta para adivinhar as regras essenciais de uma tática racional e compreendia, particularmente, em fazer bom uso da artilharia nascente.

Assim, um dos melhores psicólogos da Companhia de Jesus resumiu com felicidade todos estes testemunhos, escrevendo: "Que não se engane quanto a isto. Joana d'Arc não foi um instrumento cego e passivo de uma força sobrenatural. Uma inteligência exterior não veio substituir sua inteligência e uma vontade à sua vontade. A libertadora da França não foi um ser misto em que forças de origens diversas se encontraram por um tempo. Joana teve sua personalidade francamente

acusada. Ela sabia, ela disse e ela deu provas disto através da independência de suas determinações e de seus atos e através da própria resistência que ela impôs algumas vezes aos impulsos de suas vozes".

É preciso mudar muitas coisas nesta avaliação para que ela se aplique à maior parte dos santos[46] e para que se possa dizer como o mesmo religioso: "Quando Deus prepara uma de suas criaturas para alguma missão extraordinária, ele quase sempre tem o cuidado de lhe dar aptidões naturais que a dispõem maravilhosamente para essa distinção".

O que o Pe. De Bonniot afirma aqui sobre Joana d'Arc reconhece-se em um grande número de santos, começando por São Paulo. Sem dúvida que não se pode dizer aqui mais do que o justo. É preciso evitar esquecer os que os teólogos repetiram tantas vezes sobre os paradoxos ou o escândalo da cruz, sobre as vitórias obtidas por uma fraqueza desejada no emprego dos meios temporais, sobre a autoridade que, na expressão de Bossuet, só é devida à servidão, sobre o poder nascido da humildade, sobre a castidade que inspira, nos fiéis que permaneceram no mundo, a bela fecundidade que se esgota nos povos céticos e amantes do prazer.

[46] Daqueles que se quis conhecer bem e fazer conhecer à fundo. Ver o cabeçalho de **Histoire de sainte Chantal**, de Dom Bougau, Bispo de Orleans, a memorável carta de Dom Dupanloup sobre a maneira de escrever as vidas dos santos.

Sim, para agir como eles fazem, sobre a pessoa e sobre a terra, os santos possuem meios que vêm do alto. Mas, não está provado que esses meios não estejam ligados a qualidades naturais que, antes de serem metamorfoseados pela santidade, devem começar por existir.

Por que só se reconheceriam os dons do Espírito naqueles que se apegam aos fatos exteriores e à explicação das verdades abstratas? Por que a visão clara de seus próprios defeitos, por que a sensação delicada do perigo moral, por que a aptidão em iluminar com os reflexos do ideal divino as partes saudáveis de sua alma, porque a bondade, enfim, nada disto seria da inteligência?

Sócrates, se voltasse ao meio de nós, não desconheceria o valor deste autoconhecimento. Ele, que resumiu toda a filosofia a este termo.

Falando mais simplesmente, os santos encontram seus grandes meios de ação nas virtudes chamadas fé, esperança e amor. Ora, segundo a teologia católica, estas três virtudes vêm de Deus. Mas, segundo esta mesma teologia, elas precisam da ajuda das virtudes naturais cuja nomenclatura os doutores da Igreja não temeram retirar dos filósofos pagãos e que chama-

ram de virtudes cardinais, ou seja, fundamentais[47]: prudência, força ou grandeza de alma, temperança e justiça.

Estas são então virtudes que se pode esperar encontrar na vida dos santos, mesmo no período de suas existências em que suas santidades se preparavam por caminhos muitas vezes bem tortuosos.

São elas então por completo e todas igualmente desenvolvidas? Não, já que a santidade muitas vezes exigiu a conversão, ou seja, a renúncia a este ou aquele gênero de vida sobre o qual é inútil insistir.

Nem todos os santos começam como São Luís Gonzaga. Basta citar os nomes de Santa Madalena, de Santa Maria Egípcia, de Santa Afra, de Santa Margarida de Cortone, que eram cortesãs; de São Paulo, que era violento; de Santo Agostinho, que teve uma multidão de pecados para confessar; de São Francisco Bórgia, cujo método engenhoso a que ele recorreu para se livrar de um amor imoderado pelo vinho, Leibnitz gostava de citar.

---

[47] Segundo Bento XIV (II, 21), é preciso que estas quatro virtudes se encontrem, elas também, em um grau eminente na vida do servo de Deusd que se propõe beatificar. Eu não examino aqui a questão teológica da relação das virtudes naturais com as virtudes sobrenaturais, da transformação que a graça lhes imprime etc. Eu me contento em recordar que umas não podem dispensar as outras, nem nos santos e nem em nós todos e eu deveria dizer ainda menos.

Dentre aqueles que não voltaram de tão longe, quantos não há que, a princípio, tiveram que lutar contra o ardor de seus temperamentos!

Para combater uma perturbação produzida por um olhar, o jovem Bernardo, futuro abade de Cîteaux, foi obrigado a se jogar em um lago e lá permanecer até que a ação física da água fria tivesse resfriado seus sentidos.

São Vicente de Paulo __ quem diria? __ era de um temperamento "natural bilioso e muito sujeito à ira". Não é somente ele quem diz e seu testemunho seria muito suspeito[48], mas também seu discípulo e amigo Abelly.

Todo mundo sabe que este também era o caso de São Francisco de Sales.

Ao recordamos estes exemplos, aos quais se pode acrescentar muitos outros, fica-se convencido de que, entre as virtudes naturais, não há muita temperança fácil e nem, principalmente, ausência total de desejo ou de toda paixão, que é habitualmente o fundamento natural da santidade.

O Sr. Renan pôde chamar Davi de bandido, mas não pôde lhe retirar nada do seu grande coração, de sua ternura tão ardente e tão sincera, mesmo no meio do crime.

---

[48] Ele diz mais. Ele afirma que, sem a graça de Deus, teria permanecido "de um humor seco e desagradável, rude e enfadonho". Parece-me que ouço mais de um leitor dizer, além ele: "É o cúmulo!"

Quando Cristo veio, ele perdoou muito mais facilmente o dissoluto do que o avarento e Santo Agostinho só fez, mais tarde, interpretar sua doutrina, quando escreveu estas palavras audaciosas, cujo espírito é fácil compreender: *Ame e faça o que bem quiser*[49].

É este amor que inspira os sacrifícios e que é a única coisa que dá à alma a força necessária para realizá-los.

Mas, para dar ao seu Deus essa prova de amor, não bastava que o santo tivesse muito para lhe sacrificar?

Se os santos renunciam a tantas alegrias da natureza, não é então porque a própria natureza pareceu tê-las lhes recusado. As doenças que tantas vezes os afligem não devem nos enganar. Elas são o resultado de seus sacrifícios desejados, de suas austeridades, de suas lutas interiores, de seus sofrimentos morais e das perseguições que, em todos os tempos, muito pouco os pouparam. Eles mesmos veem nelas, muitas vezes, um "dom" de Deus que, a partir do momento em que resolvem subir mais alto do que o resto das pessoas, os "visita" e os prova.

Mas, por mais que procuremos, dificilmente encontraremos alguém que tenha se dedicado à santidade por causa de

---

[49] *A Primeira Carta de São João Comentada*, Conferência 07, Cap. 08. *Seja mantendo o silêncio; mantenha-o por amor. Seja gritando; eleve a voz por amor. Seja corrigindo alguém; corrija por amor. Seja sendo indulgente; seja indulgente por amor. Tenha no coração a raiz do amor e dessa raiz só poderá brotar coisa boa.*

uma fraqueza nativa ou por uma constituição que os condene, por exemplo, a uma vida curta.

Os santos muito jovens geralmente acabaram por morte violenta, mas, entre aqueles que não foram propriamente mártires, os casos de longevidade não são raros. Sabemos que São João Evangelista tinha quase cem anos quando morreu. Esta é uma idade que muitas vezes foi atingida e mesmo ultrapassada, pelos célebres Padres do Deserto __ São Simeão, São Paulo Eremita, Santo Antão __ e, mais tarde, São Bertino, São Romualdo, São Mauro. São Jerônimo morreu com setenta e dois anos; Santo Agostinho, com setenta; São Remi, com noventa e três; São João Clímaco, com oitenta; São Vicente Ferrier, com setenta; São Francisco de Paula, com noventa e um; São Vicente de Paulo, com oitenta e cinco; São Felipe de Néri, com oitenta; São Paulo da Cruz, canonizado por Pio IX, com noventa. São Pedro de Alcântara, cujas penitências e privações, Santa Tereza d'Ávila julgou "humanamente incompreensíveis", não deixou de chegar até os sessenta e três anos, assim como São Bernardo e, enfim, um grande número de outros.

Eu não ficaria espantado se as santas, vivendo uma vida mais sedentária e tendo que compensar com suas penitências o que seu sexo lhes proíbe costumeiramente quanto ao heroísmo exterior, fossem sujeitas a um fim mais prematuro. Todavia,

Santa Catarina de Gênova, cujos tormentos físicos foram tão prodigiosos quanto o ardor do seu amor, atingiu sessenta e três anos. Santa Tereza d'Ávila, que só queria sofrer e morrer, ultrapassou sessenta e sete. Santa Joana de Chantal, setenta. Esta foi a idade em que morreu Santa Gertrudes, a santa contemplativa por excelência, pois seus biógrafos nos dizem que, eleita abadessa aos trinta anos, ela exerceu este cargo por quarenta anos. Dentre as santas que nosso mundo parece ter gerado, cita-se a Madre Marie de Sales Chappuis, cuja diocese de Troyes espera firmemente obter a beatificação próxima. Ela viveu até os noventa anos.

Se as almas dos santos têm a oferecer à graça algo além de um receptáculo vazio ou uma matéria inerte e passiva, não é de se admirar que cada um deles teve um temperamento e uma personalidade próprios. Neste sentido, a diversidade entre São Pedro e São Paulo é proverbial e não está dito que ela tenha sido sem influência na maneira de compreender a direção da Igreja.

Um, “permaneceu sob o império da graça, tão instintivo e natural como o mostra o Evangelho. Bom, tímido, tão pronto quanto generoso em seus impulsos e, por isto mesmo, aberto às vivas impressões e cedendo a elas no impulso do momento, saltando de sua barca com uma fé que o sustenta sobre as á-

guas, mas, no momento seguinte, duvidando e perdendo o pé... tão fácil de se abater quanto de se levantar”.

Do outro se pode dizer que, “sob a ação da graça que o dominou, o escriba estupefato sobreviveu. Mesma alma, mesmo fogo nas palavras, mesma inspiração na ação”[50].

Na história da Igreja, nos são oferecidas como que linhagens de santos em que uns personificam a ação afetuosa e terna e outros, a ação enérgica e o espírito de propaganda ardente. Não são opostos São Francisco de Assis e São Domingos, São Boaventura e São Tomás de Aquino, São Vicente de Paulo e Santo Inácio, assim como são opostos Bossuet e Fénelon e como também podemos dizer de Rafael e Miguelângelo, Mozart e Beethoven?

A diferença é que, nos santos, a diversidade se faz sentir muito menos pela luta e a controvérsia do que pela necessidade de uns aos outros e pela ajuda mútua que eles devem se dar. Se Bossuet e Fénelon tivessem sido não apenas grandes bispos e belos gênios, mas verdadeiros santos, invés de escrever um contra o outro, eles teriam sentido uma imperiosa necessidade de se encontrarem a sós em um retiro comum e lá, cada um teria repassado ao outro o que lhe faltasse, como fizeram São Domingos e São Francisco de Assis.

---

[50] Abbé Fouard. *Saint Paul - Ses missions*. Paris, Lecoffre Gabalda.

Essas diversidades que se completam e que, nem por isto, deixam de se acusar, nós encontramos onde muitos dificilmente esperariam. Nós as surpreendemos nos estados em que a alma se esforçou para se livrar de toda lembrança sensível, de toda inclinação pessoal e quase de toda escolha.

Ter passado pela “noite” dos sentidos e pela “noite” do espírito, ter deixado “laçar” todas as suas faculdades para melhor se dedicar à ação do Deus que se contempla e ao qual se dá sem reserva, não é isto, diríamos, um estado no qual todas as diferenças individuais tiveram que, necessariamente, se apagar?

Não, todavia! Pois todo grande místico guarda seu caráter que se reflete até, não diríamos em sua doutrina, mas na predileção involuntária que o leva a destacar um ou outro aspecto da doutrina total.

Aqueles que melhor estudaram os problemas da mística não deixaram de observar isto. São João da Cruz e Santa Tereza d’Ávila, São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal foram, não apenas amigos, mas colaboradores, colaboradores na ação, na doutrina meditada, aplicada, testada, escrita e propagada.

Ora, “coincidência curiosa! No Carmelo, a reformadora e o reformador; na Visitação, o fundador e a fundadora parecem pertencer a escolas místicas rivais”[51].

Isto, é verdade, é apenas aparência. Em cada um dos grupos, ninguém esqueceu nada e, muito menos, ignorou nada. Das duas fases tão frequentemente alternantes __ a necessidade dolorosa e a posse feliz __ nenhuma foi ignorada, nem por um e nem por outro, mas São João da Cruz e Santa Joana de Chantal insistiram mais na nudez, nas securas e nos tormentos que é preciso valentemente sofrer, como eles. Santa Tereza d’Ávila e São Francisco de Sales melhor descreveram os inebriamentos e as doçuras que eles tinham, no entanto, eles também, de pagar muito bem com rudes provações.

Ao reconstituirmos agora estes dois grupos, tal como a história nos trouxe, veremos que em cada um deles o consolador sorridente viveu ao lado do lutador ferido e assim, nas santas emulações da vida sobrenatural, bem como nas grandes afeições do mundo e da história das letras, encontramos o contraste tão necessário à reforma mútua dos caracteres, bem como ao encanto da amizade.

---

[51] Pe. A. Poulain, S. J. *La mystique de saint Jean de la Croix*, 1893. Livro muito interessante que é bom comparar com o publicado quase ao mesmo tempo pelo Pe. Ludovic de Besse: *Eclaircissement sur les œuvres mystiques de saint Jean de la Croix*.

Em que medida este elemento natural se mistura à obra dos santos e faz sentir nela sua ação? Isto é o que é difícil precisar.

"Se Deus quer fazer dos santos alguém digno dele, é preciso que ele os vire de todos os lados, *com mão forte e braço poderoso*[52], para moldá-los inteiramente ao seu modo e que ele só olhe para suas disposições naturais no estreito limite necessário para não lhes cometer uma violência"[53], diz Bossuet.

É proibido dizer que, nesta maneira de compreender a extensão tão restrita quanto possível das disposições naturais dos santos, Bossuet cedeu à inclinação natural da sua personalidade, mais amiga da obediência do que da busca por uma "opinião"?

Mas aqui também seu contemporâneo, o Pe. Olier ___ uma mente muito severa e uma alma plenamente afastada do mundo ___ me parece ter sido mais ousado. Na visão dele, para ser santo, não basta ter um tipo de disposição geral para a devoção, o amor a Deus e a retidão da vida. "Se fosse assim, todo cristão convencido da beleza e da santidade do Evangelho teria tal vocação", ele diz.

---

[52] Deuteronômio 5: 15.
[53] *Sermon de la Toussaint*.

Não! É preciso que “essas grandes almas, além das razões gerais da perfeição da vida religiosa... tenham interiormente uma inclinação e um atrativo para abraçar o estado que eles abraçam”[54].

Depois, em outra ocasião, ele faz a estas palavras um comentário ainda mais claro! “Deus tratou Santa Tereza d’Ávila de maneira diferente como tratou Santa Gertrude, Santa Catarina de Sena diferentemente de Santa Tereza d’Ávila e Santa Catarina de Gênova diferentemente de Santa Catarina de Siena. No entanto, ele as tratou todas segundo o fundo de suas disposições interiores”[55], ele diz.

O Pe. Olier cita aqui Santa Catarina de Siena. Ela também gostava de imaginar as diversidades da vida mística. Ela o fazia nos termos que Leibniz teria prazer em louvar a inteligência metafísica do “discernimento” necessário aos seres. Nisto, nossos contemporâneos destacariam mais a marca italiana de uma complacência estética para com a variedade inerente à expressão da beleza.

“Todos os santos que desfrutam da vida eterna seguiram o caminho do amor, mas de diversas maneiras, pois um não se assemelha aos outros. Há a mesma diferença entre os anjos,

---

[54] *Lettres I.*
[55] *Lettres II.*

que não são todos iguais. Assim, uma das alegrias da alma na vida eterna é ver a grandeza de Deus na variedade das recompensas que ele dá aos seus santos. Encontramos a mesma variedade nas coisas criadas, que diferem todas, de uma maneira ou outra. No entanto, Deus criou todas com um mesmo amor"[56].

Essas diversidades íntimas são tão ligadas à natureza que muitas vezes elas expressão características próprias a uma família ou a uma cidade. A doce virgem de Siena disse sobre seus concidadãos que não havia "gente mais fácil do que eles para serem capturados pelo amor"[57] e ela pediu que este atrativo fosse usado para conquistá-los para a causa da reforma da Igreja e da pacificação da Itália.

Mais tarde, São Bernardino de Siena confirmará este testemunho. "O sangue sienense é um sangue doce", ele dirá.

Compreendemos então que, apesar de suas austeridades e seus êxtases e no meio de negociações bem espinhosas, a linda santa teve abandonos bastante ingênuos. Ela amava tanto as flores, as águas, o campo e as belas cenas de luz no céu toscano que ela tinha prazer em enviar, aos seus amigos, buquês de flores feitos por ela. Ela cobria de beijos as criancinhas e,

---

[56] *Lettres II*, 482.
[57] *Lettres I*, 64.

chamada para converter um condenado à morte de vinte anos, ela quis, antes de assisti-lo junto ao cadafalso, consolá-lo longamente em sua prisão, oferecendo seu peito ao infeliz e o deixando repousar nele sua cabeça durante toda a noite.

Santa Tereza d'Ávila não era menos que ela uma grande amante de Jesus, mas, até em sua maneira de amar era sentido o turbilhonar do sangue espanhol. Em sua cidade natal, Ávila, sobrenomeada Ávila dos Cavaleiros, as mulheres tinham apoiado um cerco, na ausência de seus maridos e aquela que as tinha comandado conferiu, para ela e para sua posteridade, o direito de votar nas assembleias públicas. A santa, nascida em um meio assim, podia se lembrar disto quando falava prazerosamente da fortaleza no alto da qual ela ergueu "a bandeira de Deus" ou quando falava das mulheres que, tomadas pelo espírito do apostolado, algumas vezes invejavam a liberdade que os homens tinham de servir no mundo "o Deus dos combates".

Ela não era, no entanto, uma heroína combativa, ávida de comando e desdenhosa de seu sexo. "Meu filho, quando eu era jovem, me disseram que eu era bela e eu acreditei. Mais tarde, me acharam prudente e eu também acreditei muito facilmente. Assim, eu me convenci destas duas vaidades", disse ela, um dia, a um religioso.

Chamada aos êxtases e às revelações mais sublimes, ela se lembrava sempre de que era mulher. Ela nem mesmo deixava de ser reconhecida a Deus por tê-la criado assim, pois ela achava que os homens recebiam menos frequentemente os favores do arrebatamento e da união e dizia, talvez com uma ponta de leve malícia, que as razões que ela percebia sobre isto e aquelas que tinham lhe dado Pedro de Alcântara eram todas em favor das mulheres.

Ela era então naturalmente tão orgulhosa quanto era fina, amorosa e graciosa. Tão apaixonada pela honra que, na época em que, segundo ela, amava o mundo e as leituras romanescas, ela já encontrava, neste sentimento, uma fortaleza inatacável contra as tentações e mesmo contra as imagens importunas.

Mais tarde, quando Jesus lhe disse: “Minha honra será a sua e a sua honra será a minha”, isto pode lhe ter parecido que havia defendido as duas com tanta confiança e nobre segurança que ela disse: “Jamais senti em mim o menor atrativo pelo que poderia ferir minha inocência”[58], referindo-se à guarda de sua juventude.

Enfim, o que ela tinha sobretudo do caráter hereditário era seu afastamento do que ela chamava de “o caminho do medo” e sobretudo do “medo servil” no serviço a Deus. Não ape-

[58] Idem, ibidem, pag. 19.

nas ela queria que a seguissem com “uma coragem masculina”, expressão que retorna a cada instante em sua caneta, mas ela gostava também de dizer que era preciso servir “gratuitamente, como os grandes senhores servem ao rei”[59].

Estas diferenças, que são sentidas mesmo nas grandes coisas, são percebidas com muito mais razão nas pequenas. É assim então com os santos?

Sim, contanto que não se atribua, à palavra “pequeno”, nenhum sentido desfavorável e que só se pense nas palavras de Cristo ao oferecer a inocência das crianças como modelo para seus discípulos. Muitos santos então tiveram gostos ingênuos, que eles certamente teriam sacrificado se isto lhes tivesse sido pedido, mas aos quais eles se entregavam nos atos indiferentes ou nos momentos de recreação.

Era difícil que um grande número deles não amasse as artes, já que o culto católico fazia com que quase todos as cultivassem como obrigação. Mas, fora das cerimônias da Igreja, houve aqueles que amaram bem particularmente e, se pode dizer mesmo, apaixonadamente, a música.

São Francisco de Assis, quando estava entusiasmado, fazia como as crianças e, com um pedaço de madeira e uma ré-

[59] *Vie de Sainte Thérèse d’Avila écrite par elle-même*, chapitre 2.

gua, ele fingia tocar violino, para melhor ritmar o concerto ideal que sua imaginação arrebatada lhe dava.

De Santo Inácio de Loiola, Bartoli nos diz que a música também o transportava para fora dele mesmo, a ponto de suspender suas dores. A visão das flores lhe causava também um prazer tal que, quando ele se deixava levar para admirá-las, ele era, por sua vez, um espetáculo curioso para os Padres que viviam com ele.

Para mais de um santo, foi uma recreação brincar e conversar com os animais. É bem conhecido o amor de São Francisco por todos os animais de criação, mas principalmente para as andorinhas. Ele fazia com que lhes preparassem muitos ninhos, para que elas criassem muitos filhotes nas proximidades de seu monastério.

Outro assim era São Filipe Néri, que amava sua velha gata e cuidava dela como um tipo de mania. Ele era célebre, além disso, pelo que é chamado algumas vezes de excentricidades. Gœthe, que se felicitava por ser devoto de tal santo, se referia, mais respeitosamente, a "seus rompantes humorísticos".

É verdade que seus rompantes eram muitas vezes cheios de sentidos, como aquele em que se permitiu um dia, quando o Papa o enviou a um monastério nas proximidades de Roma para examinar a santidade de uma religiosa cujas revelações e

êxtases eram proclamados. Fazia um tempo abominável e Filipe, que tinha partido no lombo de uma mula, chegou ao convento todo ensopado e enlameado. Levaram a irmã até ele, cheia de compunção e de suavidade. Para fazer todos os exames teológicos, ele se sentou, estendeu as pernas e disse à religiosa: “Tire-me as botas!” Diante destas palavras, a religiosa ficou escandalizada. Isto foi o suficiente para o enviado do Santo Padre. Ele pegou seu chapéu e foi-se embora explicar ao Vaticano como uma religiosa tão pouco humilde não poderia ter a graça e nem as virtudes que lhe eram atribuídas[60].

Em outras circunstâncias, foram seus próprios discípulos, seus filhos espirituais, que ele teve que humilhar diante da multidão. Se ele via um deles muito feliz por vestir pela primeira vez seu hábito religioso, ele lhe prendia um acessório ridículo nas costas, como uma pele de raposa e o enviava para se mostrar assim pelas ruas. Outras vezes, ele mandava seus religiosos __ pessoas instruídas e oradores __ fazerem algum serviço na cozinha. Por fim, ele mesmo, muitas vezes participava deste método pouco comum de se santificar.

[60] Parece que uma prova semelhante foi tida como suficiente em nosso século. Uma certa Rosa Tamisier era tida como favorecida por uma graça extraordinária. Um eclesiástico prudente foi até ela e lhe disse: “É você, não é, que é a santa?” E ele a ouviu responder: “Sim, meu Padre!” A fantasia ou ilusão imediatamente se dissipou.

Os biógrafos nos dizem que isto eram invenções de sua humildade, desejosa de ocultar tesouros de devoção e de ciência sob as aparências de uma bizarrice vulgar e quase beirando à insanidade. Gœthe, sobre este ponto, fala quase como um hagiógrafo. “Néri tinha resumida sua doutrina principal em um curto provérbio: desprezar o mundo, desprezar a si mesmo, desprezar o desprezo que se inspira. E, de fato, isto dizia tudo. Um espírito hipocondríaco pode imaginar algumas vezes que poderá satisfazer aos dois primeiros pontos, mas, para se sujeitar ao terceiro, é preciso estar no caminho da santidade”, ele disse.

Eu não nego o sentimento profundo e a parte de verdade que se esconde nesta frase. O gênio olímpico do ilustre alemão era feito para apreciar e até mesmo exagerar o desdém pelas coisas terrenas nos santos. Pode-se ficar tentado a acreditar que Gœthe tinha algum prazer em rebaixar seu santo de devoção, mas isto é um engano singular. Aqui está a página memorável que ele lhe dedica e é impressionante que seu último biógrafo não a tenha reproduzido.

“A tantas faculdades misteriosas, estranhas, se juntava o bom senso mais nítido, a estimação __ ou melhor, a desestima __mais franca pelas coisas terrenas, a caridade mais ativa de-

votada aos sofrimentos físicos e espirituais de seus semelhantes.

“Ele observava rigorosamente todos os deveres impostos a um eclesiástico e se ocupava também com a educação da juventude, formando-a na música e na eloquência, lhe propondo diálogos e debates próprios para aguçar a mente.

“O que ele tinha, talvez, de mais singular, era que ele fazia tudo isto por vontade própria, já que seguia constantemente seu caminho por muitos anos, sem pertencer a nenhuma ordem e mesmo sem ter sido ordenado sacerdote.

“Mas, o que parece ainda mais estranho é que isto tudo acontecia no tempo de Lutero e, no meio de Roma, um homem ativo, hábil, devoto, enérgico, teve a ideia de unir o eclesiástico e mesmo o sagrado com o secular, introduzir as coisas divinas no mundo e, com isto, preparar também uma reforma”.

Mas, por que não acreditar que São Filipe Néri se abandonava também, mesmo que pouco, ao seu temperamento natural?

Que depois e bem rapidamente ele visse nisto um meio encontrado para temperar a admiração que inspirava, não duvidemos. Mas seria preciso que primeiro ele fosse levado por um impulso involuntário, pois, seja qual for a tendência universal de todos os santos para a prática da humildade, pouco se

vê, admitamos, a maior parte deles inventando tais procedimentos. Não lhes passa pela cabeça se esforçarem para se darem virtudes artificiais?

Que, por exemplo, um santo personagem tenha distrações lendárias, como este grande sábio e que ele aceite que se ria dele; que ele até goste de ser ridicularizado, tudo bem! Mas ele não vai chegar ao ponto de imaginar distrações aparentes.

A simplicidade até nas situações mais extraordinárias é uma característica dos santos. O mesmo se pode dizer de certos hábitos de limpeza ou, chamando pelo que é, de sujeira. Se há uma destas duas condições que foi recomendada ou elogiada pela grande maioria dos santos, certamente foi a primeira.

Santa Tereza d'Ávila insistiu nisto muitas vezes e queria mesmo que fosse colocada expressamente nas constituições da sua ordem a necessidade da limpeza. Ela não tinha as mesmas repugnâncias que Santo Agostinho, que jamais pôde comer sem uma colher de prata e o próprio Filipe Néri jamais pôde aceitar beber em um copo de outro e nem mesmo, uma coisa ainda mais admirável, celebrar uma missa com um cálice que não fosse o seu. Mas, ao menos ela disse de bom grado, como este último: "Eu amo a pobreza, não a sujeira" e transmitiu às suas filhas as mesmas disposições.

Leiamos, por exemplo, esta linda história.

A santa quis experimentar no convento de Ávila uma nova túnica feita de um tecido muito rude.

"Ela a usou primeiro, não sem sofrimento, mas também sem inconvenientes sérios e deu depois, às outras irmãs, a permissão desejada. A provação geral foi menos feliz e seguida da invasão de temíveis insetinhos. A santa Madre, que colocava, como São Francisco de Sales, a limpeza, dentre as pequenas virtudes, não previu este tipo de mortificação dentre as austeridades do Carmelo. Ela se pôs então em oração para pedir ao Senhor que as livrasse desta nova praga do Egito. Enquanto ela rezava, as irmãs organizaram uma procissão. Com a cruz à frente delas, se dirigiram para o lugar onde sua santa Madre estava ajoelhada, cantando este refrão: 'Já que nos deste esta roupa, ó Rei do Céu, libertai dessa raça ruim nossas túnicas rústicas'. Tereza logo aderiu e, na mesma cadência e no mesmo tom, improvisou três versos arrebatadores ao texto original[61].

Parece que ela foi ouvida e, desde então, todos os Carmelos, apesar da rusticidade das roupas, desfrutam do privilégio de serem isentos dessa "raça ruim".

Estamos aqui bem longe de São Bento Labre! Então, o que diremos dele? Se ele foi canonizado, não foi precisamente por ter buscado aquilo do que fugiam as carmelitas de Ávila.

---

[61] *La Vie de sainte Thérèse*, par une Carmélite, I, 334.

Impedido, apesar do seu vivo desejo, de entrar para os Cartuxos e afastado, portanto, de um gênero de vida onde teria sido submetido a uma disciplina e a uma regra, ele se dedicou a um desprezo por seu próprio corpo e que estava, talvez, em suas características naturais. Apenas, ele viu nele um meio de mortificação. Ele se dedicou a isto, portanto, com ideias bastante elevadas e encontrou nisto um meio de praticar virtudes suficientemente grandes para dar a este tipo de resignação ou de ascetismo um valor que, seguramente, ele não tivesse por ele mesmo.

Seja como for, será permitido recordar aqui as palavras de São João Crisóstomo, que diz que "nem tudo é santo nas vidas dos santos" e de aplicá-las às atitudes de São Bento Labre[62], bem como às repugnâncias um pouco delicadas de Santo Agostinho e de São Filipe Néri[63].

III – Os fatos extraordinários da vida santa.

Todo aquele que quiser estudar, destacada e minuciosamente, as vidas dos santos mais conhecidos, facilmente encontrará nelas descobertas assim. Mas, nos contentemos aqui com estes exemplos e vejamos agora o que a vocação, uma vez for-

[62] Ver *Vie de saint Benoît Labre*, surnommé le pauvre pèlerin.
[63] Ver *Vie de saint Philippe de Néri: fondateur de la congrégation de l'Oratoire à Rome*.

talecida, faz com os dons naturais dos santos. Sabemos que ela não os suprime, mas gostaríamos de saber, na medida do possível, como eles entram em acordo. O santo renunciou às alegrias do mundo ou então resolveu usá-los com uma extrema humildade.

Talvez, se ele se retirou para uma comunidade que, mesmo consagrada que é ou que parece ser ao serviço de Deus, conserva mais de uma das fraquezas do amor-próprio e da vaidade, então ele teve que fazer esforços ainda mais difíceis do que os precedentes para terminar de depurar tudo nele e ao redor dele.

Por fim, tudo o que ele pôde descobrir de estranho ao amor a Deus e ao próximo, ele consumou e aparece, dali por diante, livre da natureza e como que a mantendo aos seus pés. Ele continua, no entanto, a viver, a pensar, a imaginar, a agir, a sentir prazer e dor, a sofrer e a amar.

O que esta transformação de todo seu ser fez nele de suas diversas faculdades?

Vimos acima que os santos não são, necessariamente, pessoas fracas e condenadas a uma morte prematura. Eles são, no entanto, afligidos por numerosas doenças, cujas provações eles bendizem.

Entre essas doenças, há aquelas que pouco interessam ao psicólogo. Apesar de todas as suas variantes, a gastralgia, a cirrose e a pneumonia se assemelham, em suma, nos doentes de todo tipo e se a santidade está, para muitos, na maneira de suportar os reumatismos, ela muda realmente pouca coisa na maneira com que os músculos e os nervos são afetados pelo mal.

Há, no entanto, uma parte do organismo que toca de mais perto a alma e suas funções: o sistema nervoso, pois é através de sua rede que vão e vêm as influências recíprocas do físico e da mente. É nele particularmente que evoluem os estados recentemente muito estudados da degeneração e da neurose.

A neurose! É a ela, de fato, que certa crítica, apoiada em recentes teorias psicológicas ou médicas, pretende atribuir os fatos mais extraordinários da vida santa. Ela se dedicou com tanto empenho a isto que, por um erro bastante perdoável nos populares e menos desculpável nos letrados, foi nestes fatos extraordinários que por muito tempo se buscou o caráter dominante da santidade.

Um santo era uma pessoa em quem o sobrenatural agia sozinho e agia através de uma perturbação ao menos aparente do curso regular da natureza. Se então, se pensava, a ciência pudesse explicar essas pretensas maravilhas através de leis

conhecidas da patologia, o edifício teológico sustentado pelas virtudes dos santos desmoronaria inteiramente.

Não seria mais necessário nos arrastar para a rotina voltairiana, ridicularizando todos os testemunhos e acusando de impostura os heróis mais desinteressados da humanidade. Estando totalmente pronta uma explicação natural, não haveria mais o mesmo inconveniente em aceitar os fatos enquanto fatos, só se teria que explicá-los[64] e concluir pela inocente ingenuidade da "fé da Idade Média", pois é bem conveniente, em certos meios, que somente a "Idade Média" teve fé e que, por outro lado, somente ela teve o privilégio da simplicidade, da rusticidade e da ignorância.

Assim, em uma das nossas coleções mais conhecidas, a *Revue Scientifique*[65], dois médicos pegam na história a figura de São Vicente Ferrier, um dos mais célebres "taumaturgos" e um daqueles a quem a lenda atribuiu mais milagres. Nossos dois críticos não se dão ao trabalho de discutir o grau de autenticidade dessas diversas histórias. Eles parecem aceitá-las todas em bloco, felizes mesmos em encontrar nelas um material

[64] Quando falo de explicações, emprego um termo muito indulgente. É verdade que se quer considerar como um axioma que explicar um fato é simplesmente incluí-lo em um grupo de fatos já devidamente constatados. Mas, constatar nem sempre é explicar. Muitas vezes, os fatos mais gerais aos quais se esforça para conduzir os outros permanecem, eles mesmos, obscuros e este é o caso daqueles dos quais tratamos neste momento.

[65] 6 de setembro de 1893, artigo dos Doutores Corre e Lauréat, intitulado "La Suggestion dans l'histoire".

bem amplo para um tipo de verificação retrospectiva de suas teorias. Apenas, todos esses fatos milagrosos que eles não negam, eles atribuem a fenômenos como os seguintes: lucidez ou visão à distância, alucinações telepáticas, sugestões e fascinações.

Ora, nós mesmos temos que pesquisar, dado o caráter psicológico deste ensaio, qual pode ser o lugar desses fenômenos na vida mental e moral de nossos santos. Não apenas esses fatos não são todos, longe disto, as marcas por excelência da santidade, como há muitos deles que são encontrados tanto nos santos como em pessoas que não são santas em nenhum grau! Felizmente, não foi difícil observar, em ambos os grupos, diferenças muito interessantes de se destacar.

A penetração nos sentimentos alheios e o que se chama de segunda visão são fenômenos que estão longe de serem raros em nossos heróis. Em Santa Catarina de Siena, ele é quase contínuo. Muito frequente em São Vicente Ferrier, ele é visto também frequentemente em Santa Tereza d'Ávila, que, segundo os testemunhos mais precisos de suas religiosas, só tinha que passar junto a uma delas para adivinhar seus desejos ou suas tentações. Ela se aproveitava disto para dissipar estas e acalmar aqueles, prometendo ou recusando definitivamente, segundo o caso, toda satisfação deles.

Esta adivinhação é possível em pessoas comuns? Sim, quando essas pessoas tem o hábito de viver, de pensar, se sentir junto a outra pessoa e com ela.

Um marido e uma esposa se surpreenderão ao terem ao mesmo tempo a mesma ideia sobre os assuntos que os interessam e aos seus filhos. Um professor pode igualmente adivinhar o que pensa ou sonha seu aluno distraído, se ele o conhece de longa data e se ele sabe interpretar o que, em dadas circunstâncias, querem dizer uma atitude, um gesto, um olhar.

Não é impossível totalmente que certos estados nervosos, preparados ou não, dão uma acuidade e uma delicadeza excepcional a este tipo de tato ou clarividência.

Entramos em um domínio muito mais misterioso até o presente, quando chegamos às sugestões mentais, como aquelas das experiências muito metódicas trazidas à luz nos últimos quinze anos. Não parece duvidoso, portanto, que pessoas hipnotizadas adivinhem muitas coisas. O cérebro delas, fechado para as sensações do meio ambiente, está aberto somente à ação do operador e elas reservam toda sua impressionabilidade para as influências invisíveis que elas recebem. Elas não obedecem somente às suas ordens explícitas e declaradas em voz alta; elas obedecem, mesmo à distância, às suas sugestões silenciosas.

É este o caso aqui? Não, já que os adivinhos ___ Santa Catarina de Siena, São Vicente Ferrier, Santa Tereza d'Ávila ___ não penetravam os pensamentos daqueles de quem sofriam a influência, mas daqueles que sofriam as deles e, por consequência, seria preciso compará-los, não aos hipnotizados, mas aos hipnotizadores.

Ora, estes últimos, como Charcot, nas experiências das quais fizeram tanto barulho, são adivinhados e não adivinhos. Muito se censurou, por exemplo, os experimentadores da Salpêtrière por produzirem eles mesmos, com uma ação involuntária, uma grande parte das desordens que irrompem nos doentes que eles manipulam[66].

O que se poderia especular é que a alma do santo ___ sobre a qual deslizam, sem penetrá-la, tantas impressões mundanas ___ dispõe, para tudo o que diz respeito à vida do espírito e da consciência, de uma delicadeza que não se encontra na pessoa comum. É como uma transferência de sensibilidade que não se compreende perfeitamente bem. Acrescentemos ___ e isto é uma consequência do que precede ___ que essa adivinha-

[66] Como eu disse em um estudo especial, "o sujeito hipnotizado é, como o sonâmbulo natural, dotado momentaneamente de uma sensibilidade e de uma delicadeza de reação absolutamente requintadas. Ele é então afetado, mesmo à distância, ele é, portanto, movido e modificado por esses eflúvios infinitamente pequenos, como um paciente reumático na Europa é afetado pelos sintomas incipientes de uma mudança de temperatura cujo início ainda está acontecendo nos Estados Unidos. (*L'Hypnotisme et la suggestion*. Ver o *Correspondant* de 10 maio de 1891).

ção penetrante não se aplica neles a fatos insignificantes e comuns. Ela se aplica ao que merece provocar a simpatia de diretores, de conversores ou de apóstolos.

Ora, tal estado, manifestado por uma devoção sobre-humana, não é uma pura troca de sensações entre dois sistemas nervosos em que ao menos um é alterado por uma irritabilidade doentia. Trata-se da simpatia de um amor que se tornou o senhor do ser inteiro, mas que é, ele mesmo, penetrado pelo espírito divino.

Estas reflexões não são de natureza a explicar certos fatos da vida do Pe. Olier? Trata-se primeiro de uma pessoa que, segundo toda probabilidade, é a Srta. Du Vigean. O Pe. Olier conheceu de longe a tentação que, certa vez, procurou afastá-lo da vida religiosa e depois, ele experimentou a volta da vocação e contou de que maneira ele a conheceu.

“Para me reconfortar de uma mágoa que tinha no fundo do coração, a Santa Virgem me explicou o estado de uma alma que estava em Paris e que eu entendi estar perturbada sobre sua vocação. Eu a vi com um deleite em meu coração, com uma alegria e um júbilo que me levaram dizer ao Sr. Breton-Villiers: ‘Não estou mais preocupado com a Srta. V. Ela está em paz e em grande alegria’. E, de fato, dois dias depois, recebi cartas que me mostraram sua disposição totalmente semelhante à-

quela que eu tinha carregado e sentido dentro de mim mesmo"[67].

Em outros termos, ao pensar nesta pessoa, o santo padre sentiu um estado de perturbação ou de alegria que lhe deu a convicção de que este estado correspondia àquele da alma pela qual ele rezava. É assim, dizem, que, segundo os magnetizadores menos indignos de serem ouvidos, quando um sonâmbulo sincero acredita adivinhar o mal de um consulente, ele só a advinha depois de tê-lo sentido ele mesmo.

A leve suspeita que recebeu colocou em movimento sua imaginação superexcitada, que produziu do zero todas as peças de um estado cuja consciência ou ilusão lhe serve de ponto de partida para um movimento inverso. Ela reporta isto ao consulente e lhe atribui o mesmo sofrimento ou a mesma alegria que acabou de sentir.

Que seja! Eu, particularmente, não dou esta explicação, mas concordo que ela não é impossível.

A semelhança parcial dos dois estados, por mais verossímil que se suponha, não exclui as diferenças. É um objeto totalmente diferente que está em jogo, são agentes totalmente diferentes que produzem os dois estados, é um objetivo total-

[67] *Lettres*, de M. Olier, I, 367.

mente diferente que é buscado, são resultados totalmente diferentes que são obtidos.

Diremos o mesmo da estreita união de pensamento que o Pe. Olier também teve com Marie de Valence. "Eu senti, em mim, a presença dessa alma que me fazia experimentar seu estado e suas disposições interiores, me fazendo entender o propósito de Deus, que desejava que eu entrasse em participação com seu espírito e sua vida"[68], ele diz.

Seu biógrafo confirma estas palavras ao nos explicar como o fruto da união destas duas almas foi fazer passar de um para a outra a mesma devoção intensa por um dos mistérios da religião.

Parecerá agora mais surpreendente que certas pessoas vejam ou ouçam fatos materiais que se passam a grandes distâncias? É certo que são encontrados exemplos disto perfeitamente autênticos nas vidas dos santos.

O bem-aventurado Raymond de Capone conta como ele ouviu, em Gênova, as palavras que Santa Catarina de Siena pronunciou para ele, ao morrer em sua cidade natal.

"Eu ouvi uma voz que não estava no ar e que pronunciou palavras que foram apreendidas pela minha mente e não pelos meus ouvidos. No entanto, eu as percebi mais distintamente

[68] *Lettres*, I, 429.

em mim do que se elas tivessem vindo de uma voz exterior. Eu não sei traduzir essa voz, se é que se pode chamar de voz o que não tem som. Esta voz pronunciou palavras e as apresentou à minha mente”[69].

Por outro lado, aqueles que tinham assistido aos últimos momentos da santa relataram essas palavras e Raymond as reconheceu como sendo aquelas que tinham chegado até sua alma[70].

A visão de Santa Tereza d'Ávila[71] será considerada mais maravilhosa ainda. Em 26 de julho de 1570, estando em oração, ela se viu transportada sobre o Oceano e assistiu, em espírito, a morte de quarenta sacerdotes e noviços da Companhia de Jesus, massacrados por corsários no navio que os transportava para o Brasil. Ela ouviu as vozes das vítimas e reconheceu, dentre elas, a de François Serez Godoï, seu parente. Uma vez a visão desaparecido, ela a contou ao Pe. Balthazar Alvarez e, um mês após, quando a notícia do martírio dos quarenta jesuítas chegou oficialmente à Espanha, o Pe. Alvarez reconheceu a exatidão dela nos menores detalhes que a santa lhe havia dado no exato momento do acontecimento.

---

[69] *Légende* [Vie], 3e partie ch. IV.

[70] “Diga-lhe que não esmoreça jamais. Estarei com ele no meio de todos os perigos. Se ele cair, eu o ajudarei a se levantar”.

[71] Ver *Bollandistes*, n° 502, 509, 510.

A história do hipnotismo, da sugestão e de todos os fenômenos que se relacionam a eles nos oferece, é difícil negar, exemplos de fatos muito parecidos. É só ler as pesquisas muito sérias conduzidas na Inglaterra pela *Société des Recherches Psychiques*, que contou ou ainda conta, entre seus membros, com o Sr. Balfour, o Sr. Gladstone, o Sr. Ruskin, o poeta Tenyson, o naturalista Alfred Wallace e que teve, na França, como correspondentes, Taine e os Srs. Th. Ribot e Charles Richet.

Esta sociedade considerou provados sete casos de aparições de indivíduos vivos, mas ausentes, na realidade, do lugar onde apareceram. Sete casos nos quais não havia traço, nem de manobras de charlatanismo, nem de insanidade e nem mesmo de neurose crônica.

Ora, as pesquisas foram conduzidas com precauções, com um cuidado, com uma crítica às quais uma mente tão pouco crédula quanto possível, Scherer, teve que atribuir justiça. Ele admitiu que histórias como aquelas que ele analisou lá eram de natureza a, singularmente, expandir os limites de nossas noções psicológicas.

Diremos que os fatos relatados nas vidas dos santos vêm se juntar às descobertas dos psicólogos contemporâneos? Ou preferiremos dizer que estas são feitas para propiciar uma crença mais forte nas histórias dos hagiógrafos?

Cada uma das duas afirmações é capciosa, mas cada uma também, eu reconheço, arrisca parecer pouco respeitosa, pois elas perturbarão as atitudes das mentes daqueles que julgam mais simples atribuir a uma ação sobrenatural tudo o que se passa na elite dos servos de Deus. Mas observarei que esta última opinião não é a das mais altas autoridades da Igreja Católica e não é nem mesmo a dos próprios santos.

Que o natural se mistura constantemente com o sobrenatural na existência deles, nisto não há dúvidas. Basta invocar o testemunho de Santa Tereza d'Ávila, que repete isto com muita frequência e em termos bem categóricos. Nada então nos proíbe de supor que esses casos de visão à distância, como o caso da visão interior, podem ser encontrados igualmente nas pessoas que examinamos e nas outras que não se distinguem de forma alguma da maioria de nós.

Nestes últimos sujeitos, ignora-se também a que combinação extraordinária nos efeitos das leis naturais são devidos esses fenômenos, que talvez eles possam ter experimentado uma vez em suas vidas. Mas, o que sabemos deles através das pesquisas não nos mostram, de forma alguma, que eles eram doentes ou, pelo menos, neuropatas como aqueles que são estudados nas experiências de anfiteatro. A comparação que aca-

bamos de tentar não seria, portanto, invocada por quem gostaria de assimilar a santidade à neurose.

Mas, por outro lado, os fatos relatados pelas sociedades de puros psicólogos não respondem, podemos recordar isto, a nenhum fim realmente útil, a nenhuma inspiração __ e eu uso este termo em seu sentido totalmente natural __ patriótica, humanitária, fecunda, enfim. Não. São casos curiosos como puderam ser, há muito tempo, certas manifestações ignoradas, ao lado das quais nossos ancestrais passavam sem ver.

No santo, a clarividência não pode ser separada das virtudes que a precedem, nem, principalmente, aquelas que a seguem e que fazem todo seu significado. Certamente há uma ligação entre este dom extraordinário e o conjunto da vida do herói, a ternura de suas amizades, sua missão na Igreja e os cuidados de seu apostolado. É sobretudo sob este aspecto que o fenômeno assinalado conta como um resultado e uma manifestação da santidade.

Pode-se dizer o mesmo das revelações que acompanham frequentemente as visões e as aparições da Virgem ou de Cristo a um santo ou de um santo, vivo ou morto, a outro santo. Elas são, acima de tudo, numerosas, pode-se dizer, nas lendas.

Sem dúvida. Mas elas são também bastante suficientes nos testemunhos menos contestáveis, como são, por exemplo,

aqueles que Santa Tereza d'Ávila nos forneceu sobre ela mesma.

Colocada à parte toda questão de fé, não sei que testemunho será aceito, no que quer que seja, se forem rejeitados aqueles que a grande santa nos deu com distinções tão precisas e explicações tão luminosas. Foi ela que, ao analisar todos esses fenômenos, nos ensinou repetidamente, que nem todos são "de Deus" e que, muitas vezes, eles vêm do demônio ou da fraqueza da natureza. Seu ilustre amigo, São João da Cruz, insiste, ainda mais fortemente que ela, sobre esta consideração, que as visões, as revelações, os fenômenos exteriores, como as suspensões, os estigmas são graças sujeitas a um grande número de armadilhas, falsificações e ilusões.

Assim, um estudioso jesuíta, intérprete de sua doutrina, diz, com exatidão: "Se há um autor incapaz de exaltar a imaginação em favor das revelações e das visões, é, seguramente, João da Cruz. O santo sente, por essas coisas, uma espécie de antipatia, não somente por causa das inúmeras enganações que o demônio e a imaginação produzem por intermédio delas, mas em virtude de sua ideia fixa que é afastar tudo o que não é do próprio Deus"[72].

---

[72] Reverendo Padre Auguste Poulain. *La Mystique de saint Jean de la Croix*, p. 44.

Escutemos, além disto, o grande místico em pessoa. Ninguém trabalhou mais para fixar a tradição católica de que esses fenômenos estão extremamente longes de constituir a santidade.

É preciso dizer mais: nos meios onde se formam e onde se honram os mais santos, esses fatos começam sempre por provocar a inquietação e a suspeita. Teme-se que eles provenham de uma certa desordem ou que eles produzam uma, ao colocarem em uma rude provação a mente e a organização daqueles que os experimentam.

O que se diz, como São João da Cruz, de menos desfavorável é que não se deve ser inimigo deles por preconceito ou maltratar quem os vivenciam. Basta lhes mostrar os perigos e se afastar com ternura.

"Deve-se conduzir essas almas através da fé, afastando-as pouco a pouco dessas impressões sobrenaturais, ensinando-as a se privarem delas, para se beneficiarem mais da vida espiritual. Deve-se convencê-las de que este caminho é o melhor, que uma única ação e um só ato da vontade no amor valem mais e são mais preciosos perante Deus do que todo o bem que se pode esperar dessas revelações. Deve-se acrescentar que muitos que foram privados desses dons se tornaram mais santos incomparavelmente do que aqueles que os receberam do

céu em profusão”, lemos na **Subida do Monte Carmelo**. Assim fala, a cada instante, Santa Tereza d’Ávila.

Em uma das cartas mais curiosas que se conservou de São Francisco de Sales, atribuída erroneamente à Santa Joana de Chantal por Barthélemy, encontramos uma avaliação análoga. Trata-se de uma jovem que tinha revelações e êxtases.

Num primeiro momento, o grande santo as considera suspeitas, precisamente porque são frequentes. Ele conta então a história de outra jovem cuja aparente santidade tinha iludido seu confessor, outras religiosas e à própria jovem, enfim, pois “ela foi a primeira a ser enganada... não tendo de sua parte nenhum tipo de falta, a não ser a complacência que tinha ao imaginar que era santa... e a fútil diversão que tinha ao ter essas fúteis imaginações”. Mas ela as tinha em um número tal que, no fim, isto a tornou suspeita às pessoas de juízo, que perceberam que não havia outra coisa além de “um amontoado de falsas visões”.

O ilustre amigo e conselheiro de Santa Joana de Chantal concluiu então que era preciso ter para com essa religiosa “uma total negligência e um perfeito desprezo por suas imaginações e lhe falar das sólidas virtudes e perfeições da vida religiosa e, particularmente, da simplicidade da fé, através da qual os santos caminharam sem revelações nem quaisquer visões, se

contentando em acreditar firmemente nas revelações da Santa Escritura e da doutrina apostólica e católica".

É toda esta tradição que Bento XIV resumirá, quando, depois de ter recordado as revelações de Santa Catarina de Siena e de Santa Brígida, clamará: "Mesmo que muitas dessas revelações tenham sido aprovadas, não devemos e nem podemos lhes dar um assentimento da fé católica, mas simplesmente um assentimento da fé humana e segundo as regras da prudência, quando essas regras permitem considerar prováveis essas previsões e dignas de uma crença piedosa"[73].

No que se baseia essa crença piedosa? Nas próprias características das revelações e das visões, mas principalmente no caráter de quem que foi favorecido com elas.

Primeiramente, vimos pelo discernimento de São Francisco de Sales, que uma grande frequência delas as tornam mais do que suspeitas e se percebe facilmente a razão disto. Uma repetição habitual faz com que se acredite que o antigo estado lentamente formado da pessoa foi substituído por uma natureza nova, um estado inteiramente diferente, definitivamente dotado de atributos de outra ordem e que se manifesta por um tipo de necessidade interior.

---

[73] Livre III, chap, 15.

Uma metamorfose assim só deixaria a escolha entre duas hipóteses: uma perturbação totalmente patológica, já que a alienação mental, quando irrompe, muda radicalmente a personalidade do doente ou uma transfiguração gloriosa.

Ora, mesmo entre os maiores santos e nos mais sublimes estados da espiritualidade, a natureza, embora poderosamente fortalecida, ainda sobrevive, com a possibilidade do pecado. São sempre os santos que nos dizem isto, acrescentando que estes são favores que Deus concede como ele bem quer, a título de recompensa ou provação para o bem da Igreja e que ele retira em seguida, como ele bem quer, por motivos que só são conhecidos por ele e que são, por fim, bens "cujos valores só conheceremos no outro mundo"[74].

Mas então, o que dizer sobre isto? Que não é tanto a revelação, nem a visão, nem a profecia, nem o favor visível, seja ele qual for, que faz a santidade da pessoa, mas que é, pelo contrário, a santidade bem provada da pessoa que assegura às mentes o valor dos fenômenos que se observou.

Isto é verdadeiro até mesmo para com os milagres. Esta afirmação talvez possa espantar algumas pessoas. Ela só faz, no entanto, reproduzir a tradição constante dos santos e dos soberanos pontífices. Todo mundo conhece a carta em que São

[74] Ver: *Santa Tereza d'Ávila*, III, 97 e 549.

Paulo diz que o amor vale mais do que *transportar montanhas*[75].

Conhece-se menos a admirável carta de São Gregório Magno ao monge Agostinho: "Pense que o dom dos milagres não foi concedido para você, mas para aqueles cuja salvação lhe foi confiada. Há milagres de reprovados e nem mesmo sabemos se somos eleitos. Deus só nos deu um único sinal para reconhecer seus eleitos: é nos amarmos uns aos outros".

Além disto, o grande papa distingue duas espécies de milagres: os milagres propriamente ditos, que são os milagres físicos e os milagres espirituais, que são apenas as virtudes levadas à perfeição e ao heroísmo.

Ora, ele diz: "os milagres físicos mostram algumas vezes a santidade, mas eles não a fazem e os milagres espirituais que acontecem no fundo da alma, não mostram externamente a virtude da vida, mas eles a fazem. Os primeiros são acessíveis até mesmo aos que são maus, mas desfrutar dos segundos, só os bons podem. Não vão então, meus caríssimos irmãos, se prenderem a esses sinais que nos são comuns com os reprovados, mas amem os outros milagres do amor e da devoção que eu acabo de lhes citar. Eles são tão seguros quanto mais ocul-

[75] I Coríntios XIII, 2.

tos eles são e Deus os recompensa ainda mais, porque propiciam menos glória junto às pessoas".

Muitos séculos mais tarde, Bento XIV também observou que os milagres podem ser sinais de santidade, mas que eles não são seus sinais essenciais e principais e que, além disto, se os santos do Antigo Testamento faziam sobretudo milagres enquanto vivos, os santos do Novo Testamento os fazem sobretudo após suas mortes, o que quer mostrar que sua fé se tornou definitiva. E ele conclui: "na avaliação feita para a beatificação ou para a canonização, só se faz o exame dos milagres depois de constatada as virtudes heroicas ou o martírio do servo de Deus. São essas virtudes que dão o principal e o mais decisivo testemunho sobre a santidade. As visões, as profecias e os milagres vêm apenas em segundo lugar e eles nem são levados em conta, se a prova das virtudes heroicas não foi previamente estabelecida".

Quando se entra assim na vida pessoal do santo, se percebe primeiro que os fatos extraordinários e os milagres que acontecem nela não são acidentalmente superpostos à sua virtude. Considerar isto como o fundamento sobre o qual repousa o resto não basta.

Já vimos que, entre a ação mais exterior e a ação mais íntima, há uma troca contínua de influências que marcam com

seu selo as faculdades misteriosas cuja existência somos obrigados a admitir. O mesmo acontece com os milagres, tanto para aqueles que não deixam nenhuma dúvida, quanto para aqueles que se pode tentar remeter a certas formas raras, mas naturais, de ascendência, de prestígio e de confiança irresistivelmente inspirados[76].

Primeiro, assim como o santo só tem revelações muito raramente, em geral também ele faz poucos milagres. Isto é o que afirmam as autoridades mais seguras e nos bastará citar os Bolandistas. Em sua **Vida de Santo Inácio de Loiola**, eles constatam que seu bem-amado fundador foi tão pródigo neles que se discutiu para saber se ele algum dia os havia realizado e, depois de terem sido recordados os textos de São Gregório Magno que acabo de citar, eles acrescentaram: "Que milagres temos de Santo Agostinho, de São João Crisóstomo, de Santo Atanásio, de São Gregório Nazianzeno, de São Gregório de Nissa? Poucos, seguramente. Santo Agostinho disse que mais vale converter um pecador do que ressuscitar um morto"[77].

Vão me questionar: "Você acha então que eles podiam fazê-los ou não fazê-los segundo a vontade deles?"

Não!

---

[76] Compreende-se facilmente a diferença. A cura de um grande número de doenças pode ser incluída na segunda categoria, mas não a cura súbita de um cego e menos ainda a ressurreição de um morto.
[77] 784. E — 787. C.

“Pois, então! Se é Deus quem, como você acredita, os realiza através deles, por que essa intervenção superior seria limitada, tanto em número quanto na grandeza das maravilhas produzidas?”

Responderei que, de fato, não nos cabe restringi-los e nem ampliá-los, mas o próprio Jesus se queixou daqueles que, para acreditar, exigiam prodígios dele e isto deve nos bastar como lição. Os santos que pedem a Deus que faça, através das mãos deles, este ou aquele milagre, conhecem esta lição e eles certamente a aplicaram. Mas, enfim, vamos escutá-los e recolher sobre este tema suas máximas e suas tradições.

Antes de tudo, o santo considera que o dom dos milagres não vale absolutamente nada, que ele não passa de uma ilusão ou é o pior de todos os perigos se não estiver subordinado a duas virtudes que valem infinitamente mais: o amor e a humildade.

Ninguém se admirará, eu acho, em ver duas virtudes colocadas lado a lado. Nada é mais oposto ao amor ao próximo do que a complacência para consigo mesmo e, com muito mais razão, para com o orgulho.

Ora, isto já é motivo para que o santo tema, com a frequência de tal dom, a frequência das tentações que arriscariam

acompanhá-lo. Sua humildade não é então colocada, em certo sentido, ao abrigo?

Se então, como teremos mais de uma oportunidade para recordar, se trata da sublimidade de sua relação com Deus, é a intensidade do amor com o qual ele se esforça para corresponder a ela que o faz medir toda a extensão da miséria humana. Se ele é elevado prodigiosamente acima dela, ele elevou também mais alto seu ideal.

É por isto que a consciência deste dom que ele acredita imerecido vem muito frequentemente __ e, sobretudo na porção militante de sua vida __ perturbá-lo. E esta não é, se me permitem dizer isto de passagem, uma das mais fracas provas da realidade do próprio milagre.

Escutemos o que conta muito bem o último historiador de São Bernardo: "Um ponto obscuro atormentava seu pensamento: era a lembrança dos milagres que havia realizado. Por fim, ele se abriu com seus companheiros de viagem. 'Como Deus se serviu de um homem como eu para operar tais maravilhas? Comumente, os verdadeiros milagres são a obra dos grandes santos e os falsos milagres são a obra dos hipócritas. Ora, me parece que não sou nem um nem outro'"[78].

---

[78] Abade Vacandard. *Vie de saint Bernar*d, tomo II, pag. 232.

Esclarecido assim por sua própria experiência, ninguém é mais apto do que um verdadeiro santo para desmascarar as falsas santidades e fugir de seu contágio. Quando Santa Tereza d'Ávila começou a receber os favores divinos e a percorrer "os caminhos extraordinários", ela foi atormentada por um tipo de pavor de se parecer com uma Clarissa (Madeleine de la Croix, Clarissa de Córdoba) que, por trinta anos provocou o entusiasmo da Espanha, mas que acabou por confessar que não passava de uma criminosa que enganara a cristandade inteira.

"Ela dirigia não apenas as clarissas de Córdoba, mas se tornou o oráculo dos outros conventos da Espanha. Os príncipes, os reis, os pontífices mesmos a consultavam sobre os assuntos de seus estados ou de suas dioceses. Ela lhes revelava segredos aparentemente impenetráveis, revelando eventos que aconteciam longe dela e ela viu, por exemplo, Francisco I entregar sua espada em Pávia e Roma ser pilhada pelos imperialistas.

"Prodígios acompanhavam suas previsões, prodígios que não se pareciam em nada com os milagres do *Bom Mestre*[79] do Evangelho e que provocavam o espanto dos sentidos, mas não iluminavam as almas e nem fortaleciam os corações. A massa seduzida a admirava sempre e sua veneração crescente exalta-

[79] Mateus 19: 16.

va cada vez mais Madeleine. Nos dias de grande festa, ela caía em êxtase e se erguia muitas vezes a dois ou três pés acima do solo... etc. etc.

"Um dia, enfim, em 1546, um raio de graça atravessou as trevas dessa mulher. Para consternação geral, ela se jogou aos pés de um visitante de sua ordem e, tirando a máscara de sua hipocrisia, ela confessou que, com truques sacrílegos e artimanhas feitas com o demônio, ela tinha indignamente enganado a confiança das irmãs, assim como a opinião pública...

"Ela completou seus primeiros votos e... transportada para fora da cidade, terminou seus dias em penitência, longe do claustro que ela havia desonrado"[80].

Estes acontecimentos tiveram uma repercussão imensa. Toda a Espanha ficou abalada, diz a historiadora da qual retiramos esta história.

Quão diferente foi a história de Santa Tereza d'Ávila! Longe de procurar os dons sobrenaturais, ela se sentia "sempre preocupada", ela sentia "crescer seus alarmes" (estas são suas próprias expressões), na medida em que se realizava nela o que lhe parecia ultrapassar as forças da natureza. Foi só anos de provações, de combates, de comparações e experiências reiteradas que, segura de sua boa fé e derrotada pelo amor, ela se

[80] *Histoire de sainte Thérèse, par une carmélite*, I, 145.

abandonou, enfim, sem desconfiança e, por consequência, sem reserva.

Ela ficou segura do amor de seu Deus e segura dela mesma. Não havia mais nenhum dom que ela não aceitasse e não consentisse em descrever e explicar, para a glória da Igreja e o bem das almas. Ela os usava com gratidão e, pode-se quase dizer, com familiaridade e simplicidade, como ela tinha usado, até então, os dons naturais com que seu coração havia sido enchido e seu espírito ornamentado. Poucos santos conheceram, sem dúvida, neste grau, o desfrute lúcido e pacífico ao qual ela chegou nos últimos cinco anos de sua existência.

Santa Joana de Chantal, ao envelhecer, foi provada por tormentos espirituais que ela teve muita dificuldade em vencer. Mas esta diferença __ devemos dizer: esta inferioridade? __ não retira nada da autoridade da fundadora de tantos conventos, da diretora de tantas religiosas, que soube sempre preservar as outras superioras dos perigos dos dons extraordinário e do que ela chama com tanta energia de “tráfico de revelações”.

Com que força também não recordaria a uma delas que, no último dia, mais de um fazedor de milagres e mais de um profeta seria tratado como um agente de iniquidade! Ela não se referia a falsos milagres e falsas profecias, mas de fazedores de

milagres e de profetas “que não tinham sido mansos e humildes de coração”, como lhes tinha pedido, acima de tudo, o Divino Mestre.

Nas visões, nas revelações, nos milagres, a parte do que é trazido de fora e do alto é, seguramente, muito preponderante e a parte da santidade deve ser buscada mais na maneira como o herói aceita esses dons e na maneira como ele os usa.

Pode-se acreditar que não é o mesmo com os fenômenos que resumem tantos esforços e impulsos da vida santa e que conduzem, por diversos graus da oração, ao sentimento de união, ao arrebatamento e ao êxtase. É então tempo de descer, na medida do possível, a essas profundezas iluminadas pela experiência refletida dos próprios santos. Lá está, provavelmente, a fonte de onde a natureza tira as maravilhas que acabamos de mencionar, pois Bento XIV nos diz[81], por exemplo, que as visões e as revelações geralmente só são concedidas àqueles que já conheceram os êxtases e os arrebatamentos.

Todo santo então é um extático e todo extático é um santo? É evidente, sobretudo, que nem todo extático é santo.

Alfred Maury, que era, ao mesmo tempo, um erudito e um psicólogo e que se debruçou muitas vezes sobre esta questão, acreditou poder dizer: “Os teólogos têm considerado o êx-

[81] Benedicti Papæ XIV. *De servorum Dei beatificatione et de beatorum canonizatione*, III, 49.

tase como um dos favores mais marcantes que o Criador já concedeu à sua criatura. Assim, Roma considerou como santo a maior parte daqueles que o experimentaram”.

Não há nada de menos verdadeiro do que esta afirmação. É um lugar comum da teologia que, quando se trata de canonizar um servo de Deus, não se leva em conta os êxtases ou, pelo menos, não são aprovados como milagres especiais, a menos que sejam acompanhados de algum prodígio evidentemente sobrenatural.

Mas, seguindo Bento XIV e os santos, cujas experiências ele resume, tentemos ir mais longe. O tratado da beatificação e da canonização distingue três tipos de êxtases: o êxtase natural, que é uma doença, o êxtase diabólico e o êxtase divino. Para diferenciar um do outro, é preciso prestar atenção, ao mesmo tempo, aos antecedentes da crise, aos seus sintomas próprios e às consequências de toda ordem que decorrem dele.

Se o êxtase é periódico e acontece em intervalos determinados; se, com o tempo, o extático cai em paralisia, é atingido por apoplexia ou alguma outra doença semelhante; se o êxtase é seguido de lassidão, de paralisia dos membros, de lentidão mental e de obscuridade intelectual, de perda de memória, de palidez ou lividez do rosto e de tristeza da alma; tudo isto será considerado como sinais de um êxtase puramente natural. A-

inda se estará mais seguro disto se o sujeito, por causa de desejos terrenos, for tomado por acessos de tristeza ou de terror.

Um êxtase diabólico será reconhecido se o sujeito for uma pessoa de maus costumes ou se sua crise for acompanhada de uma distorção exagerada dos membros, de uma perturbação (se não for insólita, o êxtase será considerado divino) desordenada do corpo e, com muito mais razão, se esses movimentos forem indecentes.

Também poderá ser acusada a ação de diabólica se o extático provoca ou suspende a crise à vontade, se ele fala como uma pessoa cuja inteligência é perturbada ou se parece que é outra pessoa que fala através de sua boca (*quasi alius loquatur per eum*); se, depois de ter ficado alienado dele mesmo, ele não se lembra de nada do que disse e não pode repeti-lo; se, por fim, ele se deixa arrebatar assim em um lugar público ou em presença de um grupo numeroso de espectadores.

A ausência de todos estes detalhes fará então, inicialmente, pressentir a natureza divina de um êxtase, mas não se duvidará ainda mais se as palavras do extático não produzem outro efeito que não seja estimular os outros ao amor divino e se, ao retornar a ele mesmo, ele se mostra cada vez mais fortalecido no amor, na humildade e na segurança do coração.

Dizer que um êxtase assim é divino é o mesmo que dizer que ele é devido a uma ação sobrenatural. Em uma religião onde a menor virtude supõe uma graça, como tais estados não exigiriam uma?

Mas há fontes espirituais onde se faz como que uma preparação pessoal para este sublime estado. Bento XIV destaca três delas, que são: a intensidade da admiração, a grandeza do amor e a força da exaltação ou da alegria. Estamos aqui longe do estado de aniquilação que é considerado como a característica do êxtase.

É verdade que me objetarão que é preciso diferenciar a preparação da crise e a própria crise e que, na preparação, pode acontecer de a vivacidade dos sentimentos ter transmitido à psique inteira um acréscimo de atividade que ultrapassa os recursos comuns da natureza e, mais precisamente, dirão, a consequência necessária dessa exaltação é um esgotamento geral e a imobilidade do corpo, traduzida então, muito claramente, pela parada momentânea das funções vitais.

A experiência dos santos permite responder a esta objeção, pois as histórias que eles nos deixaram nos fazem distinguir, por nossa vez, duas ordens de faculdades ou funções. Que as funções inferiores sejam interrompidas e a própria respiração suspensa, sim, isto é exato. É exato também que este esta-

do do organismo pode, segundo a compleição natural e o temperamento da pessoa, ser acompanhado de fenômenos perfeitamente semelhantes àqueles dos diferentes tipos de êxtases que os médicos estudam e descrevem nos doentes.

Mas, segundo a expressão de Santa Tereza d'Ávila, enquanto a alma está adormecida para as coisas temporais, ela está desperta para as coisas do céu. "O que eu observei neste tipo de arrebatamento é que a alma jamais teve tanta luz como então, para compreender as coisas de Deus", ela diz ainda.

É verdade que ela acrescenta: "Se me perguntam como pode ser que todas as nossas forças e todos os nossos sentidos estando tão suspensos como se estivessem mortos, ouvimos e compreendemos alguma coisa, eu respondo que isto é um segredo que nenhuma criatura talvez entenda e que Deus reservou para ele, assim como tantos outros".

Ela não deixa de afirmar também que, no arrebatamento, a alma se sente como que iluminada: "o entendimento suspende suas operações discursivas, mas a vontade permanece fixa em Deus através do amor, que ela domina como soberana".

É então que o vazio aparente do intelecto é cheio com visões. Às vezes são visões intelectuais que são mais como uma consciência inabalável da presença de Deus e do efeito que ela produz na alma. Muito frequentemente são visões imaginárias,

sujeitas a mais ilusões, sem dúvida, mas em melhor harmonia com a fraqueza de nossa natureza, pois a visão, uma vez terminada, a alma, sustentada pela sobrevivência das imagens, pode reconstituir melhor a cena desaparecida[82].

Não percamos de vista estes dois aspectos do êxtase dos santos: o sono dos sentidos e o despertar das faculdades superiores. Quando o primeiro se mostra sozinho e isolado, trata-se do falso êxtase. Com o segundo e através dele aparece o êxtase divino.

Fatos que vêm do demônio e fatos que vêm de uma intervenção especial de Deus, tudo isto, dirão, está fora da ciência e não tem nada a ver com a psicologia. Isto é um erro. Continuemos a delimitar bem o campo da controvérsia. Pode-se reservar toda a discussão sobre a natureza e a origem do fato misterioso e buscar saber como a alma humana se comporta diante desse fato ou depois desse fato. O milagre não suspende todas as leis naturais no ser onde ele irrompe. O cajado de Moisés fez jorrar água do rochedo[83], mas a água que jorrou obedecendo àquele apelo obedecia às leis da gravidade e da mecânica hidráulica. O lábaro, uma vez aparecido no céu de Constantino,

[82] Segundo Santa Tereza d'Ávila, as visões intelectuais duram mais tempo e quando elas se prolongam, o estado que elas acompanham não poderia ser chamado propriamente de um êxtase. Ver III, 504, 511 e cf. Benoît XIV, III, 49.
[83] Cf. Números 20: 11.

nele brilhou segundo as leis da física, sendo visto segundo as leis da ótica.

Ora, tomemos esses fenômenos extraordinários, sejam da verdadeira ou da falsa mística. A opinião justamente acreditada considera que há em ambos um determinismo, um conjunto ligado, no qual o fato inesperado intervém sem destruir, até onde pensamos, a economia natural.

É verossímil que este fato é o ponto de chegada de uma sequência de estados (não significando que eles se produzem por virtude própria) e que ele é o ponto de partida de outra sequência, como são, aliás, na vida comum, certos atos decisivos que dependem mais completamente do livre arbítrio do indivíduo.

Da mesma forma, a nova patologia nos diz que o germe de uma doença pode vir de fora, mas não deixa de existir um organismo preparado e *disposto* desta ou daquela maneira que o recebe, que o conserva e o desenvolve ou o elimina.

Pouco senhor de sua imaginação; excessivo em suas austeridades; triste, por consequência[84]; ávido pelas graças excepcionais; indisciplinado em suas orações; mais desejoso de amar

[84] Em seu excelente *Histoire de Saint François d'Assise* (Paris, Lecoffre), o Sr. Abade Le Monier dá como autênticas estas palavras do santo: "É preciso ter uma grande discreção no tratamento que impomos ao corpo, nosso irmão, se não quisermos que ele provoque em nós uma tempestade de tristeza". (II, pag. 395).

e, sobretudo, de se acreditar amado, do que de agir com uma humilde paciência; o falso místico merece, por assim dizer, se tornar um brinquedo de suas ilusões e quando essas ilusões chegam, ele mesmo prolonga em todas as suas faculdades, seu efeito desastroso.

Humilde e prudente, atento em guardar em tudo a verdadeira medida, convencido de que não deve somente pedir, mas oferecer, não apenas receber, mas dar, ou seja, se devotar "ao serviço de Deus na justiça, com uma coragem masculina"[85], o verdadeiro místico só quer reconhecer o caráter divino de suas próprias visões na medida em que ele sai dela mais perfeito. Ora, esse aperfeiçoamento, seja qual for a parte em que ele acontece sob a ação de Deus, ele sabe bem que não pode realizá-lo sem esforços pessoais. É por isto que ele realiza esses esforços com perseverança, apesar de todos os obstáculos que lhe vem, dele mesmo ou de outros.

Certamente que ele não ignora esses obstáculos, pois aqui, como em toda parte, aliás, fica-se admirado em ver com que segurança, com que bom sentido e com que exatidão os santos reconheceram, trataram e curaram o falso êxtase. A mistura de fraqueza física e de devaneio, o abatimento físico acrescido do abandono da vontade, a melancolia que entrega a

[85] *Sainte Thérèse, Sa vie, par elle-même.*

alma à sedução ou à tirania de uma ideia fixa, a ilusão da imaginação que considera êxtase uma letargia comum, o erro meio procurado de um misticismo muito orgulhoso ou de um desejo muito mal sustentado por uma energia ou uma prudência insuficientes, tudo isto eles viram, eles assinalaram, eles temeram, tanto para eles quanto para aqueles que eles tinham que conduzir.

É, de fato, muito curioso ver que, quando fisiologistas contemporâneos, ao confundirem a mística (de qualquer natureza que seja) com a santidade, acreditam nos explicar as maravilhas dos santos através das doenças dos místicos, eles *descobrem* um grande número de coisas que os próprios santos conheciam e admitiam perfeitamente.

A humanidade é sempre a mesma e tais doentes que, invés de sonhar com grandezas ou com o amor humano, se apaixonam de boa fé pelas alegrias melancólicas de uma relação imaginária com os anjos e com a divindade, existem em nossos dias como existiram em todos os tempos precedentes. Eles são encontrados em todos os meios de devoção. Os sacerdotes que eles perseguem com suas exigências e seus escrúpulos os conhecem bem.

Por que tentaríamos dissimular que eles existem nos conventos, já que Santa Tereza d'Ávila e Santa Joana de Chantal os

encontraram muitas vezes nos delas e elas mesmas disseram isto?

Quantas vezes, de fato, elas não atacaram o mau método que começa com o abandono de certos prazeres sensoriais da devoção, continua com uma depressão meio voluntária, é agravado pela falta de comida, continua com um enfraquecimento progressivo do corpo e termina, finalmente, em um tipo de êxtase que só contém perigos!

O erro que temos que combater é concluir, desta triste e inocente paródia da santidade, o estado constante dos verdadeiros santos. É um raciocínio bastante aventureiro aquele que, baseado em exemplos de hábitos dissolutos recolhidos em escritores ou artistas de terceira ordem, faz desses hábitos um dos ingredientes inevitáveis do gênio[86].

Afirmarei que esses estados perturbados do sistema nervoso, esses ataques seguidos de prostração, essas dores violentas alternadas com a insensibilidade física jamais são encontrados na vida dos santos?

---

[86] Assim, Lombroso, tendo encontrado perto de Bérgamo, um sujeito chamado Zola, que era "um escroque e uma pessoa genial", como ele afirmou, viu neste caso um exemplo decisivo em apoio à sua teoria sobre o parentesco entre a genialidade, o crime e a loucura. O mais impressionante é que Lombroso comunicou esta descoberta ao nosso célebre romancista, em uma carta escrita expressamente com este objetivo. Esta carta foi publicada nos *Archives d'anthropologie criminelle de Lyon*. Ele acreditou realmente que esta notícia lisonjearia nosso compatriota. Vejam nosso livro sobre a *Psychologie des grands hommes*.

Não. Muitos deles explicaram como eles tiveram que sofrer tais crises. Eles as narraram com detalhes e, direi, lealmente.

Santa Tereza d'Ávila, por exemplo, descreveu a catalepsia com uma exatidão memorável. Ela a descreveu de memória e segundo sua experiência pessoal[87].

Mas, contrariamente àqueles com os quais se quer compará-los, os santos não pensam em desnaturar o caráter dessas misérias. Eles também não têm a ideia de se glorificarem com elas e buscarem nelas um pretexto para se condenarem à lamentação perpétua e à inércia.

Frequentemente, na verdade, eles veem nelas, como já dissemos, uma ação do demônio armado com o direito de golpeá-los, como ele golpeara o *santo homem Jó*. Frequentemente também, isto é para eles uma simples deficiência da pobre natureza.

Sem entrar em nenhuma análise de ordem médica[88], eles são suficientemente humildes para pensar que seus nervos não estão ao abrigo do mal, assim como seus pulmões, seus estômagos ou suas vértebras, mas o que eles veem primeiramente

---

[87] Ver, *Sa vie, par elle-même,* ch. XX.

[88] No entanto, Santa Tereza d'Ávila era, sobre isto, de uma aptidão memorável. Eu tive oportunidade de mostrar como ela se antecipou aos médicos contemporâneos na distinção e na análise das quatro espécies de melancolias, tais como a ciência as descreve em nossos dias. (Artigo *Neurasthénie*, em *Quinzaine*, 1º de fevereiro de 1897).

nesses abatimentos e sobressaltos é, de fato, uma doença e se ela se prolongar, eles esperam que ela seja curada.

E como eles tentam curá-la?

Oh, a sublime Santa Tereza d'Ávila não faz rodeios __ perdoem-me a expressão __ e segue quatro caminhos. O médico mais positivo não encontrará nada para contradizer sua terapêutica, tão pouco sentimental quanto possível.

Escutemo-la. Ela nos falou dessas pessoas que, por causa de suas austeridades, de suas orações e de suas vigílias ou mesmo unicamente por causa da fraqueza de suas constituições, "não podem receber uma consolação espiritual sem que sua natureza não fique logo abatida. Ao mesmo tempo em que elas experimentam certo prazer na alma, elas sentem no corpo uma deficiência e uma fraqueza... Elas se abandonam a um tipo de embriaguez. Depois, com essa fraqueza aumentando, porque a natureza se enfraquece cada vez mais, elas a tomam por um arrebatamento e lhe dão este nome, embora isto não passasse simplesmente de um tempo perdido e uma ruína de sua saúde. Eu conheci uma pessoa a quem aconteceu ficar oito horas nesse estado. Seu confessor e outros se enganaram com isso... Mas outra pessoa (*a própria santa*), a quem Deus deu a luz, descobriu a armadilha. Seguindo seu conselho, obrigaram

a pobre extática a diminuir suas penitências, a dormir e a comer mais e, com a ajuda deste tratamento, ela foi curada”[89].

Mas a santa não queria ser curada! E por que ela ia querer sê-lo?

Nela, como em seus iguais, esse enfraquecimento momentâneo do êxtase é, em princípio, parcial e depois, não passa de uma curta crise entre dois períodos da vida espiritual intensa, pois ele sucede a energia dos desejos e precede a energia da ação.

Sem dúvida que, no momento preciso do êxtase santo e imediatamente após ele, o corpo permaneceu sem forças, muito menos porque ele as tinha perdido por ele mesmo do que porque “a alma as tinha levado todas”.

Mas, primeiramente, se a alma as levou, isto não é uma perda simplesmente. Ela as reuniu todas em uma intuição penetrante, em uma doação generosa e completa de todo seu ser, em um desejo inefavelmente satisfeito. Ela as deixa depois jorrarem de lá, como que de uma fonte, para as diferentes faculdades que elas arrebatam. Por fim, ela as faz descerem até mesmo ao corpo e lhe devolve muito mais do que lhe arrancou, pois, “frequentemente enfermo e atingido por grandes dores

---

[89] *Le Château intérieur*, 4e demeures, III.

antes do êxtase, ele sai dela cheio de saúde e admiravelmente disposto para a ação”[90].

Este é o estado verdadeiramente divino: é aquele em que a alma se sente finalmente mais livre, mais calma e mais forte e em que o próprio corpo participa desse renascimento da saúde total.

Isto foi um favor especial à Santa Tereza d’Ávila? Isto foi uma consequência do seu temperamento espanhol ou do vigor natural de sua constituição que, apesar de suas doenças (e seus médicos, porque ela teve alguns muito desajeitados), lhe permitiu chegar aos setenta anos?

Mas o mesmo fato é encontrado de forma igualmente notável na frágil virgem de Siena, destinada a morrer muito cedo. Nós sabemos que ela ditou ou escreveu um grande número de cartas em estado de êxtase e nós as conhecemos, pois seu confessor, Raymond de Capoue e seus secretários as assinalaram.

Ora, elas são cheias de lucidez, de firmeza e de coragem. O que as caracteriza não é um impulso contínuo de devoção contemplativa, mas a segurança dos conselhos dados sobre os assuntos mais sérios ao Papa, aos idosos da cidade de Siena e a príncipes. Uma delas trata dos deveres do matrimônio, outra trata da justiça e quase todas têm relação com as indestrinçá-

[90] *Sainte Thérèse, Sa vie*, 208.

veis dificuldades políticas das quais ela conseguiu, quase sozinha, tirar seu país e a Igreja.

No entanto, não foi somente nos outros que os santos viram e reconheceram o falso êxtase. Só se compreende nos outros o que se sentiu, ao menos parcialmente, em seu próprio ser.

Que me entendam bem! Eu não quero dizer que nos santos o falso tenha se misturado com o verdadeiro e nem que os estados que acabo de descrever se alternem com seu oposto. Eu quero dizer simplesmente duas coisas: a primeira é que, como eles mesmos contam, eles sentiam __ cada vez menos, sem dúvida, na medida em que avançavam na vida, mas, enfim, sentiam __ o que eles chamam de as ameaças e o poder do demônio; a segunda é que a doença que os visitava frequentemente os colocavam muitas vezes na ladeira dos estados puramente naturais nos quais eles viam outras pessoas deslizarem para neles pararem e definharem, algumas vezes, até se perderem neles.

Em outros termos: nos perigos nos quais os mais fracos sucumbiam, eles triunfavam. Mas eles só triunfavam depois de terem sentido a ladeira e depois de terem lutado para se livrarem dela.

Este é um pensamento que se encontra, com detalhes extremamente originais, em Santa Tereza d'Ávila e em Santa Joana de Chantal, que não se pode considerar como um fenômeno qualquer, um estado de alma, um gênero de vida que se inicia, mas sim como eles continuam e, sobretudo, como eles terminam.

Ora, às vezes, é a natureza que, perturbada ou não, começa o movimento e este, retificado, vai terminar em Deus. Às vezes, o movimento veio de Deus e ele foi desviado. Mas o término na humildade ou seu desvio para o orgulho são humanos e é isto que é, a todos os olhares, o interesse dramático da existência dos santos.

Muitos, eu sei, questionarão também: "Como fenômenos tão diversos são encontrados tanto nos santo quanto em pessoas que, de forma alguma, o são; que descrentes tenham visões ou realizem milagres e que eleitos de Deus possam sofrer o contato do Espírito do Mal?"

A resposta, bem simples, é que não pode haver santidade sem heroísmo e que não há heroísmo sem vitória difícil e custosa. Assim, de fato, não há nada de mais falso do que a opinião que estabelece uma separação absoluta entre o natural e o sobrenatural, que acredita que nenhuma pessoa inspirada pode se enganar, que uma criatura favorecida por alguma revela-

ção não pode interpretá-la mal, que, por outro lado, aquele que começou com um impulso malsão e maligno não pode, com a força da boa vontade, transformá-lo em impulsos dos mais espirituais.

Sim, o santo convive por muito tempo com mais de um estado que tem uma semelhança enganosa com a fraqueza ou com o mal. A princípio, falsa ou duvidosa, essa semelhança pode se tornar real e se acentuar __ e ele sabe disto __ se ele se deixar levar pela tristeza ou pela vaidade ou pelo desejo de desfrutar muito prazerosamente dos favores recebidos. Mas a dessemelhança, por menor que tenha sido no início, pode também, se acentuar até que a alma seja arrastada para um polo absolutamente oposto da vida psicológica.

Então, para dizer uma última vez, quer se trate de revelações, de profecias, de visões, de ações milagrosas, de arrebatamentos e de êxtases ou de outros fenômenos maravilhosos que são encontrados nas vidas dos santos, não é o fato extraordinário que nos faz prognosticar a santidade; é a santidade de fato, é a virtude que reside na alma e que se manifesta nas ações que fixa o caráter real desses fatos.

Sem dúvida que o santo não tarda, em sua experiência, por diferenciar as inspirações que vêm de Deus. "As revelações vindas de Deus se diferenciam das outras pelos grandes bens

espirituais que elas deixam na alma enriquecida”, diz Santa Tereza d’Ávila. E, mais adiante: “Todo desejo que vem de Deus é acompanhado de luz, de discrição e de sabedoria”[91].

Mas, por outro lado, observem o que diz a mesma santa: “Quando uma alma é verdadeiramente humilde, uma visão, se for do espírito das trevas, não pode lhe causar nenhum dano, mas também, quando a humildade lhe falta, uma visão, mesmo se for de Deus, não lhe trará nenhum benefício. Se, invés de se fazer humilde com tal favor, ela se glorifica, ela será semelhante à aranha que transforma em veneno tudo o que ingere, enquanto que, com a humildade, ela imitará a abelha, que transforma em mel tudo o que ela retira das flores”.

Aqui, todavia, eu suspeito que uma dúvida nascerá na mente de algum leitor filósofo. Ele questionará: “Sim. É mesmo na vontade individual, é mesmo no coração que é preciso buscar a santidade, pois a humildade vale mais do que as profecias e o amor vale mais do que os milagres. Mas, por que não ir mais longe? Por que não reconhecer que esses grandes bens espirituais, que essa coragem, que essa luz, que essa sabedoria que eles acreditam receber de uma inspiração exterior e de uma luz sobrenatural, os santos tiraram inteiramente deles mesmos e que foi por um excesso de humildade que eles atri-

[91] Cf. sua obras, tomo III, 4, 100 e 108. Édit. Lecoffre.

buíram essa honraria a uma intervenção misteriosa? O que eles acreditam encontrar nas visões e nos êxtases, não foi pura e simplesmente o reflexo exterior de sua pureza, do seu amor, enfim, de sua perfeição já consagrada por longos esforços? Assim, existem na intimidade de cada um de nós, em nossas disposições tristes ou alegres, corajosas ou deprimidas, as causas da alegria ou da dor, que imaginamos vir de fora e que preenchem, independentes de nós mesmos, nossa alma, com sentimentos inesperados".

Como não é aqui, precisamente, um tratado de apologia que eu proponho, não demorarei muito em demonstrar como, no dogma cristão, bem como na verdade psicológica, o interior e o exterior, a ação do ser humano e a ação do que resiste ao ser humano ou o apoia e o atrai são inseparáveis uma da outra. Eu me limitarei a responder que, se você acredita que o santo atribui benevolamente a uma graça do alto o que não passa da expressão da generosidade de sua própria natureza, não diga que é uma doença que provoca as visões dos santos, que as constitui ou que as completa. Ou então, explique como um fundo de saúde espiritual que contém tão grandes bens se acomodaria com um estado digno de ser qualificado de alucinatório e doentio!

Talvez estejamos agora preparados para compreender como mentes sérias e sinceras puderam acreditar que eles encontrariam a histeria nos santos e como eles se enganaram muito seriamente.

Não me refiro aqui apenas aos médicos, mas de um pensador jesuíta, o Pe. Hahn, cujo trabalho intitulado "Phénomènes hystériques et révélations", publicado em 1883 na **Revue des Questions scientifiques** foi inicialmente coroado pela Academia de Salamanca, em concurso aberto e julgado pelas mais altas autoridades eclesiásticas da Espanha, em honra de Santa Tereza d'Ávila.

O texto do Pe. Hahn, nem por isto, deixou de ser colocado no Índex, o que não quer dizer, aliás, que ele foi condenado formalmente, mas que foram encontradas nele proposições insuficientemente explicadas ou de natureza a enganar mais de um intelecto.

A Congregação do Índex não forneceu os motivos de suas decisões, que, alguma vezes, são provisórias e só fazem *apontar* alguma coisa de escabrosa, de inoportuna, de sujeita a revisão. Mas, o que se pode conjecturar é que a principal teoria do Pe. Hahn é que Santa Tereza d'Ávila, tendo experimentado, de um lado, fenômenos histéricos e, de outro, fenômenos sobrenaturais, ela soube tão bem distinguir uns dos outros que esta

dupla experiência constitui nela uma garantia imprevista e muito preciosa. O conhecimento que ela teve do primeiro grupo de fatos nos prova que ela não enganou quando descreveu o segundo. Ela não se confundiu porque tinha com o que comparar e ela comparou, seguramente.

Pode-se acreditar que este princípio teve o sufrágio do júri de Salamanca e que ele não foi indigno. Vão me permitir dizer que, antes de ter acessado o trabalho do Pe. Hahn, eu havia dito, em meus primeiros artigos da *Quinzaine*, algo parecido e eu me limito a precisá-lo e a torná-lo, na medida do possível, irreprovável.

Por outro lado, uma leitura atenta da *Revue des Questions Scientifiques* mostra bem, em minha opinião, o que pôde motivar a decisão do Índex.

Que me perdoem insistir ainda sobre este ponto delicado, pois é aqui que encontramos as objeções mais sutis e as dificuldades mais espinhosas sobre o verdadeiro caráter dos santos.

A congregação pensou que o leitor comum seria também enganado pela palavra histeria que, por muito tempo, designou erradamente pretensos ardores de temperamento e que o pensador jesuíta havia se permitido uma comparação prematura e inoportuna?

Talvez, mas o documento tinha dois erros muito mais graves. Primeiro, ele não fez uma distinção suficientemente precisa entre os fenômenos acidentais que podem fazer temer uma doença e a própria doença estabelecida e evoluída em todos os detalhes.

Pode-se ter dores sem que isto seja um reumatismo ou uma gota; pode-se apresentar sinais dispneicos sem que se seja asmático; pode-se apresentar acidentalmente açúcar ou albumina sem ser um diabético ou um albuminúrico. Não se resiste à invasão dos primeiros sintomas ou eles são superados. Esta é a questão.

Em segundo lugar, esses fenômenos mesmos, o Pe. Hahn exagera muito o número e o caráter. Isto vai ser avaliado quando eu tiver dito que, por encontrar em Santa Tereza d'Ávila, tão cheia de bom senso e muito frequentemente de alegria, frequentes acessos de melancolia, ele invoca a descrição, muito enérgica, aliás, que ela nos faz da dor que a atingiu quando, para entrar para as carmelitas, ela deixou a casa do seu pai. É preciso se inclinar e superinclinar para o sentido de sua tese, para transformar a dor inevitável de uma crise assim em um sintoma de melancolia doentia.

A histeria é uma doença, mas uma doença não é constituída por um acidente ou uma fraqueza momentânea. É uma

tendência, infelizmente, muito eficaz para uma desordem permanente e completa[92].

Já há alguns anos, tentou-se, não sem sucesso, colocar um pouco de unidade nesta muito rica confusão das doenças nervosas que não chegam até à loucura[93] e eis como se caracterizou a tendência que elas revelam[94].

A essência da vida normal e saudável é a unificação progressiva das faculdades, é a associação crescente e cada vez mais harmoniosa de seus atos, de seus estados e de suas atitudes. A essência da vida mórbida __ da qual, a histeria, segundo as ideias do momento, é o principal tipo __ é a dissociação ou a desagregação dessas mesmas faculdades.

Provavelmente, vítima de um esgotamento que a medicina não pôde descobrir até agora nem o foco e nem o mecanismo[95], o histérico não pode mais, ou o faz muito mal, assimilar suas próprias lembranças, classificando-as e fazendo com que entrem na unidade de sua vida pessoal. Suas lembranças lhe

---

[92] Esta desordem deixa de ser permanente e nem chega a ser completa se a intervenção da medicina ou uma reação vitoriosa das forças saudáveis a cura, mas é uma lei de sua evolução chegar até lá, se nada a interromper. Ora, é difícil interromper um desvio como o que se manifesta por desordens tais como estas: perversões da sensibilidade, anestesias prolongadas, perdas de consciência, modificações do caráter, delírios variados, ataques epiletiformes alternados com crises de letargia.

[93] Não creio ter que tratar aqui daqueles que veem os santos como espécies de tolos, como eles viram grandes personalidades. Não é necessário dar a certos paradoxos mais atenção do que eles merecem.

[94] Entre esses trabalhos, citarei principalmente dois volumes, bem cheios, bem claros e bem interessantes, do Dr. Pierre Janet: *État mental des hystériques*. Vou utilizá-lo amplamente.

[95] O Sr. Prof. Grasset de Montpellier considera este um fenômeno infeccioso. Os centros nervosos são envenenados, então perturbados, desorganizados, atingidos por um princípio de destruição pela ação das toxinas microbianas. Esta teoria já ganhou muitos terrenos.

retornam mesmo, mas ao acaso, como uma tropa debandada que se recusa a seguir, com atenção e disciplina, qualquer operação feita em sequência, com vistas a um objetivo.

Às vezes, seus atos obedecem a ideias que lhe são sugeridas, ou seja, em linguagem médica, que lhe chegam subitamente do exterior, sem que ele as queira ou que duvide delas e que determinam nele uma tendência irresistível a passar da ideia ao ato.

Muitas vezes, sua vontade permanece imóvel e deixa de ouvir o apelo não somente da razão, mas até mesmo da necessidade. Ele pode comer, ele pode digerir, ele pode caminhar, mas ele pensa que não pode fazer nada disto e então, ele não faz nada disto, exceto quando não pensa sobre isto, em um momento de distração ou sob a influência de uma sugestão, com a qual ele não coopera mais do que resiste.

Isto é o que explica que em todo sonâmbulo está escondido um histérico e que todo histérico se presta facilmente a todas as manobras do sonambulismo artificial. Se, por outro lado, ele descobre ou pensa, subitamente, que esta ou aquela parte do seu corpo é mais sensível do que as outras, ele sente nela uma dor absolutamente desproporcional, cuja repercussão exagerada toma todo seu ser. Ele sugestionou a ele mesmo

sem duvidar disto e sofre a tirania de sua ideia, como sofreria o que lhe imporia de fora um operador e um médico.

Apesar dessas emoções imaginárias, o campo de sua consciência, como se diz em linguagem técnica, se retrai. Ele ainda tem ideias, mas muitas delas parecem flutuar em uma região estranha e colocada onde tudo parece automático.

Isto é o que se chama de desdobramento da personalidade. A personalidade antiga e a personalidade de origem mórbida se alternam uma com a outra, conduzindo sucessivamente todo o cortejo de suas lembranças separadas e se suplantando reciprocamente.

Nessa luta __ ou melhor, nessa anarquia __ se desenvolve, na maior parte do tempo, uma ideia fixa e muitas vezes se toma como imaginação, como inspiração, como força de vontade, o que não passa de obediência passiva a essa ideia fixa. Dominado por ela, o sujeito simula afeições que não sente verdadeiramente. Ele se adapta ao que deveria ser, se essas afeições fossem reais.

“Ele faz isto com uma astúcia, uma sagacidade e uma tenacidade incríveis, mas que só são empregadas para enganar as pessoas e isto sem interesse, sem objetivo, frequentemente, sem consciência”, diz Charcot.

“Em resumo: a histeria é uma forma de desagregação mental caracterizada pela tendência ao desdobramento completo e permanente da personalidade”, conclui o Dr. Pierre Janet.

Após uma descrição destas, mais de um leitor acreditará que, ao me esforçar para refutar uma opinião que vê a histeria nos santos, eu luto contra um moinho de vento. Mas, sem retornar ao texto do Reverendo Pe. Hahn, citarei esta passagem do livro, muito sábio, aliás, do qual acabo de retirar muita coisa.

O Dr. Pierre Janet reproduz uma página em que Santa Tereza d’Ávila confessa que, um dia, querendo ler a vida de um santo, ela leu nela quatro ou cinco vezes seguidas algumas linhas sem compreender nada delas, o que lhe fez jogar fora o livro e a mesma coisa lhe aconteceu, ela diz, por diversas vezes.

O autor vê nisto um fenômeno caracterizado como “aprosexia”, ou incapacidade de atenção e diz: “Os histéricos de hoje em dia não deixam de seguir, neste ponto, como em muitos outros, o exemplo de sua ilustre patrona. De fato, é ao lhes pedir que leiam com atenção algumas linhas e que expliquem depois o que compreenderam delas, que se evidencia melhor, nos casos simples, a aprosexia deles”.

Assim, ele se apressa em comparar este diagnóstico retrospectivo com o caso que ele observou na Salpêtrière em uma doente chamada Justine. Se fosse o caso de avaliar o estado mental de uma pessoa baseado em acidentes deste tipo, os psiquiatras e os neurologistas teriam uma bela clientela.

Mas, enfim, há mais de uma diferença entre Santa Tereza d'Ávila e Justine. É necessário, me parece, retomar a dificuldade de um ponto de vista mais elevado e de forma mais completa.

O santo que sacrificou saúde, prazer, riquezas, honrarias mundanas ao apelo da vocação e isto é confirmado por revelações e êxtases é um ser que sofre sugestões, como aquelas que agem sobre o sonâmbulo e o hipnotizado?

Não da mesma maneira, em todo caso!

Eu indiquei há pouco as dúvidas que provocaram inicialmente estes fenômenos naqueles que eram seus primeiros confidentes e primeiros juízes. Mas, naqueles que os experimentam, o fato está bem longe de ter a simplicidade brutal da ideia que toma posse da mente do doente.

A humildade do santo personagem o faz ficar assustado com isto, pois ele não se acha digno de tal favor e resiste a ele, como a um excesso de amor que ele não acredita ter merecido.

O historiador muito competente de Marie Alacoque nos conta em termos tocantes: “Quando ela fez os votos, as doçuras e as consolações que já tinha experimentado no noviciado continuaram a inundar sua alma. Ela começou por ficar espantada com isto e a se preocupar. Ela tinha desposado um Deus crucificado, aniquilado, humilhado, esbofeteado. Ela não queria uma sorte diferente desta e se queixou ao Nosso Senhor: ‘Oh, meu Deus! Vós não me deixarás sofrer nunca!’, ela exclamou”[96].

Em Santa Tereza d’Ávila, o conjunto desses estados era tão pouco estranho à sua consciência que ela soube, não apenas nos descrevê-los, mas também analisá-los, para nos explicá-los, nos comentá-los com observações metafísicas da maior profundidade e nos introduzir em sua psicologia, da qual ela forneceu distinções extremamente precisas. Assim, ela não nega as visões doentias, já que ela as experimentou, mas ela sabe, da mesma forma, reconhecer, por contraste, o caráter daquelas que não o são.

“Há então, entre as visões, uma soberana diferença e eu não duvido mesmo que uma alma que não chegou à oração da quietude não as distinga facilmente. Essas visões trazem, cada uma, características próprias e como que a marca do seu autor.

[96] Mgr. Bougaud, *Vie de Marguerite-Marie*, pag. 136.

Assim, contanto que uma alma não queira se deixar enganar e caminhe na humildade e na simplicidade, eu não creio que ela possa sê-lo. Basta ter visto Nosso Senhor uma única vez para reconhecer imediatamente uma visão que é a obra do espírito das trevas. Em vão ele começa por fazer com que se experimente certo prazer, a alma o rejeita com não sei que horror, ela o acha soberanamente diferente daquele que ela experimenta em uma visão verdadeira. Ela vê, além disto, que o amor que lhe é testemunhado não possui as características de um amor casto e puro, de sorte que, em muito pouco tempo ela descobre e reconhece o inimigo. Isto é o que me faz dizer que o demônio não poderia causar nenhum mal a uma alma que tem experiência"[97], ela diz.

A ideia dos demônios, substitua, se quiser, pela ideia de uma influência que remete somente à doença. Neste terreno totalmente psicológico[98], nem Santa Tereza d'Ávila e nem os santos ou santas que se assemelham a ela se deixarão cair em erro. A sugestão de histeria, que se parece com a do demoníaco, sim, eles a conhecem, eles a viram vir, eles a reconheceram,

[97] *Sa vie*, pag. 312.
[98] Podemos transportar bem melhor, pelo menos provisoriamente, a discussão que, segundo o Pe. de Boniot, os dois estados se parecem muito. "Em um caso, é o demônio. No outro, é o experimentador que possui o sujeito. Esta é quase toda a diferença", ele diz. "Reciprocamente, as possessões são casos de hipnose, onde um espírito infernal desempenha o papel de hipnotizador", ele acrescenta. Não sei se esta opinião está consagrada e é definitiva, mas ela é, em todo caso, muito interessante e capciosa.

mas eles a rejeitaram vitoriosamente e é graças à energia deles que eles deixaram reinar neles outra inspiração que não se parece absolutamente com a primeira.

Inicialmente, ela não se parece por suas características intelectuais, pois ela é não somente percebida, mas racionalizada, consentida e, em certo sentido, perfeitamente desejada. Ela não se parece também por seus efeitos. A sugestão que recai sobre os puramente neuróticos é como a alucinação: ela é deprimente, ela é desorganizadora e ela é estéril.

Para negar que este seja o caso dos estigmas de São Francisco de Assis, das revelações de Santa Tereza d'Ávila e das visões de Marguerite-Marie, eu não preciso mesmo invocar a fecundidade indefinida de suas criações espirituais e não preciso discutir com quem negasse que a religião, compreendida e praticada como deve ser, é a maior força da humanidade.

Santa Tereza d'Ávila, com sua admirável familiaridade e seu bom senso mais admirável ainda, nos permite um raciocínio mais terra a terra. No início de sua prática da oração, ela precisou se esforçar.

"Muitas vezes, eu confesso, eu teria preferido a mais rude penitência ao tormento de me recolher para a oração. Todavia, eu me forçava e Deus vinha em meu socorro. Mas, para me

vencer, eu precisei de toda a minha coragem, que, dizem, não é pequena”[99].

Esta coragem, no entanto, não deixou de logo ser posta à prova.

“Sim, esta é nossa triste condição neste mundo. Enquanto a pobre alma está unida a este corpo mortal, ela é sua prisioneira e participa de suas enfermidades. Vítima das mudanças do tempo e da revolução dos humores, ela se vê muitas vezes, sem que isto seja sua culpa, na impotência de fazer o que ela deseja… Quanto mais se quer forçá-la, mais o mal se agrava e se prolonga… É preciso que essas pessoas compreendam que elas estão doentes”[100], ela diz.

Ela se comprazerá então com este estado de “abatimento”[101]? Ela se deixará então cair no aniquilamento universal, no aborrecimento mortal, no desgosto pela vida, no desencorajamento, nos terrores, no extremo desespero que são, segundo os médicos[102], característicos dos histéricos?

Não, pois aqui estão os conselhos e os exemplos que ela dá àqueles que podem se encontrar no mesmo estado que ela: “Por mais fraco que se tenha ficado, há obras de amor e úteis

---

[99] *Sa vie*, p. 85.
[100] *Sa vie*, p, 114.
[101] Esta é a palavra que ela utiliza.
[102] Pierre Janet, ouvrage cité.

leituras às quais a alma pode se ocupar", ela diz. "Que se distrai com santas conversas, que vá respirar o ar do campo... Seja qual for o estado em que se esteja, é possível servir a Deus. Seu jugo é suave e é soberanamente importante não manter a alma abatida e desencorajada, mas conduzi-la com doçura, para seu maior avanço".

A santa dá então um fortalecido passo adiante. Seu corpo tem então que resistir ou se curvar e, quando questionam sua saúde, ela responde: "Pouco importa que eu morra! Mas, como tenho me tratado com menos cuidado e delicadeza, estou muito melhor"[103], ela nos diz.

Estamos aqui bem longe do histérico que poderia comer, caminhar, levantar um peso, mas que se acredita incapaz disto. A situação que está diante de nossos olhos é o oposto.

Se a santa só ouvisse a natureza, ela permaneceria imóvel, aniquilada pelos sacolejos nervosos que a abalam, travada pelas enfermidades ou pela febre, detida por desgostos violentos, perdida em explicações desesperadas e inúteis que sua imaginação divagante tentaria lhe dar.

Mas não! Ela quer agir e, sem falar das curas extraordinárias que ela obtém para ela ou, mais frequentemente ainda,

[103] *Sa vie*, p. 126. Cf. p. 177.

para os outros, ela impõe, à natureza sofredora, toda a quantidade e, sobretudo, a qualidade da ação que reclama o dever.

Sem dúvida que a imaginação é nela, como em outros, um verdadeiro "matraquear de moinho", móvel e barulhenta ___ esta comparação é dela ___, mas ela não gasta seu tempo escutando-o preguiçosamente "sem fazer farinha". Ela sofre provações, mas não é tola e trabalha moendo seu grão, querendo ou não, pois ela tem a confiança de que Deus a ajudará, se estiver pronta, a tirar desse estado não apenas méritos, mas forças morais adicionais.

A vontade, essa vontade tão atingida nos histéricos, se une aqui a Deus mais estreitamente ainda do que o intelecto e a memória. Isto não é um sono espiritual. "É somente a vontade que age", diz ainda Santa Tereza d'Ávila. É ela que, enquanto as outras faculdades cedem à natureza, lhe guarda em Deus um asilo fixo. Na graciosa imagem da santa, elas retornarão "como pombas que, descontentes com o alimento procurado à direita e à esquerda, se apressam, depois de uma busca inútil, em retornar ao pombal".

Em outra ocasião, ela compara esta vontade paciente e firme com a prudente abelha que se mantém recolhida na colmeia, mas para nela transformar as flores passageiras que lhe trazem suas companheiras, "pois se, invés de entrar na colmei-

a, as abelhas vão todas à caça umas das outras, como o mel será feito?”[104]

Desta forma então, os grandes santos e as grandes santas podem experimentar fenômenos patológicos que um médico neurologista fica fortemente tentado a se diagnosticar. Mas esses acidentes são superados. Como? Pelo que lhes resta de uma forte e saudável organização?

Talvez! Mas muito mais ainda pela sua vontade orientada ao dever, pelo hábito que eles têm de se superarem e de tirar partido de tudo o que lhes acontece de mais doloroso ou de mais humilhante. O temperamento deles se modifica e a personalidade também.

“Normalmente, quando desejo uma coisa, eu a desejo com impetuosidade, mas Deus coloca tanta calma nas minhas aspirações que, quando eu obtenho o que desejo, dificilmente sinto alegria com isto”, diz Santa Tereza d’Ávila.

Foi assim que, depois de ter sofrido crises terríveis, das quais ela nos forneceu a descrição fiel e minuciosa, ela soube se fortalecer cada vez mais em um estado mental que, longe de se parecer, em sua sequência e em seu conjunto, à histeria, foi, podemos dizer, o oposto disto.

---

[104] *Sa vie*, p. 138, 149.

De fato, é aceitável que os estados espirituais dos santos acusem “um retraimento do campo da consciência”?

Aqueles que só prestam atenção aos fatos que preenchem a vida cotidiana de três quartos das pessoas dirão: “Isto não é evidente? A alma do santo não se fecha sucessivamente para tudo o que nos interessa e nos estimula? O número das coisas nas quais ele não pensa não vai aumentando cada vez mais todos os dias? Muitos não são comparados aos moradores de uma casa que tem suas portas e janelas fechadas sucessivamente, para coagi-los a só olhar e a só respirar para o lado do céu?”

Para que este argumento fosse psicologicamente válido, seria preciso que a alma mística não substituísse por nenhuma ideia cada uma das ideias que ela se proíbe; seria preciso que a vida interior fosse mais vazia e o pensamento da vida eterna mais pobre do que são a vida do mundano e os pensamentos da terra; seria preciso que o cuidado com a glória de Deus e com a conversão dos pecadores, que a condução das almas, a fundação de uma ordem, a direção de uma igreja e, com mais forte razão, a reforma da Igreja Católica só exigissem esforços inferiores àqueles das pessoas que só buscam a reputação e a diversão.

Por fim, haveria nessas existências um “desdobramento da personalidade”?

Alguns dirão que sim e talvez tomem como argumento os arrebatamentos, depois dos quais a alma recai na terra, incapaz de se sustentar tão alto com suas próprias forças. Mas a cisão que seria necessária para nos fazer acreditar na histeria não é percebida.

Poucas almas ficaram tão inebriadas com o amor a Deus do que Santa Catarina de Gênova. Poucos experimentaram tão violentamente o martírio em seus corpos e em suas almas. No entanto, seu biógrafo nos diz ingenuamente: “Ela não deixava de fazer pontualmente todas as coisas necessárias, de acordo com o que se apresentava dos assuntos da vida humana”. E, mais além: “Ela tinha um marido de uma natureza estranha e desordenada que lhe fazia sofrer grandes misérias. Mas Deus a fazia suportar tudo sem murmurar, com silêncio e com uma paciência extrema”.

“É possível que estas duas existências entrem em acordo e se fundam uma com a outra”, questionarão.

Sim, isto é possível e é precisamente esta a obra da santificação. Santa Catarina de Gênova as uniu tão bem que ela pediu perseverantemente e acabou conseguindo a conversão do seu marido.

Afinal, é o ensinamento unânime dos santos e dos santos mais místicos que as tarefas mais grosseiras, as devoções mais humildes e as mais enfadonhas devem ser a sorte preferida daqueles que são honrados com visões e êxtases. Muito longe de essas duas existências se substituírem uma a outra e uma ignorar a outra, cada uma delas se alimenta e se fortifica se relacionando com a outra.

Para falar ainda na linguagem de Santa Tereza d'Ávila, Marta e Maria não procuram se suplantar na alma santa. Primeiro, esta sabe que "não deve querer ser Maria sem ter trabalhado como Marta"[105]. Depois, quando ela tiver se elevado ao estado de Maria, "ela pode, ao mesmo tempo, cumprir as funções de Marta. Assim, ela leva, em certo sentido, de frente, a vida ativa e a vida contemplativa e, mesmo permanecendo unida a Deus, ela pode se ocupar com obras de caridade, leituras e assuntos relativos ao seu estado". Por fim, quando ela chegou ao mais alto grau de sua união com Deus, longe de se sentir sem condições de retornar à terra, ela se compara ao pássaro que, no dia em que suas asas lhe permitem subir e planar mais alto, ele tem também força para descer prontamente e sem perigo.

---

[105] Sainte Thérèse, *Sa vie*, p. 230. Cf. p. 166, 222.

“Tudo me servia de meio para melhor conhecer Deus e para amá-lo mais do que nunca”, diz a santa.

É suficiente, eu creio, perseguir esta comparação. Ela terá, ao menos, a vantagem de colocar agrupados sob nossos olhos algumas das características mais surpreendentes da alma dos santos.

Não, a santidade não é, como a neurose, uma “desagregação” das forças mentais. Ela é uma “agregação” mais estreita do que qualquer outra e que deve sua força ao princípio superior sob o domínio do qual ela se forma e se mantém.

Ela não é um “retraimento do campo da consciência”. Ela é a abertura de um campo mais vasto; abertura que, na verdade, é paga (se é que é justa esta expressão) com o retraimento do campo das sensações móveis e das ilusões inúteis.

Ela não é um “desdobramento da personalidade”, mesmo que ela crie, seguramente, ao preço de numerosos sacrifícios e duros sofrimentos, uma personalidade nova. Mas, antes de tudo, esta, longe de se subdividir em desordem, oferece uma coesão, uma firmeza, uma unidade, que a psicologia não encontra em nenhum lugar exemplo semelhante.

Não se poderia negar também que essa personalidade nova deixa sobreviver, da personalidade primitiva, o que ela

tinha de melhor e que, sobrevivendo esses elementos, ela assegura a paz e a concordância com os elementos acrescentados.

Isto é o que veremos, aliás, com mais detalhes e mais precisão, ao estudarmos as diversas faculdades dos santos, seu intelecto, seu amor, sua aptidão para a ação.

IV – Os sentidos e a imaginação. A compreensão e a contemplação.

Ir dos fatos extraordinários da vida santa à continuidade mais escondida dessa existência, às suas provas cotidianas, aos seus esforços incessantes, não será então descer, será mais remontar a uma fonte que a tradição mais sólida nos ensinou a venerar. Se o santo é uma pessoa de Deus, não é de se admirar que suas faculdades sofram um trabalho profundo em que tudo o que é contrário ao serviço de Deus seja eliminado, em que tudo o que conduz a ele, dispõe a ele, habitua a ele, cresce e se fortifica. Isto é o que os próprios santos explicaram muitas vezes.

Sem fazer um jogo de palavras, há toda uma psicologia dos santos que é o conjunto de suas ideias sobre a natureza da alma e sobre a harmonia de suas faculdades. Essa psicologia teórica que preenche seus escritos só pode iluminar com uma voz preciosa sua psicologia vivida.

Há, de fato, uma divisão das faculdades da alma que, introduzida por Santo Agostinho, se tornou familiar aos seus sucessores. Ela é encontrada a cada passo de Santa Catarina de Siena, de Santa Tereza d'Ávila, de São João da Cruz, de Santo Inácio de Loiola. Ela reduz as forças da alma a três: a memória, o intelecto ou compreensão e a vontade.

"Sua vida é regrada porque ele regrou as três forças de sua alma. Sua memória retém as benesses de Deus através da lembrança; seu intelecto se dedica a compreender sua vontade e sua vontade, a amá-lo"[106], diz Santa Catarina de Siena.

Da mesma forma, o primeiro "exercício" de Santo Inácio de Loiola pede que a meditação seja sobre o primeiro pecado, que foi o dos anjos rebeldes. Este exercício se divide em três: exercício da memória, que deve recordar bem esse pecado; exercício do entendimento, que "reflete com mais detalhe"; por fim, o exercício da vontade, que deverá "estimular afeições nela, por consequência".

Seguramente, essa divisão tripla não exclui as subdivisões. Ela não exclui aquelas que iluminariam, por exemplo, a grande complexidade da vontade e nem aquela que diferenciaria a imaginação da memória e assim por diante.

[106] *Lettres*, I, 261, 367.

É preciso observar, no entanto, aqueles que recorreram a esta divisão não insistiram em dar uma parte muito grande aos sentidos e às impressões exteriores, onde os métodos modernos viam a fonte de todo conhecimento e de toda ciência. Eles não insistiram em fazer da sensibilidade uma faculdade separada. Eles não uniram o amor a essa sensibilidade passiva e emotiva, que parece, aos nossos contemporâneos, tão mais interessante de estudar quanto mais doentia e mais desordenada ela é. Eles não quiseram ver na vontade uma faculdade arbitrária e indiferente, mas, ao uni-la tão estreitamente ao amor, eles tiveram a consciência de fazê-la tocar com o dedo toda a dependência e toda força. A dependência, porque, para eles, uma vontade que não ama e que não ama o objeto mais digno dela é uma força morta. A força, porque o amor que é destinado a sustentá-la é mais forte do que a morte.

Enfim, em suas teorias curtas, mas precisas, tanto quanto em suas vidas práticas, o primeiro lugar é reservado a uma vontade suscitada pelo amor e iluminada por um intelecto mais cuidadoso (não é de se admirar) com a fidelidade do que com a invenção.

É preciso, no entanto, começar pelos sentidos e pela imaginação que conserva, prolonga, se renova e diversifica as impressões. O santo é uma pessoa que despreza a imaginação e

que se dedica a extingui-la? Ele é uma pessoa que a cultiva e que se utiliza dela?

Certamente que é preciso levar em conta o temperamento original que subsiste, o meio social do qual é impossível se abstrair, o gênero de estudo, enfim, ao qual a mente pôde se curvar. Não há nada de espantoso em que São Jerônimo, São Francisco de Assis, Santa Tereza d'Ávila, São Francisco de Sales tenham muito mais imaginação natural do que São Tomás de Aquino, Santa Joana de Chantal ou o venerável Pe. Olier. Mas, reconhecido isto, sempre resta que o caráter do dogma e da moral católicos, que a leitura dos livros santos, que a prática de certas obras consagradas (como a imitação), que a meditação, o retiro e os hábitos das comunidades, que a tradição, enfim, devem ter uma influência contínua sobre a mentalidade dos grandes místicos. Mas nós reconhecemos que todos os santos foram assim.

Dentre os filósofos contemporâneos que se interessam ou acreditam se interessar pela psicologia dos santos, eu encontro a seguinte passagem: "O amor, o êxtase, o desejo de perfeição, a tendência a materializar e representar a divindade sob uma

forma concreta são os elementos essenciais da mística"[107]. Estes são elementos bem díspares ou, no mínimo, bem desiguais.

O amor sim, seguramente é um deles e o desejo de perfeição o segue de perto. O êxtase, já vimos, já é um elemento mais raro. Quanto à tendência a materializar, há aqui algo para nos deter.

Quem não sabe quantas vezes foi empregada a palavra bem diferente "espiritualidade" para designar as aspirações e os hábitos espirituais dos místicos? Destas duas expressões contraditórias, qual delas é a verdadeira?

Em geral, os santos não desprezam nenhum dos dons de Deus. "Que cada um de nós se beneficie hoje de seu espírito, pois ninguém tem muito dele", disse Santa Tereza d'Ávila às suas religiosas em um dia de recreação.

Certamente que ninguém tem muito dele, mas o problema é usá-lo bem. A imaginação, em particular, será condenada se ela se desviar de Deus, ou seja, se ela se apegar à pessoa na terra, se ela a faz antecipar, prolongar, refinar os prazeres dos sentidos, se, em cada aspecto da natureza, ela lhe mostra o antegosto ou o gosto residual de um prazer desejado ou lamentado. Mas isto é por demasiado evidente para que eu tenha que insistir no tema.

---

[107] Frédéric Paulhan. *Les Caractères*. Paris, Alcan, 1894.

Os santos consideram também a imaginação como perigosa se, sob o pretexto de conduzir a alma pelos caminhos de Deus e do seu amor, ela o representa sob formas que o desfiguram.

“Não será porque tudo o que é sensorial ‘desfigura’ a divindade?”, questionarão.

Em sentido absoluto, sim, sem dúvida e os santos estão mais convencidos disto do quer qualquer outra pessoa. Esta complacência para com as formas imaginárias lhes parece mesmo ser algo a se levar em conta sob dois pontos de vista. Primeiramente, eles temem a ilusão que faz com que se tome como inspirações do alto o que não passa de um eco da voz emanada das profundezas secretas onde o orgulho e a sensorialidade trabalham quase à despeito daquele que se abandona a ela.

De tanto ser provada, Santa Tereza d’Ávila acaba por distinguir nitidamente os casos em que a alma fala e aqueles em que ela escuta. Mas que esforço foi preciso para chegar a isto!

Também aquele que partilhou algumas vezes de seus êxtases, São João da Cruz, coloca as almas em guarda contra a tentação de acreditar que elas ouvem, quando só fazem falar. “Há pessoas que, tendo apenas um leve esboço de meditação, sentem algumas palavras interiores e pensam que são de Deus.

O amor que elas têm por essas palavras e o desejo que as leva a buscá-las é o motivo de elas responderem a elas mesmas e se convencerem de que é Deus quem lhes dá essas respostas. É por isto que essa gente comete grandes extravagâncias”[108], ele diz.

Outra extravagância de que se previne o santo é reduzir a ação divina a esses fenômenos sensoriais e acreditar que tais fenômenos podem ser os sinais mais autênticos da união da alma com Deus.

“Todas as representações imaginárias estão encerradas em limites muito estreitos e a sabedoria divina, à qual o entendimento deve se unir, é infinita, totalmente pura, totalmente simples e não está limitada por nenhum conhecimento distinto, particular e finito. É então necessário que a alma que quer se unir à sabedoria divina tenha alguma proporção e alguma semelhança com ela e, consequentemente, que ela seja libertada das espécies de imaginação que lhe dariam limites. É preciso que ela não esteja ligada a nenhum conhecimento particular e que ela seja pura, simples, sem limites, sem ideias materiais, para se aproximar, de alguma maneira, de Deus, que não está encerrado em nenhuma espécie corpórea e nem em nenhuma inteligência particular”, diz também São João da Cruz.

[108] Obra citada, pag. 131. Cf. pag. 82.

Aí está um santo no qual a mística não consiste em “materializar” e nem em “representar Deus sob uma forma concreta”. Que se esteja bem certo de que sua doutrina, tão fortemente apoiada no que ele mesmo vivenciou, é a de todos os santos.

Quando o autor de quem citei há pouco a frase heteróclita quer dar exemplos, ele se dirige para a vida da bem-aventurada Maria d’Agreda e ele é levado a dizer, apesar de sua teoria, que, assim que ela sentia as visões e as locuções vinham para a imaginação e para os sentidos e que ela percebia seus efeitos, ela as recusava, em certo sentido e “ficava indiferente”. Ela não permitia que a parte animal e sensorial desfrutasse dos doces efeitos da misericórdia do Senhor e tratava de deixá-la deserta.

Que se leia com cuidado Santa Tereza d’Ávila, Santa Catarina de Gênova e seus iguais e se encontrará neles, em todo instante, declarações idênticas.

Isto quer dizer que os santos e as santas conseguiram afastar toda representação, antecipando e renovando as visões com as quais alguns deles foram favorecidos?

Esta pretensão foi a dos quietistas. Um dos erros que a Igreja condenou em suas teorias consistia em excluir de suas orações toda lembrança da própria humanidade de Jesus Cristo, sustentando que tais imagens eram obstáculos à contemplação perfeita.

Nenhum santo, pode-se afirmar, levou a espiritualidade tão longe. A razão disto é bem simples: a distinção entre Deus concebido em sua essência eterna e Deus conhecido no mistério da encarnação é o próprio fundamento do cristianismo.

Santa Tereza d'Ávila, que, não apenas praticou tudo, como também compreendeu tudo e tudo explicou das profundezas da vida santa, se expressa aqui, como em toda parte, com um gracioso e firme bom senso. Ela diz: "Sem dúvida que é bom se afastar de tudo o que é corpóreo, já que pessoas muito espirituais dizem isto. Mas, em minha opinião, só se deve fazer isto quando a alma é bem avançada, pois, até lá, é evidente que se deve buscar o Criador através das criaturas"[109].

Ela sustenta que querer seguir outro caminho é querer bancar o anjo, ela diz bem antes de Pascal e é sob este ponto de vista que ela mesma nos explica as devoções sensíveis de tantos santos que a precederam. Devoção à infância de Jesus, devoção às suas chagas, devoção à sua cruz, devoção ao seu sangue, pois, o que é uma "devoção", se não é o hábito refletido de se entregar, na imaginação e no espírito, a um dos mistérios que a alma crente quer, ao mesmo tempo, contemplar e meditar?

---

[109] *Sa vie*, p. 229.

De Cristo, a imaginação dos santos gosta de se transportar em seguida para os sofrimentos, as provações, as consolações e os triunfos dos outros santos e depois, para as cerimônias que os lembram, para as festas nas quais suas virtudes são celebradas e simbolizadas. Enfim, todo acontecimento da história, toda parte da natureza e, com muito mais razão, todo milagre que lhes lembrar a onipotência de Deus serão graus que parecerão se oferecer a eles mesmos, à fraqueza humana, para elevá-la pouco a pouco até a essência eterna do espírito puro.

Se a imaginação estiver disposta a se deixar purificar e dirigir, a santidade lhe permitirá todo impulso que comporte a natureza mais ardente e mais enamorada pelos esplendores do mundo. Uma hora, ela lhe colocará diante dos olhos, na infância de Cristo, o frescor de uma idade que é a inocência, que é a fraqueza e que é a esperança. Outra hora, ela lhe fará entoar, como São Francisco de Assis, o cântico do sol. Outra hora, enfim, ela lhe permitirá desfrutar da poesia do Cântico dos Cânticos e se inspirar nele nas comparações mais tardias. Ela lhe sugerirá apóstrofes a Deus ou diálogos muito ternos, alegorias e pinturas muito ardentes, onde o leitor superficial ou preconceituoso seria tentado a ver como que a revolta de um amor sensual libertado de suas amarras.

Em Santa Gertrudes, a efusão é tal que parece um tipo de sinfonia na qual participam todos os sentidos. Nesses impulsos para Deus, ela parece toda inebriada por perfumes, bebidas, murmúrios e harmonias. Mas este abandono aparente dos sentidos não prejudica em nada o que se pode exigir da metafísica mais apurada ou da caridade mais paciente e mais desinteressada.

Aqueles que falam de uma tendência em materializar estão, portanto, certos e errados, como aqueles que só veem espiritualidade. É certo que o santo espiritualiza tudo o que fala à imaginação e aos sentidos, assim como ele tende a associar sua natureza à posse da verdade.

Com menos liberdade, com menos encanto que São Francisco de Assis, Santa Gertrudes, Santa Tereza d'Ávila e São Francisco de Sales, porque ele coloca mais "procedimento", Santo Inácio de Loiola não deixa de dizer (2ª semana) que é útil exercitar os cinco sentidos da imaginação: "Eu verei com os olhos da imaginação. Eu ouvirei com a ajuda da imaginação. Eu desfrutarei com a ajuda da imaginação..." Todos, apesar da diversidade de seus temperamentos, são fiéis à doutrina religiosa da encarnação e à parte tão considerável da filosofia peripatética que passou para o ensinamento tomista.

Aqui, além disto, como em toda parte, é preciso, na vida espiritual dos santos, distinguir várias fases. O místico morre e renasce. Ele morre para o mundo sensorial, agitado, perturbador, amigo da corrupção e perecível e ele renasce para o mundo transfigurado.

Ou então, para utilizar suas próprias expressões, ele passa pela noite dos sentidos, para em seguida abrir seus olhos purificados para uma luz mais radiante. No fundo, isto se trata da alegoria da caverna, é a sublime parte da metafísica platônica que, antes da iluminação da razão, exige a purificação dos sentidos. Mas o que mais nos importa destacar neste momento é que, a esses objetos perceptíveis, o santo retornará, para desfrutar deles, à sua maneira sem dúvida, mas com tanta intensidade quanto quem quer que seja. Ele retornará a eles de bom grado porque, se os sentidos aos quais falam essas criaturas estavam outrora manchados ou perturbados, a falta não estava precisamente nos sentidos e nem das próprias criaturas; a falta estava no espírito.

“É no espírito que as desordens da parte animal têm sua força e sua raiz”[110], diz profundamente São João da Cruz.

[110] Saint Jean de la Croix, obra citada, pag. 282.

É então pela purificação do espírito que acontecerá a purificação dos sentidos. Se o espírito é curado, o sentido que ele anima perdeu seu veneno.

Santa Tereza d'Ávila, lemos há pouco, pensava que era preciso primeiro buscar o Criador através das criaturas. Ela poderia então dizer __ e não foi o que ela disse? __ que, uma vez avançada no caminho da perfeição, a alma deveria encontrar as criaturas através do Criador e encontrá-las puras e dignas de serem todas adornadas como eram na era da inocência. Isto foi o que explicou, em uma linguagem mais abstrata, seu grande amigo João da Cruz.

"É evidente que Deus não quer destruir a natureza, mas, ao contrário, aperfeiçoá-la. A alma (unida a Deus) cai primeiro em um grande esquecimento. Ela se comporta depois, com relação às coisas exteriores, com uma negligência tão notável e um tão grande desprezo por ela mesma que, estando totalmente mergulhada em Deus, ela esquece de beber e de comer e não sabe se fez alguma coisa ou não, se falaram com ela ou não... Mas, quando ela se fortaleceu no hábito da união, que é seu soberano bem, ela não sofre mais desses esquecimentos nas coisas racionais, nas coisas morais e nas coisas naturais. Pelo contrário, ela é mais perfeita nas operações adequadas ao seu estado, embora ela as produza por intermédio das imagens e

dos conhecimentos que Deus estimula de uma maneira particular na memória. Todas as forças da alma são como que transformadas em Deus”[111].

Da imaginação e da memória, nos será fácil passar ao intelecto propriamente dito ou ao entendimento.

Não é preciso pedir a Deus que multiplique os milagres. A santidade pode aproximar muitas almas na igualdade adquirida de um mesmo amor e de uma mesma devoção e não devemos esperar que ela transforme, a este ponto, os intelectos.

Sabemos que o cérebro de São Paulo permaneceu até o fim muito superior ao de São Pedro. No entanto, quem esteve mais próximo do que eles da fonte por excelência da luz e da verdade?

Com muito mais razão podemos dizer que o último dos companheiros de São Francisco Xavier podia ter, em um grau tão sublime quanto ele, o heroísmo do martírio. Mas Deus não lhe devia o espírito de direção do grande apóstolo, assim como não devia, a tantos monges piedosos ou santos, o gênio metafísico de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino ou o gênio criativo de São Vicente de Paulo.

[111] Obra citada, p. 146.

A inteligência é então uma faculdade que, mais do que todas as outras, pode, no que ela tem de natural, variar consideravelmente nos santos. Houve santos relativamente simples de espírito e muito ignorantes mesmo, no sentido humano. É neles que se pensa quando se imagina (como faz muita gente) que a santidade está ligada, aos olhos da Igreja, a uma mortificação que comprime e que sufoca os dons do nascimento. Depois, quando se fala de outros santos considerados gênios, só se quer ver neles uma fé que é cegamente submissa. Acredita-se que eles só se tornaram santos ao sacrificarem neles a natureza e ao se reduzirem artificialmente ao humilde estado em que tinham nascido e onde sempre permaneceram os outros.

Mas isto é um erro grosseiro. Na realidade, não foi a ignorância que fez a santidade deste jovem inocente mártir, como não foi a genialidade que fez a santidade de São Tomás. A psicologia dos santos não tem então que explicar o grau de inteligência em que se estagnaram ou se elevaram este ou aquele bem-aventurado. Ela busca saber apenas o que fizeram uns e outros de suas inteligências e o que esta, pequena ou grande, tende a se tornar sob a ação da santidade.

Nenhum conhecimento, nenhuma ciência é suspeita para eles em razão do seu objeto. Com toda certeza, o santo prefere meditar sobre a vida de Cristo e sobre a da Igreja do que sobre

a vida das plantas ou sobre a constituição dos minerais. Mas, nos outros e mesmo na missão que pode lhe ter sido imposta, ele respeita todos os trabalhos e não despreza nenhum conhecimento, sendo tudo o que é suscetível de ser estudado igualmente obra de Deus.

O que o santo mais exige da ciência é o espírito com que ela é buscada, adquirida e propagada. Tudo pode ser resumido nas palavras célebres de Bossuet: “Infeliz da ciência que não se volta para o amor!”

Ora, amar quer dizer aqui agir; agir para a glória de Deus, para a justiça e para alívio das misérias. É por isto que o santo reprova a ciência orgulhosa, já que o orgulhoso não ama. Ele proscreve também a ciência temerária, porque a temeridade é uma forma de orgulho. Mas, quando a ciência não é orgulhosa e nem temerária, o santo aprecia todo seu valor, pois ele acredita que a ação e a caridade devem ser ambas dirigidas pelo saber.

Já os Evangelhos recomendaram não colocar uma lâmpada *debaixo do alqueire*[112] e São Paulo disse aos seus: *Peço que a vossa caridade se enriqueça cada vez mais de compre-*

---

[112] Mateus 5: 15.

ensão e critério, com que possais discernir o que é mais perfeito[113].

Estas são palavras que frequentemente são esquecidas pelas almas imprudentes... ou preguiçosas, mas um São Vicente de Paulo não esquece. Ele que, à caridade espontânea, irrefletida e sem método, nos ensinou precisamente a substituir pela caridade organizada e previdente.

Sem dúvida que o santo é, muito frequentemente, uma pessoa de intuição. Ou ele nasceu assim ou se tornou assim, mas se diz de bom grado que é a graça que, ao iluminá-lo com uma luz súbita, toma o lugar da reflexão e o dispensa da busca.

Eu não nego essas inspirações e não examino, por outro lado, se entre os santos há mais ou menos do que nas pessoas comuns, mentes intuitivas e espontâneas, para colocar diante de mentes pacientes e reflexivas. Em todo caso, os exemplos daqueles que por muito tempo buscaram, por muito tempo hesitaram, estão longe de serem raros entre eles.

O santo que consagrou tantas vigílias e tantas manhãs para examinar sua consciência __ e a dos outros __ não mantém todo mundo informado de suas experiências e de seus raciocínios. De tempos em tempos, algumas máximas ou mesmo algumas palavras de uma admirável plenitude são arrancadas de

---

[113] Filipenses 1: 9 e 10.

sua humildade e do seu amor ao silêncio. Quando são examinados, encontra-se neles tudo o que acumularam de reflexões e de lembranças.

O Sr. Abade Le Monnier, por exemplo, tem muita razão em dizer que há todo um tratado de educação condensado nestas sete palavras que São Francisco de Assis confia ao seu irmão Elias: “Observe, lembre, trabalhe, alimente, ame, espere, tema”[114].

É permitido afirmar que não é no início de sua vocação que o santo pode resumir em tão poucas palavras um ensinamento tão poderoso. É após ter semeado muito, cultivado muito, colhido muito e joeirado muito, nele e nos outros.

“No entanto, o santo não tem dúvidas”, dirão.

Se isto quer dizer que ele não duvida de sua fé, se tem razão. Mas, se com isto se quer dizer que ele está sempre pronto a seguir em frente sem olhar para trás, se abandonando a uma inspiração com a qual ele conta cegamente, se está no oposto da verdade.

Para compreender isto, tem-se que comparar, ao redor de nós, o cético e a pessoa convicta. O verdadeiro cético não acredita em uma Providência que governa o mundo, nem numa

[114] No latim, isto é mais expressivo: *Vigila, admone, labora, pasce, ama, expecta, time*. Só a palavra *pasce* não quer dizer: guarde, conduza à boas pastagens e faça com que se alimentem?

ordem pré-estabelecida, nem em uma justiça eterna e nem em regras imutáveis. Ele não vê fundamentos inabaláveis nas convicções e nem nas virtudes das pessoas. A consequência disto é que ele julga tudo possível e que, com a enganação dos desejos e das fantasias ajudando, ele não percebe o que pode lhe ser proibido esperar, necessário tentar e finalmente afirmar. As objeções não conseguem detê-lo e nem os escrúpulos. Assim, se pode dizer sem ser paradoxal, que se reconhece o cético muito frequentemente naquele que não duvida de nada.

O crente sabe com o que ele está obrigado a contar. Seguramente ele sabe o que o sustenta, mas ele sabe também o que o contém e resiste a ele. Quanto mais a ordem das coisas da qual ele faz parte lhe parece sólida e fecunda, mais ele vislumbra nela as infinitas perspectivas. É por isto que, julgando-as muito difíceis de serem sondadas por uma criatura de passagem e isolada, ele duvida lealmente, até que tenha visto e reconhecido as características da verdade[115].

Se do crente remontarmos ao santo, encontraremos nele mais fé ainda na verdade total, mas, por consequência também, mais desconfiança nas luzes de uma inteligência imprudente, precipitada, preconceituosa ou egoísta. É por isto que a

---

[115] Lê-se em uma carta muito curiosa de Santa Catarina de Siena à Rainha Joana: “Se vós dizeis: ‘Eu duvido ainda’, permaneceis neutra, pelo menos, até que vejais com evidência... Buscai as explicações e os conselhos daqueles que vedes temer a Deus”. (*Cartas*. 1, 218).

vida intelectual da maior parte dos santos é uma mistura tão extraordinariamente interessante de liberdade, de audácia mesmo e, ao mesmo tempo, de necessidade de união.

Geralmente se acredita que, na Igreja Católica, é esta última necessidade que, ao impor a submissão, desencoraja todas as outras e finalmente as mata. Na realidade, não é este o espetáculo que nos dá a elite de seus servos.

A união, seguramente os santos a desejam. Se, para realizá-la, é preciso absolutamente se calar, eles se calam e, sobretudo, se for preciso morrer, eles morrem de boa vontade. Mas, se eles acreditam que podem obtê-la ao falarem, eles falarão e, invés de se verem obrigados a ceder, eles estão convencidos de que podem fazer os outros cederem e, além disto, o interesse da verdade exige isto, então eles dedicarão a isto todo o tempo, todos os esforços e todas as preces que lhes parecerem necessários. As primeiras dúvidas que tinham por tanto tempo interrompido sua prudência e sua humilde confiança neles mesmos dão lugar à fé, não somente corajosa, mas "violenta", no sentido do texto sagrado[116].

Sob qualquer preço, São Paulo queria caminhar com São Pedro. Mas, no dia em que ele acreditou que este errava, ao

---

[116] Cf. Mateus 11: 12. *Desde a época de João Batista até o presente, o Reino dos Céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam.*

adotar uma prática que podia prejudicar gravemente o chamado aos gentios, ele o repreendeu publicamente e o convenceu.

Foi assim também que agiram, com relação a Papas, santos como São Bernardo, Santa Catarina de Siena e vinte outros.

É contado no Evangelho que São João correu mais rápido do que São Pedro ao túmulo de Jesus, que chegou lá e podia ter olhado primeiro, mas que ele não quis entrar primeiro. Teólogos veem nisto um símbolo do que se passa na Igreja. Todos os grandes santos, fundadores ou reformadores, se anteciparam ao Papa de sua época. O que eles esperavam dele não era a iniciativa, mas o reconhecimento definitivo e a permissão de contar com uma consagração universal.

Vou dizer uma coisa que, num primeiro momento, pode chocar alguns leitores. Tendemos a pensar muitas vezes que, na Igreja, as visões originais, as inovações ousadas, as invenções fecundas, a preocupação com problemas interessantes são obra de hereges, enquanto que os santos que, apesar de tudo, permaneceram submissos à hierarquia, só representam a resistência e a imobilidade.

Não há nada de mais falso do que isto. Se a palavra heresia não tivesse recebido, em certo momento e depois o conservado definitivamente, uma acepção desfavorável, seria preciso dizer que os maiores hereges __ou seja, os descobridores mais

ousados, os mais nobremente apaixonados pelas verdades, se não novas em seu fundo e no que elas têm do dogma onde estão suas raízes, ao menos novas para a geração que as ouve ___ pois bem, são os santos.

Do que, afinal, é composto o ensinamento da Igreja, se não o ensinamento de seus doutores? E não é tão verdadeiro dizer que são os santos que fazem a Igreja, quanto dizer que é a Igreja que faz e consagra os santos?

Onde está então a diferença entre os hereges[117] (no sentido atual da palavra) e os santos? No fato de que os primeiros suprimem, cortam, restringem e empobrecem e que a famosa "escolha" de que eles se vangloriam não passa de uma exclusão; exclusão da graça em proveito aparente da liberdade ou exclusão da liberdade pela aparente glória da graça somente; supressão de uma das naturezas de Cristo etc.

O santo faz mesmo a escolha de uma verdade que ele vai desenvolver, de uma necessidade do povo ou da Igreja que ele vai satisfazer, de uma miséria que ele vai aliviar, de uma obra

[117] "Esta palavra, que no presente só é tomada em um mau sentido, apenas designava originalmente uma escolha, um partido, uma seita boa ou má. Este é o sentido do grego *αἵρεσις (aïresis)*, derivado de *αἱροῦμαι (aíroümai)*, eu pego, eu escolho, eu abraço. Os filósofos chamavam de heresia cristã a religião ensinada por Jesus Cristo. São Paulo declara que no judaísmo ele tinha seguido a heresia farisaica, a mais estimável que havia entre os judeus. Se heresia significasse então um erro, esta palavra seria melhor aplicada aos saduceus do que aos fariseus" (Bergier, *Dictionaire de Théologie*).

que ele vai criar. Mas se ele desenvolve, ele não destrói nada e só faz acrescentar um broto a mais na árvore imortal.

Nesses esforços que faz seu intelecto, os santos, já recordamos, rezam muito. A verdade é muito banal. Mas por que exatamente eles rezam? Para obter uma revelação milagrosa que os dispense de refletir e de pensar?

Não parece, já que essas revelações, quando chegam (e elas são raras), inauguram mais do que encerram, o período dos maiores combates. O que eles esperam da prece é, sobretudo, afastar de seus intelectos tudo o que, sendo estranho a duas ou três ideias essenciais, só pode confundi-lo, ofendê-lo, desviá-lo[118].

Eles pedem para ter o olho limpo mencionado pelo Evangelho. Limpo, quer dizer, purificado. Purificado de quê?

Das causas de erros que nossos lógicos clássicos analisam cuidadosamente. Não se trata tanto de multiplicar as demonstrações. Trata-se de fazer cair os véus a que levam a ausência de simplicidade, a preocupação, o exagero, a teimosia, o amor-próprio, em suma, a paixão.

O falso místico se deleita com os refinamentos de suas aspirações pessoais, com as sutilezas e com os mistérios, mas o

---

[118] É por isto que a Bíblia diz: *A alma de uma santa pessoa descobre às vezes melhor a verdade que sete sentinelas postas em observação numa colina* (Eclesiástico 37: 1).

verdadeiro místico pede clareza; aquela mesma, ou melhor, aquela que, acima de tudo, evidencia a necessidade de sacrifícios.

Eu tive oportunidade de opor, em certa medida, Bossuet e o Pe. Olier. Aqui, eu os encontro memoravelmente de acordo na homenagem ansiosa que eles prestam ao bom senso.

O primeiro aplica aos santos estas palavras que São João coloca na boca de Jesus se dirigindo ao seu Pai: *Dei-lhes a claridade que me deste*[119]. Para ele então, a santidade é a luz recebida e comunicada.

Do seu lado, o Pe. Olier, desenvolvendo o sentido interior deste pensamento, recomenda a uma filha espiritual[120] que não se deixe "confundir" por opiniões novas (nisto, ele pensa particularmente nos jansenistas) que a fariam perder a "nitidez".

"Rogo a Nosso Senhor que a conserve nisto como sendo uma das coisas mais necessárias à perfeita santidade. A nitidez da luz é o privilégio do céu e das almas solitárias que Deus libertou do mundo e das trevas que nele abunda. Rogo a você que não deixe seu espírito se ofuscar".

E ele termina com estas palavras que justificam bem o que eu disse há pouco sobre a homenagem prestada ao bom

[119] João 17: 22. *Ego* ***claritatem****, quam dedisti mihi, dedi eis (Tề̀n* ***dóxan*** *hề̀n dédōkás moi dédōka autoîs).*

[120] A Marquesa de Portes. *Lettres*, I, pag. 467.

senso: “Não sonhe com uma perfeição elevada e extraordinária”[121].

Essa simplicidade que não busca abaixo ou acima ou atalhos, mas que vai direto ao ponto não é somente um benefício para aqueles que sua condição, seus gostos __ ou melhor, sua vocação __ afastam da ciência propriamente dita. Ela é preciosa àqueles que cultivam esta ciência e sentem tanto a necessidade dela que, quando iniciam na vida santa, isto é o que buscam acima de tudo.

Embora jovem, São Filipe de Néri, o futuro fundador do Oratório da Itália, vendeu seus livros e doou o valor obtido aos pobres. São Domingos fez o mesmo. Mas, a recente biógrafa de São Filipe teve que acrescentar, para ser exata: “mais tarde ele retornou aos livros e não temeu mais juntar, à ciência sagrada que adquirira, a ciência das obras primas da mente humana”[122].

Assim fez um grande número de santos, indo primeiro ao mais urgente, deixando o livro escrito para o livro vivo, aprendendo sobre a vida espiritual através do desapego, através da humildade, através da ação, mas retornando à ciência quando seu amor e sua vontade se fortaleceram. Eles sentem então,

---

[121] Estas duas últimas palavras devem ser tomadas *cum grano salis*. Eu não creio precisar explicá-las.
[122] Cf. Condessa Estienne d’Orves. *Saint Philippe de Néri*. Paris, Lecoffre.

como Santa Tereza d'Ávila, que "a devoção sem a ciência pode jogar as almas na ilusão e levá-las à devoções pueris e tolas".

Foi ao expressar esta convicção que a grande santa disse amar tanto "as pessoas eminentes na doutrina" e proclamou bem alto que os semissábios prejudicam gravemente as almas. Ela acrescentou então: "Eu pude observar que, quando elas têm bons costumes, é melhor para elas não ter nenhum estudo do que tê-los mediocremente. Assim, ao menos desconfiam de suas luzes e seguem os conselhos de pessoas verdadeiramente iluminadas".

Muitas vezes então, os santos mesmos sentem a necessidade de uma divisão do trabalho que torna necessária a divisão das condições, dos sexos, das vocações, das aptidões.

Nem todos podem realizar integralmente o belo programa que traça Bossuet aos Padres do Oratório: "Ter sempre em mão os livros sagrados, para perseguir sem descanso a letra, através do estudo; o espírito, através da oração; a profundidade, através do retiro; a eficácia, através da prática; o fim, através do amor, no qual tudo termina".

Mas, se este ou aquele santo não pode fazer tudo sozinho, com suas próprias forças, muitos devem fazê-lo em grupo, para o bem comum e cada um deve saber se beneficiar com isto. Se

as ordens religiosas fizeram mais santos do que fez a vida do mundo, está nisto, acreditemos, a melhor explicação.

Deixaremos de lado uma parte considerável da vida de nossos heróis se não examinarmos agora dois estados aparentemente muito opostos pelos quais a maior parte deles passou. Eu me refiro, de um lado, a seu espírito de reflexão, sua arte de se interrogar e de se julgar e depois, no outro polo, seu abandono à oração dita passiva, onde parece que a perfeição à qual eles aspiram está subordinada à suspensão de suas operações racionais.

Sabe-se da importância que cada um destes dois estados tem na prática mística. Conhecem-se as longas discussões que eles provocaram, pois aqui a teologia se mistura intimamente com a psicologia. Nada é mais delicado do que interpretar bem estes aspectos característicos das faculdades próprias aos santos.

Os santos se acreditam proibidos de refletir e de estudar? Esta questão pode parecer, justificadamente, bizarra, em uma religião onde a meditação e sobretudo a confissão depois de um exame de consciência têm um lugar bastante proeminente. Mas a verdade, propriamente simples, foi aqui, como em muitas outras matérias, confundida, como que por prazer. Para

recolocar tudo em seu lugar, vamos reler primeiro estes dois artigos da Conferência de Issy, escritos pela caneta de Bossuet:

"XVI – As reflexões sobre si mesmo, sobre seus atos e sobre os dons que se recebeu, que se vê em toda parte praticadas pelos Profetas e pelos Apóstolos para dar graças a Deus por suas benesses e para outros fins semelhantes são propostos como exemplos a todos os fiéis, mesmo aos mais perfeitos e a doutrina que os afastasse é errônea e próxima da heresia.

"XVII – Não há reflexões más e perigosas, a não ser aquelas em que se olha para trás, para as próprias ações e para os dons recebidos, para alimentar o amor-próprio ou buscar uma aprovação humana ou se ocupar muito consigo mesmo"[123].

Esta é mesmo a dupla convicção dos santos. Antes de tudo, eles se examinam, mas por quê?

Para discernir o espírito ao qual eles obedecem, para mensurar sua correspondência com a graça, para dosar, se é que se pode falar assim, o que o amor-próprio ou a sensorialidade podem deslizar de veneno escondido nos tormentos e nas delícias que atuam em sua alma. Longe de fugir do conhecimento sobre si mesmo e afastar da visão o que eles são, eles ousam olhar de frente todos os dons que recebem e retiram

[123] Artigo sobre os estados da oração.

disto __ eu não digo sempre, mas frequentemente __ a consciência involuntária de sua santidade.

Isto é incompatível com a humildade, com a qual eles fazem o fundamento principal da vida cristã?

Não. Encontramos aqui uma das peripécias mais interessantes e, direi de bom grado, uma das mais dramáticas de sua existência espiritual.

Vimos acima as dúvidas ingênuas de São Bernardo sobre seus próprios milagres. Mais de um de seus iguais passou pela mesma provação. Mais de um, vencido pela evidência, teve que reconhecer, ao bendizê-las, as benesses pelas quais Deus o fez santo.

São Francisco de Sales confessou à Sra. de Chantal que sua canonização não era impossível. São Vicente Ferrier anunciou, dizem, a dele e previu, ao futuro Papa Calixto III, que seria ele que a decretaria.

Um psicólogo, que sem dúvida recolheu alguns destes dados, escreveu, ao falar dos santos, que "o orgulho e a humildade se exaltavam reciprocamente em suas almas". Isto é furar um dos dois olhos para enxergar melhor e é, além disto, querer aliar duas expressões incompatíveis.

Não! Os santos não unem o orgulho à humildade, mas eles unem, em sua própria humildade, a consciência refletida do

que Deus fez neles (*realizou em mim maravilhas Aquele que é poderoso*[124]).

São Paulo não tem nenhum orgulho quando escreve: *Eu sou o menor dos apóstolos e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou e a graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles*[125]. Por isto também, ele diz com uma nobre simplicidade: "Eu *vos conjuro a que sejais meus imitadores, assim como eu imito Cristo*"[126].

Quantos outros, depois dele, se dedicaram a descrever o que Deus operou em suas almas!

Santa Catarina de Siena se acreditava obrigada a revelar suas visões ao seu confessor, para que ele julgasse seus pecados sobre as graças que ela recebia. Santa Tereza d'Ávila fazia o mesmo e isto é o que explica os remorsos com que ela nos surpreende e as acusações de infidelidade que ela faz contra ela mesma.

Sim, o santo que tem consciência dos dons recebidos se dá conta perfeitamente dos deveres que decorrem deles para ele. Daí, não o orgulho, mas a ação de graças e a glorificação à

---

[124] Lucas 1: 49.
[125] 1 Coríntios 15: 9 e 10.
[126] 1 Coríntios 4: 16 e 11: 1.

qual se mistura uma muito sincera e muito perspicaz humildade.

Esse hábito de se examinar e se aprofundar constantemente não oferece perigos?

Certamente que sim, mas aqui também é preciso dizer que ninguém compreendeu isto melhor do que os santos e, precisamente porque eles viam de perto os abusos possíveis da reflexão, eles os apontaram em termos com os quais se tentou prevalecer para condenar completa e erradamente a prática da reflexão.

Sobre isto, aconteceu com Santa Chantal algo parecido com que havia acontecido com Santa Tereza d'Ávila, quando ela descreveu muito bem os perigos __ sentidos, mas vencidos __ da tristeza, da melancolia, do sofrimento nervoso. "Eu não ouso reler essa carta, por medo de abrir a porta às reflexões e aos olhares sobre tudo o que se passa em meu interior, por causa da atividade de minha mente", escreveu ela um dia.

Mas não se pode tomar este texto isoladamente. Essa "atividade" que ela teme é a atividade que se enfraquece ao se desdobrar e que, ao se ver agindo muito, altera a simplicidade e diminui a energia de sua ação. "Livre-se das reflexões *inúteis*", escreve ela em outro lugar.

Depois, além das inúteis, há aquelas que são perigosas, porque são inspiradas pela complacência, pelo amor-próprio e talvez também por uma veleidade de preguiça, mais satisfeita em se olhar e se analisar do que em superar suas hesitações ou seu abatimento.

Cada coisa a seu tempo; a grande fundadora relembra isto com uma força singular. “No sofrimento, sofrer; na ação, agir; no prazer, desfrutar humildemente, sem pensar que fazemos falta a este ou aquele, pois é o amor-próprio que faz esta reflexão”.

Ao lado do amor-próprio que seduz o coração está a sedutora do entendimento e do bom senso, ou seja, a imaginação. Dar muita atenção a ela não é provocá-la? Assim, ela disse a uma das irmãs: “Considero que o que se passa em seu interior é de Deus, mas, não lhe dê muita atenção, para evitar a complacência. Não examine curiosamente para ver se sua imaginação tem nisto sua parte, pois *este olhar provocaria isto*”.

Quanta psicologia não há nisto!

E que conhecimento também do coração humano nesta apóstrofe: “Você me disse três coisas muito infelizes sobre nossa noviça: que ela é inclinada ao seu próprio julgamento e vontade, que ela não tem simplicidade e que ela se consome toda em reflexões... Ela é ainda mais perigosa por ter um bom espí-

rito, pois esses grandes espíritos, quando se entregam à devoção submissa e mortificada são capazes de devastar uma casa religiosa. Sim, até mesmo toda uma ordem"[127].

Que se releie agora os dois artigos de Issy e se verá bem rápido como o preceito que eles contêm não passa de um resumo fiel da experiência dos santos, de sua habilidade consumada em colocar tudo em seu tempo e em seu lugar, sem nada exagerar e sem nada sacrificar.

É preciso dizer exatamente a mesma coisa sobre o suposto estado "passivo" da oração ou da quietude ou da união.

Recordemos primeiro que, mesmo nos maiores santos, este estado é sempre transitório e só se torna possível tardiamente. Ele é como o repouso na jornada de um bom trabalhador. Recompensa pelos esforços contínuos, ele reúne e fixa os resultados lentamente adquiridos, mas que não se interrompe e solicita cada vez mais novos esforços, que ficam mais fáceis e mais eficazes.

Escutemos São João da Cruz. Ele nos dirá que, por muito tempo "são necessários imagens, ideias, conhecimentos, raciocínios, oração mental e objetos materiais que impressionam os

---

[127] *Lettres*. Ed. citada, pags. 282, 420, 448, 476 etc.

sentidos exteriores e a imaginação, para dispor à vida interior e à perfeição”[128].

É somente no fim que é conveniente se livrar desta forma natural de atividade mental. Então, entre os dois modos de operação há a mesma diferença que entre uma coisa que se faz atualmente e uma coisa que já está feita, entre o que desejamos adquirir e o que já adquirimos.

“Fora desse tempo... a alma, em todos os seus exercícios espirituais, em todos os seus atos, em todas as suas obras, deve se servir da memória e das meditações, para aumentar sua devoção e a utilidade que recebe dela. Mas, sobretudo, ela considerará a vida, a paixão e a morte do Salvador, para que seus atos e sua vida estejam conformes com este divino modelo”.

Acreditar que a alma do santo pratica habitual e necessariamente a suspensão de sua atividade intelectual é, então, primeiramente, uma opinião contrária aos fatos. Depois, é pouco racional comparar as grandes personalidades a sonâmbulos que recebem sem questionar as sugestões ou as inspirações do inconsciente.

Gentilmente foi aprovada a imagem que forneci sobre a inspiração das pessoas geniais, dizendo que ela é a reflexão acumulada e que se descarrega, como o relâmpago se descar-

---

[128] Edição citada, pag. 145.

rega das nuvens carregadas de eletricidade. Da contemplação dita passiva dos grandes místicos não se pode dizer igualmente que ela é a devoção, a meditação ativa e a resolução... acumuladas?

Não somente "o discurso", como diz Bossuet, ou seja, a sequência das operações discursivas e dos esforços que necessariamente as precedeu, mas no próprio tempo da oração, essa passividade não é universal e nem contínua.

"A alma se dá como a esposa se dá ao esposo. Ela se dá tão ativa e tão livremente quanto Deus se dá a ela, porque Deus eleva a ação do seu livre arbítrio ao seu mais alto nível, para ser escolhida mais livremente. Isto foi o que quis dizer São Clemente de Alexandria, ao dizer que o ser humano predestina Deus, assim como Deus predestina o ser humano[129].

Aí estão as "operações superiores" às operações discursivas. São aquelas das quais Santa Tereza d'Ávila trata tão admiravelmente[130], quando fala das almas que, sem perder (longe disto!) a lembrança e o conhecimento dos mistérios, se tornam capazes de abarcá-los "com um só olhar" e não parecem impotentes para discorrer sobre eles, já que "desfrutam", na imobilidade de seu repouso, de tudo o que suas meditações anterio-

[129] Bossuet. *Des états d'oraison*, I[er] Traité, livre VII.
[130] Ver, sobretuto, o *Château de l'âme,* pag. 499.

res bem gravaram em sua memória e tornaram presentes em suas mentes.

Mas, se ela resume em um ato simples todos os movimentos que o precederam, essa oração torna incapaz de reflexões novas? Bossuet não pensou assim quando escreveu: "Parece que, por sua grande simplicidade, essa oração é menos percebida nela mesma do que em seus efeitos".

Por fim, Santa Tereza d'Ávila encontrou aí a última das moradas do castelo da alma?

Não, pois o que caracterizou o progresso dos cinco últimos anos de sua existência foi a posse, foi o exercício, calmo, sem dúvida, mas mais vigoroso do que nunca, das "forças apostólicas" que sucederam aos arrebatamentos e às visões!

V – A sensibilidade, o amor e a ação.

Há menos preconceitos a dissipar para mostrar que os santos amam muito, ou melhor, que suas almas são todo amor. Mas eu gostaria de estudar primeiro, com algum detalhe, a "sensibilidade" dos santos.

É uma verdade bem estabelecida na filosofia cristã, que a sensibilidade ___ São Tomás de Aquino fala, simplesmente e

em um sentido geral, de paixão __ pertence ao “composto humano” (*Passio per se convenit composito)*[131].

Isto quer dizer que os fenômenos tão complexos do prazer e da dor, da paixão e da emoção são determinados ao mesmo tempo por estados físicos e por estados mentais. Parece-me impossível negar o que a emoção deve aos hábitos da mente, à educação bem ou mal feita, à prática bem ou mal dirigida do raciocínio, às tendências da imaginação, às ideias e, por fim e, sobretudo, às crenças.

Mas não se pode ignorar também o que a sensação das perturbações físicas, dos movimentos circulatórios e dos diversos atos reflexos que envolvem cada um dos nossos órgãos nas modificações de todos os outros trazem de prontidão ou abatimento, de calma ou de intensidade às emoções que agem em nós.

A sensibilidade dos santos não poderia, evidentemente, escapar da lei comum. Ela está inicialmente na dependência do seu temperamento.

Se, por exemplo, as mulheres são, em geral, mais sensíveis e mais emotivas do que os homens, isto será percebido até mesmo nas santas. Se concordarmos com estas palavras de

[131] *Summa totius theologiae*. *Quæstio* XXII Art. II. Algumas pesquisas contemporâneas, ao combaterem teorias demasiado intelectuais, só fazem retomar esta tradição, acrescentando muitos fatos seguramente bem curiosos, mas também exageros pouco sustentáveis. Ver *Le Correspondant* de 25 abril de 1897.

Schopenhauer: “A mulher paga sua dívida à vida, não com a-ção, mas com sofrimento”[132], não poderemos deixar de aplicá-la também às heroínas da Igreja.

Ora, é evidente que a constituição física desempenha aqui um grande papel e este é um ponto sobre o qual me dispensarão de insistir. Mas a existência dos santos não oferece, nas modificações de sua vida física, algo que nos ilumine sobre os movimentos de sua sensibilidade? Isto parece, num primeiro exame, um problema puramente de fantasia. Pesquisemos, no entanto.

Pôde-se acreditar ___ e esta opinião pareceu confirmada por uma lição célebre de Claude Bernard ___ que na sensibilidade tudo se passa entre o coração e o cérebro e que estas são as duas únicas peças do mecanismo da emoção. Seguramente são as duas peças dominantes. É pelo cérebro que a imagem, chegando de surpresa e rejeitada ou, pelo contrário, evocada, retida, acariciada, age sobre os movimentos do coração. Depois, é pelo coração que, sob a ação de uma pressão mais ou menos forte, envia seu sangue com toda força ou o retém. Ele entrega assim o cérebro à estimulação de um afluxo sanguíneo que nos enrubesce ou a uma desaceleração que nos empalidece e nos rouba até mesmo a sensação de nossa existência.

---

[132] A isto, o Sr. Fouillée disse justamente que é preciso acrescentar: “e com amor”.

Mas, não parece que esta seja toda a verdade. Há ainda muitos órgãos que atuam para modificar nossos sentimentos, bem como nossas sensações, pois, de um lado, seus movimentos próprios ou suas secreções afetam os nervos que devem regular o ritmo dos grandes órgãos e, de outro, eles recebem também o contragolpe dos movimentos do coração, quando o sangue lhes é recusado ou muito liberalmente enviado.

Um observador que não é de se desprezar já havia observado isto há muito tempo e o tinha ensinado em seus aforismos sobre a bile, sobre o fel, sobre o baço... A ciência experimental de nossos dias se esforça para nos fornecer o determinismo das diferentes partes do fenômeno, mas ela está muito longe de negá-lo. Talvez mesmo, por sua vez, ela exagere um pouco sua importância, quando, por exemplo, ela diz, sobre certos fatos patológicos ou sobre experiências de anfiteatro que uma anestesia mais ou menos artificial da pele, das mucosas e de certas vísceras poderia levar a um desaparecimento “dos fenômenos afetivos de toda ordem”.

Seja como for, é certo que nossos antecessores não erraram quando atribuíram uma parte tão grande ao coração ou quando reservaram a de outros órgãos. Eles podem ter explicado mal, mas observaram bem.

Eles estavam na verdade quando atribuíram à sensibilidade do coração um papel mais nobre, quando o faziam o órgão da coragem, do amor, do entusiasmo, do sofrimento moral franca e fortemente aceito e quando atribuíram aos outros órgãos uma influência mais marcada sobre os tormentos do ciúme escondido, da inveja secreta, da tristeza torturante?

Tudo leva a crer que sim. Não é uma imprudência explicá-la através do laço estreito que existe entre o coração de um lado e, de outro lado, o cérebro, órgão das imagens mais luminosas, mais submissas à ação de nossa vontade, mais fixadas por nossa livre adesão.

Mas não nos esqueçamos de que a vida humana é um conjunto complexo de ações e reações onde o corpo e a mente modificam alternadamente um ao outro. Se há disposições nativas desta ou daquela parte do organismo que concorrem para uma paixão mais do que a outra, há também hábitos voluntários que irradiam ou aceleram este movimento, que criam mesmo, nessa sensibilidade mista, correntes mais ou menos poderosas.

Muitos hagiógrafos observaram isto em seus personagens: a ira, o ódio, a dor contraem os vasos, diminuem os movimentos dos fluidos e produzem obstruções, enquanto que a esperança, a alegria do amor divino “que é sempre regular, di-

latam o coração e os vasos, ativam o movimento dos fluidos e estimulam o ânimo". Esta é, pelo menos, a velha linguagem, que não está tão afastada quanto se pode crer das teorias da fisiologia contemporânea.

Reportemo-nos agora aos nossos santos. Basta recordar algumas palavras do gênero de vida da imensa maioria deles para ficar convicto de que sua sobriedade, sua continência, suas austeridades simplificaram neles muitos movimentos emanados dos órgãos da vida vegetativa ou animal.

Cada célula dos Cartuxos mostre em sua porta exterior uma divisa latina. A primeira com a qual eu me deparei em minha visita ao grande convento de Dauphiné continha estas palavras: *Estote sobrii, simplices et quieti (*Seja sóbrio, simples e tranquilo).

Bela gradação, na qual o primeiro termo arrasta, necessariamente, aos outros dois! Aquele que fez este resumo estava de acordo com um dos mais engenhosos moralistas da antiguidade.

Por duas vezes Sêneca afirmou que o bem estar é o alimento da ira. "O principal alimento da ira é o luxo e a indolência", ele diz também em outra oportunidade.

Isto é um paradoxo aparente e uma verdade profunda[133], que eu tive mais de uma vez oportunidade de confirmar no mundo do crime, onde, apesar de certos preconceitos mantidos pelos mundanos, é preciso desconfiar menos daqueles que sofrem do daqueles que desfrutam!

Mas, não nos afastemos! Contentemo-nos em sustentar que, pela repercussão fisiológica não menos do que por um conjunto de hábitos impostos a todas as faculdades da própria mente, o apaziguamento dos apetites deve levar ao apaziguamento de uma porção considerável da sensibilidade.

Não acontece o mesmo com o coração propriamente dito e com o modo de sensibilidade que ele governa.

É um documento simbólico, se quisermos, muito instrutivo, seguramente, a autópsia feita[134] em São Filipe Neri. Os órgãos inferiores estavam atrofiados, mas o coração tinha sofrido uma dilatação tal que ele teve, para abrir um espaço, que empurrar uma das costelas e abrir uma espécie de cavidade artificial. Por isto havia nele uma circulação intensa e um calor geral que desafiava todos os frios. Daí também, podemos pensar, os acesos de entusiasmo humorístico entrecortado pelas

[133] Observemos apenas que o luxo é uma coisa relativa e que o que parece mesquinho para um parisiense pode também superestimular o orgulho e a sensualidade de um aldeão.

[134] Por Cesalpino e dois outros cirurgiões célebres da época. O mesmo fato foi registrado nos restos mortais do Pe. de Condren.

efusões de um amor ardente que o fazia dizer: "Nada é tão difícil quanto viver, para aqueles que amam realmente Deus".

Esses fenômenos singulares do órgão fisiológico do coração, sabe-se que são frequentes nos santos. Eu não examino aqui os casos mais extraordinários e aqueles que a devoção católica tem o direito de considerar como realmente sobrenaturais, como a transverberação do coração de Santa Tereza de Jesus e os espinhos do seu coração e como as visões nas quais mais de um místico dizem que o próprio Cristo lhes dava seu coração em troca do seu.

Sem dúvida que não é proibido ver na maior parte dessas histórias o efeito de uma imaginação que, do sentimento de uma perturbação física se deixa levar a uma visão simbólica e a toma inocentemente por uma realidade. Em todo caso, se é verdade que o próprio milagre, para se realizar, coloca em jogo forças naturais, é preciso que o personagem experimentasse uma mudança física naquela parte do seu organismo. Ora, não apenas ele a sentiu, como o resultado da modificação material, tanto no próprio coração, quanto nos órgãos atingidos pelo afluxo sanguíneo e nos estigmas, foram constatados muitas vezes nos processos verbais autênticos.

"Assim que eu o vi (Jesus) claramente com os olhos da alma, como havia pedido, pobre, doloroso, desprezado, eu sen-

ti uma dor pungente, como se meu coração fosse se partir", diz a Bem-aventurada Ângela de Foligno.

Talvez isto seja a expressão um pouco exagerada do que experimentam, nas grandes circunstâncias da vida, os mais sensíveis de nós.

Havia mais em Madeleine de Pazzi. Nosso Senhor lhe apareceu um dia para lhe mostrar seu coração e, a partir daquele momento, "para aliviar o incêndio que a devorava, ela era obrigada a entreabrir seu hábito ou entoar intermináveis palavras que pareciam cantos".

Santa Catariana de Gênova acreditava ter uma chaga no peito. Como remédio, ela muitas vezes levava a mão ao coração, que ofegava. Dezoito anos após sua morte, seu corpo foi exumado e estava intacto, toda a pele estava amarela, "mas a que envolvia o coração ainda estava vermelha".

Sabe-se que fenômenos análogos e mais surpreendentes ainda foram observados nos corações de Santa Joana de Chantal e de São Francisco de Sales.

Essas maravilhas merecem muitos comentários, que foram feitos, aliás, com tanta eloquência quanto autoridade. Aqui e sob o ponto de vista particular que nos ocupa, eu me atenho sobretudo a este: elas nos explicam como a sensibilidade dos santos possui o caráter cordial que se presta, mais do que

todos os outros, a uma estreita união entre corpo e mente, entre o movimento do sangue e o movimento das ideias.

Compreender-se-á agora que o que mais importa para julgar a sensibilidade dessas pessoas de elite não é tanto sua capacidade de ter prazer ou de sofrer; é sua disposição para ter prazer ou sofrer por uma determinada causa ou por uma determinada ideia.

A crença governa o amor, o amor governa as imagens e estas provocam as emoções que traduzem visivelmente os sentimentos interiores. Ora, o mundo acredita de bom grado que o místico se tornou insensível porque este mundo não o emociona mais e o místico acredita, pelo contrário, que foi nos anos anteriores à sua conversão que sua sensibilidade morreu e que foi a graça que o reavivou.

“Então, meu coração estava tão duro que eu poderia ler toda a paixão sem derramar uma só lágrima e uma sensibilidade assim me desolava”, diz Santa Tereza d’Ávila. E, mais adiante: “Essas lágrimas, fruto, de certa forma, de nossos esforços sustentados pelo socorro divino, são de um inestimável valor e não são suficientes todos os trabalho do mundo para comprar uma só delas”.

Quando o santo sofre assim com Cristo, ele deixa de sentir seus próprios sofrimentos? Ele deixa de se emocionar com as paixões comuns da humanidade?

Algumas vezes sim, mas, na maioria das vezes, nas expressões de Bento XIV, o sentido não está extinto e sim apenas submetido. Quer se trate do martírio físico e das torturas materiais que a acompanham ou quer se trate do martírio moral que experimentaram tantas grandes almas, podem ser aplicadas estas palavras de São Bernardo: "Onde está então a alma do valente? Ela está em segurança, pois ela está nas entranhas de Jesus. Se ela estivesse nas suas próprias e fosse procurada com o olhar, ela sentiria o ferro que as perfura, a dor se tornaria intolerável, ela sucumbiria a ela ou a rejeitaria. Mas não nos admiremos se, voluntariamente saída de seu corpo, ela não sente mais dores. A sensibilidade nele não foi aniquilada, ela foi apenas vencida e o que a transformou *não foi o estupor, mas o amor*"[135].

Non stupor, sed amor! Aí está uma frase de uma precisão totalmente latina e, ao mesmo tempo, totalmente científica. Que ela nos sirva para diferenciar cada vez melhor o estado psicológico dos santos do estado daqueles que só tiveram com

[135] *Sermão* 61. Reproduzidas por muitos santos que, sem nenhuma dúvida, encontraram nelas sua própria experiência.

ele uma enganosa semelhança, como os monges budistas, os faquires, os doentes e, já que é preciso citá-los mais uma vez, os histéricos.

O autor dos dois recentes volumes sobre a histeria[136], que chamou Santa Tereza d'Ávila de "a patrona" dos seus doentes, teve que pensar mais de uma vez nela e em seus iguais quando tratou, aqui e ali, das alterações das emoções. Às vezes ele insiste, como seus predecessores, nas emoções "exageradas e pervertidas", das quais os ataques histéricos são geralmente manifestações. Em outro lugar, ele mostra como a emoção familiar do sujeito se desenvolve isoladamente e sem contrapesos.

Esta última observação o leva a outra, que só a contradiz na aparência e que parece muito justa. É que os histéricos têm, na realidade, menos emoções que se acredita, pois "seu caráter principal é aqui, como sempre, uma diminuição dos fenômenos psicológicos... Esses doentes são, em geral, muito indiferentes, ao menos para tudo o que não se relaciona com um pequeno número de ideias fixas... Suas emoções são exageradas, desproporcionais, mas monótonas e pouco numerosas".

Admitirei sinceramente que acredito que, se Santa Tereza d'Ávila __ que forneceu uma tão admirável e exata descrição

[136] Freud.

das quatro grandes formas de melancolia __ lesse estas linhas, ela reconheceria nelas, sem hesitar, o estado de mais de uma das religiosas que ela se via obrigada a cuidar[137]. Mas aqui, mais do que em qualquer outro lugar, não se pode confundir o místico doente com o santo. Quem gostaria, com tal descrição, de encontrar as características tão ricas e tão diversas de uma Santa Tereza d'Ávila, de uma Santa Joana Chantal, de um São Bernardo ou de um São Francisco de Sales?

Eu sei bem que vão dizer: "Seus personagens têm, em presença de um crucifixo, emoções que os perturbarão e ficarão sabendo, sem emoção, de uma revolução que perturbará um país inteiro!"

Admitimos isto. Outros responderão que entre aqueles que fazem esta objeção, mais de um ficará atormentado por ficções inúteis e ficará insensível com a Paixão de Cristo, que salvou a humanidade.

Mas o argumento mais sutil do alienista não estaria escondido nesta parte de sua observação: "Os histéricos perdem

[137] Particularmente da "pobre extática" que ela curou fazendo com que comesse melhor. Eu não temo então comparar também esta lembrança com a passagem seguinte do Dr. Pierre Janet: "Muitas vezes, graças ao repouso, a uma alimentação melhor, mais sono, o doente melhora. Então, ele encontra emoções que tinham desaparecido".

principalmente as emoções sociais, altruístas, que são as mais complexas de todas”[138]?

Pois bem! Os santos perderam essas emoções? Pesquisar isto será penetrar ainda mais na psicologia íntima de nossos heróis, ao mesmo tempo em que terminaríamos de esclarecer os traços exteriores de suas fisionomias e de suas pessoas. Perguntemo-nos então o que amam os santos.

Quem eles amam? Deus, seguramente. Desta verdade ninguém duvida. Ousemos mesmo dizer que se é levado a exagerar neste sentido, quando se diz que eles amam somente Deus.

Aqui também é preciso levar em conta o desenvolvimento gradual da santidade (Platão fala de sua dialética e muitos diriam hoje de sua evolução). Certamente nos enganaríamos se pretendêssemos surpreender e fixar, em certo sentido, a santidade no momento preciso em que ela faz seus mais penosos sacrifícios.

Mas o monge e o religioso só existem a partir do dia em que aspiram cortar os últimos laços que os prendem ao mun-

[138] Elas deveriam sê-lo, em todo caso. Mas, se a afirmação parece exata em teoria, ela o é sempre, de fato? A análise de um La Rochefoucauld simplifica terrivelmente esta complexidade ao reportar todas as inclinações sociais ao amor-próprio. Ora, quais são as almas nas quais se arrisca verificar a fórmula do impiedoso moralista? São as almas vulgares ou as almas dos santos?

do? Santa Chantal só foi santa depois que ela passou sobre o corpo do seu filho?

Seria mais justo dizer que ela cumpriu aí um ato que sua santidade prolongada devia justificar e só ela podia justificar.

São João da Cruz nos disse que é preciso passar por uma certa noite dos sentidos e da memória para chegar em seguida ao dia pleno de uma imaginação e de uma inteligência que iluminam as próprias coisas da terra. Assim, é preciso dizer que o santo passa por uma noite do coração, mas que ele não permanece nela.

No dia seguinte à sua tomada do hábito, uma religiosa escreveu: "Segundo a regra do noviciado, eu rompi todas as minhas correspondências... São principalmente esses sacrifícios do coração, esse desapego universal que Deus pede a nós, pobres jovens, que não temos mais, neste mundo, nem país, nem pátria, nem parentes e nem amigos..."

Mas, ao chegar aí, ela se repreende rapidamente e, sem nem mesmo interromper sua frase, ela prossegue dizendo: "Ou melhor, eu me engano, o mundo inteiro está aberto para nós, já que São Vicente de Paulo nos disse isto e nosso amor envolve o mundo inteiro"[139].

---

[139] Ver *La Vie de la Mère Marie de Sales-Chappui*s (à la Visitation de la rue de Vaugirard), p. 353.

A jovem religiosa falava assim, de fato, a linguagem dos santos. Antes de São Vicente de Paulo, Santa Catarina de Siena gostava de dizer: "O que faz com que os servos de Deus amem tanto a criatura é que eles veem o quanto Cristo os ama e a condição do amor é amar o que ama aquele que amamos". Este é um pensamento que ela repete muitas vezes[140].

Assim, seus contemporâneos falam das inumeráveis reconciliações que ela realizava e que foram uma das causas principais de sua grande influência nos assuntos públicos do seu país. Mas, muitos outros santos também, que só agiram em segredo ou em ações ocultas, expressaram esta mesma verdade: quando Jesus crucificado entra em uma alma, ele traz com ele aquela humanidade com que ele tinha carregado na cruz todas as aflições e todas as esperanças.

A lei da santidade é se desapegar de tudo aquilo em que se compraz somente por amor-próprio. Esta regra é tão absoluta que ela se estende até às "consolações espirituais".

Sim, é um princípio de todos os grandes místicos que "as aridezes e as securas" têm por objetivo e por utilidade principal desapegar a alma, não dos bens sobrenaturais, mas do amor sensorial e pessoal que ela pode lhes trazer.

---

[140] Ver *Lettres*, I, 237 ; II, 327.

Uma vez que o amor-próprio é aniquilado, a barreira cai e não apenas não está mais prescrito se desapegar de tudo, como é ordenado amar tudo, desde que seja “por amor a Deus”.

Vão me interromper aqui para me dizer: “Amar o mundo inteiro é não amar ninguém e esse amor universal é precisamente o que mata as afeições naturais”.

Eu responderei então: é não amar ninguém, praticar a caridade, como fazem os santos, para com os pobres pelos quais eles despem suas roupas e se privam de alimento; para com os doentes, cujas chagas eles beijam; para com os peregrinos e os estrangeiros, para quem constroem hospedarias gratuitas; para com os órfãos e as crianças encontradas, para os quais eles se tornam uma família; para com os leprosos, os sarnentos e os pestilentos, cujo contágio eles enfrentam, sem outra defesa que não seja a fé deles e as orações deles; para com os cativos, que eles resgatam ao preço de suas próprias liberdades; para com os escravos que eles libertam; para com os negros, que eles defendem contra o arrebatamento belicoso do vencedor; para com os cativos das galés ou os condenados à morte, que eles assistem, como fazia a Virgem de Siena; para com as meninas pobres e expostas ao mal, às quais eles oferecem refúgios; enfim e sobretudo, para com os aflitos, os pecadores e as pecado-

ras, pelos quais eles sentem uma piedade apaixonada e a misericórdia de Jesus?

Não há um só pastor, um só apóstolo, um só sacerdote dignos destes títulos que não deva clamar a cada instante do dia com São Paulo: *"Quem é fraco, que eu não seja fraco? Quem sofre escândalo, que eu não me consuma de dor?*[141]... Quem sofre, que eu saiba, seja de que maneira for, sem que eu sofra com ele?"

Quanto às afeições naturais, eu creio que elas estão sempre neles igualmente, embora poderosas diversamente. A maneira particular com que eles as sentem depende das condições do estado nos quais eles se encontram colocados.

Se um santo ou uma santa está preso pelos laços do matrimônio, ele será um modelo para os esposos e, eu diria mesmo, até mesmo para o amor humano. Nem Santa Brígida, nem São Luís, nem Santa Isabel da Hungria, nem Santa Chantal, sejam quais foram os progressos posteriores da santidade deles, eles jamais sentiram qualquer dificuldade em conciliar o amor humano com o amor divino.

Foi pelo primeiro que eles começaram? Não haveria nisto nada de impossível. Todo dever de estado cumprido segundo a lei leva a Deus. É do pai segundo a natureza que a criança se

---

[141] 2 Coríntios 11: 29.

eleva ou se deixa conduzir à ideia do Pai que está no céu. Por que, do amor que ela tem pelo seu esposo segundo a carne, a mulher não se sentiria levada ao amor mais vivo ainda por Aquele que a linguagem mística chama tão frequentemente de Esposo da alma?

São Bernardo escreve textualmente: "O amor começa pela carne e termina no espírito"[142]. E Santa Catarina de Siena, com uma linguagem ainda mais precisa, escreve que nada triunfa sobre o coração humano como o amor, "pois ele foi feito para o amor e é por isto que ele é levado a amar. O ser humano foi feito para amar, tanto na alma quanto no corpo... Por amor, Deus o criou à sua imagem e semelhança. Por amor também, seu pai e sua mãe lhe deram a existência", ela diz.

É verdade que, quando ela desce ao pai e ao esposo temporal, a alma desce com um amor que se depurou. Mas, se depurar não é se diminuir. A concordância, em todo caso, pareceu aos santos tão fácil que esse tipo de movimento alternativo não exigiu deles uma longa preparação e nem longas fases e ele se renovou para eles todos os dias.

Santa Isabel da Hungria se esforçava com seu marido para encontrar os meios de deixá-lo o menos possível, pois eles se amavam, diz um contemporâneo, além do que é possível acre-

[142] *Carta* II, citada em *Vie de saint Bernard*, pelo Abade Vacandard, 1, 183.

ditar (*supra quam credi valeat*). No dia em que, ao remexer na caixa de esmolas do seu marido, ela soube por acaso que ele tinha resolvido partir para a Cruzada, a primeira emoção que ela sentiu foi tão violenta que ela desmaiou. Quando foi preciso que ela ficasse sozinha, ela correu para os instrumentos de penitência e os usava como se só tivesse amor por seu Deus. Assim que lhe anunciaram o retorno do seu marido, ela se vestiu de acordo com seu nível, com o seu melhor, para lhe agradar, mesmo que sua beleza natural e sua afeição recíproca bastasse amplamente para isto. Em seu latim ingênuo e sem temor, as crônicas da época contam que à noite ela se mortificava duramente, para ir em seguida ao leito conjugal com prazer e alegria (*ad lectumque mariti reversa hilarem se exhibuit et jucundam*). Mas, de volta ao serviço a Deus e a seus deveres de mulher, não era somente ao seu marido que ela abria um coração dilatado. Era aos pobres, aos mendigos, aos endividados, aos doentes abandonados e aos moribundos. Às vezes, ela mesma sepultava os mortos nos lençóis de sua própria cama e seguia com recolhimento o caixão do último dos seus súditos.

"Que seja! Mas o que você diz dos santos que romperam com a família e com o mundo?", questionarão.

Eu direi que eles romperam laços queridos para renová-los de outra forma. Eles precisavam renová-los, pois sua natureza lhes pedia isto, tanto quanto seu dever.

A maior parte daqueles que deixam assim seu pai e sua mãe se reconheceriam, eu creio, nestas palavras de Santa Tereza d'Ávila: "Sim, eu digo a verdade. A lembrança ainda está presente em mim. Quando eu saí da casa do meu pai, eu senti como que dores de agonia e não creio que a última hora possa me reservar angústias mais cruéis. Eu senti que todos os meus ossos iam se separar uns dos outros"[143].

Assim, é preciso se lembrar sempre de que, quando a alma do santo retorna à terra e traz, com seu amor natural, o amor novo que ela recebeu no contato com o coração de Cristo, ela distribui ambos segundo as relações que governam os deveres primordiais e segundo aquelas que permite a liberdade das almas.

Não foi somente Santa Chantal que, depois de ter fundado sua ordem, se ocupou menos em casar suas filhas e seu filho e obteve deste último o testemunho[144] que, se ela tivesse permanecido no mundo, seu amor maternal e sua "prudência sem igual" não poderiam ter inventado nada de melhor para ele do

[143] *Sa vie*, p. 30.
[144] Ver Mgr Bougaud, *Histoire de sainte Chantal*, II, 39. Cf. ib., 417.

que o que ela soube encontrar para ele. Não foi somente ela que continuou a amar os seus com uma intensidade tal que a dor que ela sentia pela perda deles ou mesmo com as dores que eles sentiam, por sua vez, pela perda de um marido ou de um filho, colocava em perigo sua própria existência. Também a grande carmelita, do fundo do seu convento, acompanhou seus irmãos e irmãs, os estabeleceu e os casou, se interessou por seus assuntos e os aconselhou.

Para o simples crente, como a família que continua além da terra seria diminuída perante a fé? O que será então para uma santa que pode contar o que contou Santa Tereza d'Ávila, fornecendo ao menos o símbolo das preocupações íntimas do seu coração: "Eu me senti transportada ao céu e as primeiras pessoas que eu vi lá foram meu pai e minha mãe".

Tais almas não devem somente dizer que "ninguém tem espírito demais", elas devem estar ainda mais convencidas de que ninguém tem amor demais e que, desde que se abasteça na verdadeira fonte, ninguém pode faltar para nenhuma criatura que seja.

O primeiro destes dois sentimentos, eu encontro não apenas em Santa Catarina de Siena e Santa Tereza d'Ávila, mas no severo fundador de Saint-Sulpice. Consolando o Marquês de Fénelon, depois da morte de sua mulher, ele lhe diz: "Meu

caro filho, sua Madeleine foi para junto de Deus, onde ela vive para você e onde ela espera seu coração, sabendo que lá ela não pode ser amada demais”[145].

Assim, eu direi que, quando duas almas já estão “em Deus”, elas não podem se amar demais. Este é, certamente, o pensamento do Pe. Olier e o dos santos.

Quanto ao segundo sentimento, ele irrompe no amor ingênuo que tantos santos tiveram até mesmo para com os animais. As efusões de São Francisco de Assis ao falar com suas irmãs as andorinhas são bem conhecidas e só há um erro ao admirá-las, que é ver nisto um fenômeno totalmente excepcional, característico de um doce sonhador, de uma alma inocente, mais terna e mais poética do que é habitualmente a alma de um santo.

O fogoso e terrível São Bernardo, um homem tão duro para com ele mesmo, não podia contemplar uma dor, uma fraqueza, uma enfermidade, física ou moral, sem ser tomado por uma imensa compaixão. Observou-se que ele não podia assistir às exéquias de um estranho sem chorar. Sua humanidade, diz um de seus biógrafos, se estendia até aos animais irracionais e até aos animais selvagens. À visão de uma lebre perseguida por cães ou de um pobre passarinho ameaçado por um pássaro

[145] *Lettres*, I, 515.

predador, seu coração se fechava e não deixava de traçar no ar um sinal da cruz, para salvar os inocentes animaizinhos[146].

Assim, esta sensibilidade mesma, a sensibilidade emotiva que eles amortizaram inicialmente neles mesmos, se recusando toda complacência, ela é reencontrada mais tarde neles, mas mais rica e mais delicada pela violência do amor deles e pela extensão indefinida da caridade eles.

Ela é encontrada até mesmo com uma condescendência amável pelos prazeres leves que fazem com que a vida seja amada, diz Alfred de Musset ou que, pelo menos, ajudam a suportar os encargos muito pesados. Esses prazeres, nenhum santo busca voluntariamente para ele mesmo, mas, por necessidade, cada um se empenha em propiciá-los aos outros, sobretudo se eles forem jovens ou doentes ou aflitos.

Santa Clara e Santa Tereza d'Ávila se levantavam expressamente para irem preservar do frio as suas irmãs cujas saúdes as preocupavam. São Francisco de Assis fazia quase que um milagre para oferecer ao seu médico "um bom jantar", para o qual as reservas do monastério forneciam poucos recursos. Em troca, quando o mais austero se vê rodeado de consideração por um dos seus, ele aceita e agradece a Deus por lhe ter dado um bom companheiro.

[146] V. Vacandard, obra citada II, 514.

Como se admirar então com essas “amizades” dos santos, às quais um escritor célebre quis consagrar um livro inteiro? Como se admirar que “na história da maior parte dos santos que exerceram uma ação reformadora e durável sobre as instituições religiosas, é encontrado sempre o nome e a influência de uma santa mulher associada à sua devoção e ao seu coração”... Santa Paula ao lado de São Jerônimo, a Condessa Mathilde ao lado de São Gregório VII, Santa Clara ao lado de São Francisco de Assis, Santa Tereza ao lado de São João da Cruz, Santa Chantal ao lado de São Francisco de Sales?

Mas é tempo de abordar o amor que transfigura todos os outros: o amor a Deus.

Mas, considerarei sobre ele somente dois aspectos: pesquisarei a relação que ele tem com o sofrimento e a relação que ele tem com a ação. É, de fato, por isto que o amor dos santos se diferencia não apenas do amor profano, que busca acima de tudo o prazer, mais também do amor “quietista” dos falsos místicos.

“Jamais duvidei de que o centro do cristianismo estivesse no sofrimento”, escreve o Pe. Olier. À sua confidente de então __ uma santa mulher chamada Marie Rousseau __ ele confessa, no entanto, suas angústias e apreensões que causam as pre-

ocupações da vida. Ele as suporta __ é preciso dizer? __ com a maior coragem.

Em outra carta, dirigida ao seu diretor e que veio pouco depois, ele dá a razão que a primeira apresenta ao espírito: “Infelizmente! Como é fácil amar quando se tem prazer! Mas amar ao sofrer é o que é difícil e é o que me parece ser a verdadeira marca do amor”.

Amar ao sofrer. Isto pode ser entendido de duas maneiras. Pode-se aceitar o sofrimento com resignação, com vistas à beatitude a ganhar para si e para os outros. Este é um primeiro degrau que os santos não tardam em superar e este que acaba de falar o superou bem rápido.

Depois de ter aceitado sofrer, o que ainda está ao alcance de muitos sábios e almas de temperamento forte, ele se oferece para sofrer. Para quê? Aqui também há graus.

Esse sofrimento pode inicialmente ser amado como uma condição, não de uma recompensa concedida a um tipo de devoção mercenária, mas da eficácia dos esforços realizados com vistas a um objetivo que vale, por ele mesmo, todos os sacrifícios da humanidade.

“Torne-se semelhante ao seu chefe, o doce Jesus, que sempre, desde o começo do mundo até o fim, quis e quererá

que nada de grande se faça sem muito sofrimento"[147], disse Santa Catarina de Siena a Urbano VI.

Por mais heroicas que sejam estas palavras, é lícito pensar que, ao escrevê-las, a virgem inspirada vislumbrava ainda no Pontífice Rei algum sentimento terreno, como o amor à glória, que ela tentava manipular.

Mas o santo se eleva a um novo grau quando ele diz que, no fim das contas, as grandes coisas, é Deus quem as realiza pelas mãos humanas. Então, ele chega a desejar o sofrimento unicamente para consumar nele tudo o que mantém um impulso qualquer pessoal que tende a separá-lo Daquele ao qual ele quer se unir.

"Eu dizia comigo: 'Senhor, só posso lhe testemunhar meu amor sofrendo. Infelizmente, Senhor, este é o meio que vi de lhe testemunhar meu amor! Meu sofrer lhe dará esta segurança'", lemos nas cartas do Pe. Olier.

Não acreditemos que este heroísmo não tenha na natureza humana nenhuma raiz[148]. O soldado valente tende a sofrer por sua pátria e sua glória. A pessoa de estado apaixonada pelo

---

[147] *Lettres*, I, 83.

[148] Encontro em um folhetim dramático de Jules Lemaître (*Débats* de 11 de agosto de 1895) estas linhas memoráveis: "Oh, fecundidade maravilhosa da dor! Sim, é ela que faz o coração de Jocelyn tão profundo, tão grande, tão terno. Nas almas elevadas, o poder de amar gera o sofrimento que é seu sinal e medida e o sofrimento, por sua vez, cresce e exalta o poder de amar, de sorte que eles logo possam ser preenchidos e satisfeitos apenas levando em conta, por meio do amor, todos os sofrimentos dos outros".

poder do seu país lamenta os momentos de distração que lhe impõem as convenções da sociedade. Não é ao mais positivo deles, Lorde Palmerton, que se atribuem estas palavras irônicas, mas profundas: “A vida seria ainda tolerável, se não fossem os prazeres”.

Acharemos agora tão insensatos todos os santos que, carregados de preocupação pelo Reino de Deus, repetem as palavras de Santa Tereza d’Ávila: “Somente os sofrimentos podem, daqui por diante, me tornar a vida suportável. Sofrer. É para isto que tendem meus desejos mais caros. Quantas vezes, do mais íntimo da minha alma, eu elevo este clamor para Deus: ‘Senhor, sofrer ou morrer, esta é a única coisa que vos peço’”[149].

Não me parece exagerado dizer que, após ter aceitado assim, após ter se oferecido assim para sofrer, o santo não está ainda satisfeito, se ele não vai em busca do sofrimento. É isto o que se chama de ascetismo.

Faz-se uma ideia falsa dele, eu creio, ao menos para o que diz respeito aos santos, quando se vê no ascetismo apenas a consequência de um desgosto estéril pela vida ou apenas uma mortificação que tem em vista suprimir as tentações mais grosseiras da carne.

---

[149] *Sa vie*, 531. Cf. Olier, *Lettres*, 1, 390.

Ascetismo, segundo a etimologia da palavra, quer dizer exercício. O asceta é então um ser que se exercita; mas no que?

Dizem: primeiro suportar pacientemente o sofrimento, depois, enfrentá-lo, apesar das repugnâncias da natureza e, por fim, amá-lo.

Que seja! Isto é uma gradação que acabamos de seguir há pouco. Mas é evidente que o santo, ao sofrer voluntariamente, se exercita também em outra coisa: ele se exercita no querer e no agir e este é o momento de recordar que, na psicologia teórica dos santos, o amor e a vontade são uma única e mesma coisa.

Uma psicologia superficial ou que só estude almas muito afastadas daquelas que nos ocupam professa que é o prazer que estimula a ação e que é a dor que a interrompe.

Sim, a dor interrompe a ação quando ela esgota as forças. Ela a interrompe quando os sofrimentos que ela aviva são temidos e quando não se pode ou não se sabe fazer com que eles sirvam para algo. Ela o interrompe, enfim, quando o esforço se choca com um mal inevitável ou irreparável.

Mas os sofrimentos dos santos não conhecem nenhum destes três casos. Se às vezes eles esgotam as forças do corpo, eles não esgotam as da alma, pois eles são mesmo o produto do vigor de uma alma amante, ou seja, ávida por devoção e sacri-

fícios. Eles não desencorajam a ação que serve para renová-los, já que, ao fazê-lo, eles renovam o que precisamente a alma deseja, como a mais alta perfeição que ela possa atingir neste mundo. Por fim, eles não colocam a alma em presença do irreparável, já que eles lhe dão, pelo contrário, o meio mais eficaz de reparar a natureza e de encaminhá-la para seu estado ideal.

Este estado, sem dúvida, colocado no outro polo da vida (da vida total), é a beatitude suprema que o pressentimento sustenta e consola. Assim, se misturam na alma do santo um começo de felicidade que se manifesta por uma alegria constante[150] e, ao mesmo tempo, um sofrimento que não apenas não é temido como é buscado e provocado.

Esta é a união de dois estados bem opostos aparentemente. Uma união incompreensível por aqueles que só veem a humanidade na monotonia da vida aborrecida e sem sentido. Uma união perfeitamente compreensível e cientificamente explicada por quem se inspira em uma psicologia completa, ou seja, que abrange todas as partes da alma humana e que as vê em sua ordem de excelência.

---

[150] Essa alegria pareceu tão ligada ao estado de santidade que Bento XIV fez de sua presença constante na vida do servo de Deus uma das condições da beatificação.

O ponto culminante da vida santa é então a ação. Mas, longe de ter chegado aqui ao fim de um estudo completo, parece que só estamos em seu limiar, pois, por mais sublimes que sejam as palavras que expressam os sentimentos dos santos, são por seus atos, sobretudo, que a humanidade os julga. São por seus atos que, entre os próprios céticos, eles são celebrados e admirados.

Como precisamos, no entanto, terminar, contentemo-nos em resumir e concluir, mostrando como a aptidão à ação e o poder de ação estão estreitamente ligados nos santos a todos os fenômenos que estudamos até aqui.

"Faz muito quem ama muito"[151], diz a **Imitação**. O amor propriamente, o amor tomado como um impulso da alma, ao mesmo tempo rico e muito pobre, que busca se dar e se completar, o amor é ativo e ele merece o que disse o pio escritor[152].

"Ele não sente sua carga e os trabalhos não o fatigam. O impossível não lhe serve jamais de desculpa, já que ele acredita que tudo lhe é permitido e possível".

Mas, não se pode esquecer que "é próprio do amor transformar a alma na coisa que ela ama". É por isto que aqueles

---

[151] *A imitação de Cristo*. Livro I, 15, 2.
[152] Thomas a Kempis, supostamente.

que se interessam por uma alma tremem por ela, até verem para onde deve ser dirigido seu amor.

Ora, a alma dos santos ama Deus e o Filho de Deus. Por isto, longe de ser afastada da ação, ela é arrastada para ela por sua vontade de seguir a cruz ou de carregar aquela que lhe coube. Ela diz, como Santa Catarina de Siena, que o próximo lhe foi dado para mostrar o amor que ela tem por Deus, pois, na impossibilidade de prestar serviço, como ela gostaria, ao Bem Supremo, ela é feliz em fazer isto, como ela pode, servindo, segundo seu estado, o próximo caro ao seu Deus.

Se, no cumprimento desta tarefa, ela desfruta do que ela chama de ternura e doçura, ela é reconhecida Àquele que lhe propiciou isto. Mas, se este sentimento lhe for recusado, ela diz que o amor verdadeiro está na devoção gratuita e não no sentimento de prazer desfrutado, pois, nas expressões de todos, como São João da Cruz e Santa Tereza d'Ávila, o amor está, antes de tudo, na força e na eficácia. Amar Deus é servi-lo com humildade, com força e com justiça.

A ação é também imposta aos santos por seu desejo de sofrimento e, sobretudo, por sua maneira de compreender o sofrimento. O que eles amam, de fato, não é o sofrimento passivo, não é a tristeza. Eles não têm expressões suficientes para estigmatizá-los e proscrevê-los.

Como São Francisco de Assis, eles verão nisto o “mal babilônico”. Como Santa Catarina de Siena, eles denunciarão nisto o efeito da ação de Satanás, cuja vontade expressa é fazer a alma cair “no aborrecimento, na perturbação, na tristeza e nos escrúpulos de consciência”, quando ele não conseguiu desenvolver a sensualidade que “afasta a constância e torna o coração estreito, fraco e covarde”. Como o Pe. Olier, eles encontrarão nisto um estado de alma inevitavelmente levado a reclamar logo as consolações de sentimentos que, embora pretendendo se dirigir a Deus, não deixam de ser diversões nascidas da carne e da mentira. Mais familiarmente, eles dirão como Santa Tereza d’Ávila: “Não há nada que eu tema tanto quanto ver nossas jovens perderem esta alegria de alma. Eu sei o que é uma religiosa descontente!”

Os sofrimentos que os santos amam ___ vimos isto acima ___ são os sofrimentos ativos, são (as palavras retornam a cada instante em suas bocas) os sofrimentos do parto. Sim, parto de uma alma que nasce e renasce à vida espiritual; parto de uma pátria; parto de uma cidade nova; parto de uma instituição que o ódio quer impedir de nascer; parto de uma ordem laboriosa, instruída, caridosa; parto de uma igreja. Será falar também a linguagem de todos os verdadeiros místicos dizer que um parto assim é o produto e o sinal do amor.

A ação dos santos é alimentada pela contemplação. Isto não é um paradoxo. O Sr. Renan contrapôs os santos às pessoas de ação, sob o pretexto de que os primeiros são idealistas, pessoas de contemplação e de oração. Seu erro é o de muitos outros[153]: nem por isto ele é menos grave e impressionante.

Primeiramente, como vimos, há uma faculdade que permanece não apenas intacta, como forte, na imobilidade da contemplação mais elevada: é a vontade intelectual. Os sentidos, a memória, a imaginação, o raciocínio, a vontade afetiva podem ser paralisados ao menos por um tempo, mas a ação simples da vontade, que é o dom livre de si mesmo, jamais o é na "oração". Esta é a tradição dos verdadeiros místicos.

Depois, é preciso sempre ver os fatos psicológicos em seu desenvolvimento e em sua sequência. A contemplação está então estreitamente ligada ao amor e ao amor ativo. Ela é o efeito de um amor já exercitado e já intenso; ela é a inspiradora e a diretora de um amor ainda mais ardente.

Foi de dentro de sua vida tão ativa que São Gregório Magno disse: "Quando se quer chegar à cidadela da contemplação, é preciso começar por se exercitar no campo do trabalho. Todo aquele que quer se consagrar à contemplação deve,

[153] Ele não foi compartilhado por Henri Martin, que disse muito bem de Joana d'Arc: "A séria criança já oferecia a mistura de meditação solitária e poderosa atividade que caracteriza os seres prometidos a grandes missões".

necessariamente, se interrogar à fundo, para saber até que ponto ele pode amar, pois é o amor que é a alavanca da alma. Só ele pode elevá-la e, ao arrancá-la do mundo, lhe propiciar todo seu voo".

Aqui, o trabalho precede a contemplação, mas logo, a contemplação, por sua vez, demandará o trabalho e o tornará mais eficaz. Como, de fato, estar associado à Paixão do Salvador, como ter afastado de si tudo o que impedia ver e adorar seus sofrimentos, sem se sentir chamado a partilhá-los, no mesmo espírito e para o mesmo fim, para o resgate da humanidade?

A contemplação serve ainda à ação, porque, segundo a experiência dos santos, somente ela pode formar como que um reservatório de ideia, de amor e de energia que será forçado a dar seu transbordamento.

"O canal espalha tudo o que ele recebe logo que o recebe e o reservatório espera ser enchido...", diz São Bernardo.

"Infelizmente, temos hoje na Igreja muito poucos reservatórios e muitos canais, almas ávidas por governar antes de saber governar a elas mesmas", ele acrescenta.

Enfim, o poder de ação que admiramos nos santos é devido ao estado de sua inteligência, à solidez e à nitidez de sua fé.

Eu disse que, certos do objetivo a que eles tendem, eles são circunspectos e prudentes com os meios que eles empregam. Esta é uma nova diferença que há entre eles e os céticos. Estes tomam os primeiros meios que chegam, mas se desencorajam rápido, porque logo se perguntam: “Para que serve?”

O santo, precisamente porque hesitou, refletiu, duvidou, mesmo antes de agir, não duvida e nem hesita, uma vez a ação iniciada.

“Quando se age puramente por Deus, ele permite que a alma experimente não sei que tipo de medo, no momento em que ela aborda a ação”, diz Santa Tereza d’Ávila. Mas Santa Tereza d’Ávila teria tomado de bom grado, para si mesma, esta outra máxima de sua irmã italiana, que diz que o servo de Deus “não vira a cabeça para trás, para olhar o arado”[154]. Ela devia também singularmente gostar deste conselho de Santo Inácio: “Jamais mudar, no tempo da desolação, as resoluções que tomou antes de cair nela. Tentar mudar somente suas disposições interiores, ou seja, a própria desolação”.

Antes de terminarmos, vamos nos deter nesta máxima, que é uma das mais maravilhosas que jamais um condutor de almas formulou.

[154] Catarina de Siena. Carta 176.

O que é, primeiramente, cada um destes dois estados? Não é necessário dar a eles outra definição além daquela do autor dos **Exercícios**. A tradição não data dele, mas ele a fixou em traços imortais: “Eu chamo de consolação a todo aumento de fé, de esperança e de amor e toda alegria interior que chama e atrai a alma para as coisas celestes e para o cuidado com sua salvação, a tranquilizando e a pacificando em seu Criador e Senhor. Eu chamo de desolação o contrário disto: as trevas e a perturbação da alma, a inclinação para as coisas baixas e terrenas, as diversas agitações e tentações que a levam à desconfiança e a deixam sem esperança e sem amor, triste, morna, preguiçosa e como que separada do seu Criador e Senhor”, ele diz.

Assim, os santos consideram que o “o bom espírito” é aquele que faz predominar a alegria, mesmo no meio dos sofrimentos aceitos e buscados e que o mau espírito é aquele que faz predominar a dúvida e a tristeza no meio dos prazeres sensoriais.

Estamos longe do “aguente e se abstenha” do estoicismo! O santo diz ao seu discípulo o que ele diz a ele mesmo: “Você está sem confiança e sem estímulo? Desafie-se! Foi o mau espírito que o capturou! Você tem o coração no alto e se sente alegre e forte? Siga em frente, pois é Deus que está com você!”

Existe um meio mais infalível para arrastar a alma à ação? Pois começar com uma ação resoluta e se fortalecer com o sentimento de alegria viril que se experimenta com ela é, certamente, mais seguro que iniciar com um prazer qualquer para arriscar entorpecer o coração e amolecer a energia.

Vamos agora a esta conclusão prática: aproveitar-se da desolação, como de um castigo, de uma provação e de uma lição; reagir contra ela através da reflexão e da penitência, mas reagir sobretudo através da constância das resoluções que se tomou. Enfim, jamais renunciar a estas últimas quando elas tinham sido tomadas em um tempo de consolação.

Se não nos colocássemos apenas em um ponto de vista totalmente humano do sucesso, a eficácia de tal regra já apareceria como vitoriosa sobre todos os arrependimentos inúteis e sobre todas as deficiências momentâneas.

Em vão se objetaria que seria perigoso confundir a consolação e a ilusão e que a consolação é talvez para alguns a visão mais clara das dificuldades e dos obstáculos. Esta dupla confusão os santos não fazem. Vimos o quanto ele têm que praticar a dúvida prévia, quando essa dúvida tem razões, pois, segundo a Escritura santa, há um tempo para tudo. Há um tempo para a hesitação e há um tempo para a resolução. Se a execução en-

contra dificuldades, é preciso se examinar com mais cuidado e rezar com mais ardor.

Por quê? Para colocar tudo em questão?

Não! Mas para encontrar, com luzes novas, um acréscimo de forças e de alegria que permita levar a um bom fim a ação iniciada.

Graças a uma atitude assim, nada se perde das menores forças constituídas nos impulsos da fé, da esperança e do amor; nada se deixa atingir pela tristeza ou pela dúvida. A ação, confiante e segura, à qual elas se entregam, serve, ela mesma, para reconstituí-las.

É desta forma que o otimismo dos santos, que é o único otimismo racional, é, ao mesmo tempo, a maior força do mundo.

No que ele é empregado? Todas as obras de caridade que cobrem o mundo dizem o suficiente sobre isto. Elas o diriam mais alto ainda se esse amor que a pessoa de Deus traz ao mundo não fosse repelido pelo mundo.

São Bernardo descreve assim a vida ativa: “A vida ativa é dar pão àquele que não tem, é ensinar ao próximo as palavras de sabedoria, é reconduzir ao caminho correto aquele que se afastou dele, é recordar aos orgulhosos a humildade, aos inimigos, a concórdia, é visitar os enfermos, é sepultar os mortos,

é resgatar os cativos e os prisioneiros, é cuidar, enfim, para que cada um tenho o que lhe é necessário”[155].

Que campo um programa assim não abre aos santos de todos os tempos e, ousamos dizer, aos santos que Deus pode nos reservar para o futuro!

Dar pão àquele que não tem não é somente fazer uma caridade banal, é organizar todas as obras, é criar todos os modos de associação e de previdência que devem assegurar a todos o pão cotidiano!

Visitar os doentes é oferecer aos progressos da ciência o apoio caritativo sem o qual os próprios prodígios da medicina e da cirurgia falhariam muitas vezes diante da incúria e diante da miséria.

Restabelecer a paz é intervir, pelos meios que permitiam outrora e que permitem ainda hoje, se quiserem, aos pastores de almas, de salvar o princípio da família, inspirar a concórdia nos estados cristãos, de desarmar as impiedosas concorrências, de fazer com que seja praticada em toda parte, igualmente e de boa fé, as condições de um trabalho sábio, humano e moderado.

Os cativos __ ou melhor, os prisioneiros __ a serem consolados, infelizmente aumentam nas prisões com o número

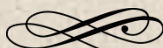
[155] *Traité de la manière de bien vivre.*

dos criminosos que trabalham para a desorganização universal. Somente um santo fundador de uma ordem aceita pela sociedade civil poderia, em nossos dias, assegurar a reabilitação dos culpados e lhes preparar uma reinserção útil nesta sociedade que tenta em vão se livrar do seu contato.

Aí está a vida ativa do servo de Deus. Para mantê-la e desenvolvê-la, precisamos de toda luz, toda pureza, toda reflexão, todo amor, todo espírito de sacrifício e, ao mesmo tempo, de toda alegria que as almas dos santos parecem conter.

Duas ordens de evolução acontecem na terra. Inácio de Loiola descreveu uma delas com brevidade, quando enumerou estes três termos: a carne, o mundo, Satanás. A carne com suas concupiscências e seus retornos à animalidade; o mundo com seus ciúmes, suas lutas, suas iras; Satanás ou a sugestão exterior de todos os vícios dos quais todos querem se fazer cúmplices e garantir prosélitos indefinidamente.

Para termos o segredo completo e abraçarmos o claro resumo da vida santa, tomemos os três termos opostos: o espírito, a Igreja, Cristo. O espírito, mestre e pacificador da carne retoma seu lugar; a Igreja, assembleia de todas as pessoas de boa vontade; Cristo, enfim, modelo eterno em quem encontramos toda nossa humanidade, mas reparada e transfigurada.



Créditos

Título original: *Psychologie des saints* (1897). Prêmio Juteau-Duvigneaux da Académie Française en 1899.

Autor: Henri Joly.

Tradutor: Souza Campos, E. L. de

Índice

Psicologia dos santos 2
Prefácio 2
I – A ideia de santidade nas diferentes religiões. 4
II – A natureza no santo. 54
III – Os fatos extraordinários da vida santa. 80
IV – Os sentidos e a imaginação. A compreensão e a contemplação. 145
V – A sensibilidade, o amor e a ação. 180
Créditos 221
Índice 222